
Beijos
Inesperados
Series
Livro 1
TAMARA
Gill
Um Beijo
de Verão

UM BEIJO DE VERÃO

BEIJOS INESPERADOS, LIVRO 1



TAMARA GILL

Translated by

EVELYN TORRE

TAMARA GILL

CONTENTS

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Epilogue

Querido(a) Leitor(a)
Também por Tamara Gill
Sobre a Autora

COPYRIGHT

Um Beijo de Verão
Beijos Inesperados, Livro 1
Escrito por Tamara Gill
Copyright © 2021 Tamara Gill
Todos os direitos reservados
Distribuído por Tamara Gill
Traduzido por Evelyn Torre
Design da capa © 2021 Wicked Smart Designs

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como reais. Quaisquer semelhanças com pessoas, vivas ou mortas, eventos reais, locais ou organizações é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Sem limitar os direitos autorais reservados acima, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou introduzida em um sistema de recuperação, ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro), sem a permissão prévia por escrito do proprietário dos direitos autorais e do editor deste livro.

DEDICATÓRIA

Para quem adora verão e beijos.

SINOPSE

Órfã desde tenra idade, a Srta. Louise Grant passou a vida servindo à duquesa e, assim, poder prover para os irmãos mais novos. Agora, não mais necessária como dama de companhia da duquesa, Louise conseguiu um emprego em York. Entretanto, em sua última noite em Londres, sua reputação é destruída quando um Marquês bêbado e desordenado confunde o quarto de Louise com o da amante.

Luke, o Marquês Graham está determinado a nunca mais ser atormentado pela ousadia de amar. Entrar sem querer no quarto da Srta. Louise Grant destrói seus dias de solteirão quando ele é pressionado a se casar com ela. No entanto, o marquês frio e distante sabe que nunca terá um casamento feliz; sua nova e atraente esposa nunca vencerá as muralhas em torno de seu coração.

Tentando tirar o melhor de um casamento ruim, Louise tenta ir além do rosto gelado do marquês. Mas quando o infortúnio os atinge, e Luke volta a ser frio e distante, Louise não se vê disposta a desistir da possibilidade de amor. Afinal, o gelo derrete quando cercado pelo calor.

CAPÍTULO 1



A SRTA. LOUISE GRANT dobrou o último de seus itens não mencionáveis e colocou-os na maleta de couro de viagem, que sua amiga mais próxima e confidente a duquesa de Carlton — Mary para as amigas íntimas —, deu como um presente de despedida. Louise desabou na cama, olhando para a mala, e lutou contra o formigamento das lágrimas que ameaçavam cair.

Não havia muito mais o que fazer. Mary estava casada agora e não precisava mais de companhia. No entanto, seria muito difícil se separar. Elas se fizeram companhia desde que Louise estava com oito anos e foi enviada para ser amiga e companheira da jovem Lady Mary Dalton, quando esta estava em Derbyshire.

O quarto que ela recebera na casa da duquesa em Londres agora mostrava-se vazio de bugigangas e dos desenhos feitos ao longo dos anos, tudo embalado em baús para serem logo despachados para o norte, para uma família em York. Seis crianças a esperavam lá, precisando de ensino e orientação, e ela só esperava se sair bem com a nova posição. Ela precisava garantir que fosse assim, já que seus irmãos dependiam de sua renda.

Decerto não deveria ser tão difícil passar de acompanhante a aia e tutora. Com sorte, talvez se ficassem felizes com seu trabalho, quando a filha mais velha de Sir Daxton atingisse a maioridade e saísse para ter a primeira temporada, talvez pudessem empregá-la como companheira mais uma vez. Sem dúvidas, ela precisava de estabilidade no emprego e faria tudo ao próprio alcance para garantir que permanecesse com a família de Sir Daxton. Com dois

irmãos para cuidar no chalé da tia em Sandbach, Cheshire, era fundamental que ela obtivesse sucesso neste novo emprego.

Mary entrou apressada no quarto, e parou quando avistou os baús embalados. Os ombros dela encolheram.

— Louise, você não precisa ir embora. Por favor, reconsidere. Casada ou não, é minha amiga e não quero vê-la em nenhum outro lugar a não ser aqui.

Louise sorriu, estendendo a mão para Mary.

— Não precisa que eu fique pendurada em suas saias. Está casada agora, é uma esposa, e tenho certeza de que o duque a quer só para ele.

Um rubor tomou conta das bochechas de Mary, mas ela persistiu, balançando a cabeça.

— Você está errada. Dale quer que fique tanto quanto eu. Seu irmão e sua irmã são bem cuidados por sua tia. Por favor, não nos deixe.

Louise deu um tapinha na mão dela, e ficou de pé. Por mais que Louise amasse a amiga, Mary não sabia que a tia dependia muito do dinheiro que ela ganhava aqui como acompanhante. Que sem tais fundos a vida deles seria muito diferente do que era agora.

— Eu preciso ir. Sir Daxton está me esperando, então devo.

Mesmo que a ideia de deixar tudo o que ela conhecia a assustasse e a deixasse nauseada. Mary pode desejar que ela fique, mas não há mais nada para ela aqui. De verdade, não. Os irmãos estavam bem acomodados, eram felizes na escola da aldeia, aperfeiçoando-se. Os seis filhos de Sir Daxton precisavam de orientação e ensino, e ela não podia decepcioná-lo, nem a esposa dele. Eles ofereceram um pagamento generoso e, com o pouco extra que obteria deste emprego, ela esperava que os irmãos, com o tempo, se mudassem para mais perto. Um lugar que ninguém

poderia arrancar de debaixo deles ou forçá-los a se separarem outra vez.

A memória dos oficiais de justiça arrastando os pais para a rua… a mãe gritando e implorando para darem mais tempo. Mesmo agora ela conseguia ouvir os gemidos da mãe, enquanto jogavam todos os parcos pertences deles na rua, os demais moradores apenas olhando, encarando e sorrindo com malícia ante uma família que se desmanchava.

Nenhum deles se ofereceu para ajudar e, sem nenhum outro lugar para ir, foram morar com a irmã da mãe, uma viúva sem filhos em Cheshire. O golpe para a família foi tanto que os pais não puderam tolerar, nem aceitar. O pai tirou a própria vida, e a mãe o seguiu apenas alguns dias depois. A tia disse que ela morrera de coração partido, mas Louise muitas vezes se perguntava se ela se matou como o pai.

Poucos dias após perder os pais, Louise foi colocada em uma carruagem e transportada para Derbyshire, para a propriedade do Conde de Lancaster. Tendo trabalhado lá uma vez, a tia ainda conhecia a governanta e havia conseguido um emprego para ela desta forma.

Ela devia muito à família do conde e à tia. Seria eternamente grata pela educação, amor e cuidado que lhe dispensaram, mas a parte deles já estava feita. Era hora de ajudar-se, partir em uma nova direção, assim como Mary fizera ao se casar com o duque de Carlton.

— Muito bem. — os olhos de Mary brilharam com lágrimas não derramadas, e Louise a puxou para um abraço.

— Voltaremos a nos ver e escreverei para você todos os meses, para dizer o que está acontecendo e como estou me saindo.

Mary enxugou a bochecha, fungando.

— Por favor, escreva. É minha melhor amiga. Uma irmã para mim em todos os sentidos, exceto sangue. Eu odiaria perder você.

Louise pegou a valise e a colocou em cima de um de seus muitos baús.

— Agora, não deveríamos nos preparar para seu primeiro baile em Londres esta noite? Como a recém-nomeada Duquesa de Carlton, deve estar simplesmente perfeita.

— E você também, querida. — Mary caminhou até a campainha e chamou uma criada. — Também parecerá uma duquesa esta noite. Não perdi a esperança de que algum cavalheiro se apaixone à primeira vista por você, e nunca mais terá que pensar em York ou Sir Daxton e as seis crianças.

Louise riu.

Como sentiria falta da amiga e da esperança sem fim dela, de que alguém propusesse casamento. Contudo, as chances de tal bênção ocorrer eram quase zero. Ela era a acompanhante de uma lady, sem nobreza no sangue, ou dote. Talvez ela encontrasse o filho de um cavalheiro em York, um homem que a amasse pelos poucos recursos que ela possuía: uma boa educação e amigos em posições importantes. Um homem que acolheria os dois irmãos dela, e seu estado de pobreza e os apoiaria como ela estava tentando fazer.

— Só podemos ter esperança. — disse ela, fazendo graça. — Decerto tentarei, se não para meu próprio bem, então com certeza para o seu, Vossa Graça.

Mary sorriu.

— Com certeza, é o que eu gosto de ouvir. Agora, o que devemos fazer com seus cabelos…

CAPÍTULO 2



OS PRIMEIROS BAILES da Temporada de Londres aconteceram durante toda a semana, e o duque e a duquesa de Carlton foram anfitriões de um deles. Um evento para os sentidos, com flores de estufa em todas as superfícies que o salão de baile poderia tolerar. Centenas de velas acesas nos quatro lustres que percorriam toda a extensão da sala. O chão estava tão polido que era possível ver o próprio reflexo nele. Nada foi poupado para tornar a estreia de Mary na cidade tão bem-sucedida quanto a nova Duquesa de Carlton.

O baile estava lotado, exatamente o que se queria ao dar uma festa. Louise parou na lateral do salão, um pouco atrás de Mary, e observou enquanto a amiga e o duque cumprimentavam aqueles que compareciam, a mão do duque nunca deixando o arco das costas da amiga dela.

Ela sorriu pelo amor deles, e se virou para observar a *Sociedade* em ação. Por mais que tivesse que pensar no futuro e na segurança dela mesma, do irmão e da irmã, ela precisava admitir que sentiria falta desta vida. Ser a companhia de uma dama trazia vantagens, e raras foram as vezes que ela precisou fazer o trabalho braçal que o serviço requeria. Mary não aceitava que ela o fizesse.

Quando chegasse a York, ela duvidava que ela algum dia teria um momento de paz com seis crianças sob os pés. Contudo, se esse fosse o preço que precisava pagar para manter a própria família segura, alimentada e vestida, então é o que ela faria.

Os acordes da primeira valsa soaram, e o duque pegou na mão de Mary, levando-a para o centro do salão. Louise deu um passo à

frente, pegando o champanhe de Mary.

— Divirtam-se. — disse ela aos amigos, satisfeita em apenas assistir.

Uma risadinha percorreu os espectadores, e Louise se virou para ver o marquês Graham, o amigo mais próximo do duque de Carlton, fazer uma reverência a Lady Clara Quinton, a mais velha e única moça entre os filhos do duque de Law. A jovem debutante balançou o leque de seda com motivo floral diante do rosto. Os olhos dela, tímidos ao fingir estar decidindo se dançava com ele ou não.

Louise revirou os olhos. Poucas eram as que não dançariam com o marquês, inclusive ela. Chamar o homem de bonito era eufemismo, ele era quase bonito demais para o gosto dela. Se tal coisa fosse possível. Os cabelos escuros eram um pouco mais longos do que estava na moda, e tocavam nos ombros nas poucas ocasiões em que ele os deixava soltos. Esta noite, estavam amarrados com uma fita preta, e os dedos dela coçavam, para puxar o laço e observar os fios caírem e ela poder sentir a maciez que sempre imaginou que teriam.

Lady Clara cedeu e colocou a mão na dele, caminhando para se juntar à valsa.

Louise observou enquanto ele puxava a jovem mulher para os braços com perícia, da maneira escandalosa que fazia a Sociedade fofocar que ele pediria a mão da mulher em casamento. Decerto se sentiam muito à vontade um com o outro, e Lady Clara era, sem dúvida, um bom partido. Uma herdeira de sangue nobre há quinhentos anos, ou assim disse a acompanhante de Sua Senhoria, inúmeras vezes em eventos como esse.

Ela suspirou.

Que maravilhoso seria se houvesse homens como o marquês em York. Com certeza melhoraria a perspectiva de vida dela se ela

pudesse ao menos sonhar que um dia se casaria com um homem tão belo e ser feliz.

Devido à paixão enlouquecedora, duas mulheres de pé ao lado dela se aproximaram de Louise. Ambas se viraram para olhar feio para as pessoas causadoras da chateação. A conversa delas chegou à Louise e, por um instante, ela violou as próprias regras de etiqueta e se pôs a ouvir. Afinal, era a última noite dela em Londres. Que mal faria ouvir a conversa alheia por um minuto ou dois?

Ela lançou um olhar furtivo na direção delas e reconheceu a viúva, Lady Margaret Scarboro e uma amiga, cujo nome escapava de Louise no momento. O tom de Sua Senhoria era fervilhante, baixo e trêmulo enquanto falava de Lady Clara, que dançava com o marquês.

A amiga de Sua Senhoria lançou um olhar frio ao casal que dançava, e era evidente que ela também não gostava da escolha do marquês como parceira de dança tanto quanto a dama a quem acompanhava. Louise refletiu por um instante. Lady Scarboro era viúva, de modo que era factível que ela nutrisse alguma ternura para Lorde Graham. Decerto, se a vexação de Sua Senhoria fosse qualquer indicação, o marquês não deveria perder tempo com mulheres tão fracas e inocentes que talvez o aborrecessem até a morte apenas um mês após o casamento.

Calor subiu pelas bochechas de Louise à insinuação de tal discurso. Ela abriu o leque, refrescando-se. Embora ela desconhecesse os pormenores do assunto tratado por Lady Scarboro, não era difícil supor o que as palavras significavam. Louise se afastou, distanciando-se para que ninguém pensasse que ela fazia parte da conversa.

Ela não precisava que nada se interpusesse entre ela e sua partida para York na manhã seguinte, e com certeza, ela não

precisava deixar Londres com a *Sociedade* fofocando que ela tomara parte no processo de calúnia de uma de suas estrelas mais iluminadas. Lady Clara sorriu para o marquês, um brilho divertido nos olhos azuis. A jovem estava apaixonada por ele, era óbvio para quem quer que olhasse na direção dos dois. Com certeza, a fofoca deve ser verdadeira. Seria uma questão de tempo até se casarem, e ela desejava boa sorte nesta empreitada.

CAPÍTULO 3



LUKE ASHBY, o marquês Graham, cambaleou pelo corredor da casa do duque de Carlton em Londres, contando as portas enquanto caminhava. Os olhos lacrimejavam de tanto uísque, e o corredor flutuava como um pêndulo em um relógio. Ele parou, segurando-se na parede para se apoiar enquanto o mundo ameaçava virar de cabeça para baixo e o derrubar sentado.

Ele respirou fundo, o pensamento da deliciosa viúva Lady Scarboro que o esperava em um quarto era o que o mantinha de pé. Ela o provocou e o tocou a noite toda, o calor naqueles olhos o suficiente para chamuscar a pele em alguns momentos. Os toques incandescentes em sua pessoa o deixaram com poucas dúvidas quanto ao que ela queria. O único afago, firme e eficiente, no pênis dele durante o jantar, escondido pelo tampo da mesa, mesmo agora o fazia latejar.

Luke respirou fundo para se acalmar, forçando-se a sentir-se à altura do desafio de fazer a visita de Sua Senhoria à cama dele fosse algo de que ela se lembraria por muitos anos e, talvez, ela permitisse que repetissem o encontro por esta mesma razão.

Ele sorriu ante o pensamento, continuou a andar e, graças aos céus, encontrando a quinta porta a partir das escadas, como ela o instruiu. Ele olhou de um lado a outro do corredor, esperando que ninguém sentisse falta dele no baile, ainda em pleno andamento no andar de baixo.

Uma pequena contração de consciência o atormentou ao pensar em se deitar com uma mulher em um dos quartos do amigo, mas

pensar nela envolvendo-se nele, guiando-o para seu corpo quente e desejoso expulsou tais dúvidas.

Sem bater, ele entrou no quarto indicado, e ao fechar a porta se manteve no limiar por um instante. Esperando que os olhos se acostumassem à escuridão. Conseguia distinguir mais ou menos a forma na cama, uma presença escura no quarto. Nenhuma vela acesa para iluminar o caminho, e a lareira não estava alta o suficiente para permitir que ele enxergasse com clareza.

Droga, ele quebraria o pescoço caminhando para a cama.

— Margaret. — sussurrou ele, aproximando-se com cautela. — Margaret. — ele repetiu mais alto desta vez e passou a mão pelos cabelos. — Não me diga que adormeceu. — ele murmurou.

Se fosse esse o caso, a reputação dele de libertino alcançaria níveis infernais, e ele jamais conseguiria voltar a enfrentar os amigos no White's.

Uma mulher adormecer ao se deitar com ele era escandaloso!

— Está dormindo? Pensei que tivéssemos outros planos.

Ele baixou a voz, tirando o casaco superfino e jogando-o de lado. Com rapidez, ele se livrou do colete e, estendendo a mão atrás da cabeça, puxou a camisa pelo corpo.

Ele estendeu a mão, tendo dificuldade de se agarrar à cama e, por fim, sentindo as texturas suaves dos cobertores, subiu. Os lábios dele se curvaram, e o pênis inchou de leve, ansioso embaixo dele. Ele correu a mão pela perna dela, apertando um pouco, gostando das linhas longas do corpo dela.

Margaret rolou de costas, um suspiro de satisfação escapando pelos lábios.

— Estou aqui, querida. Acorde, temos jogos para brincar. — Luke rastejou até estar em cima dela por completo, tocando-a com a boca até beijá-la.

Assim que seus lábios tocaram os dela, os lábios mais suaves que ele já sentiu na vida, a mente confusa pelo álcool reconheceu que algo estava errado. Terrível e incorreto.

A mulher embaixo dele ficou rígida, os lábios franzidos e apertados, sem um grama de vontade de ceder. Ele franziu a testa, recuando.

— Não me diga que mudou de ideia.

Um grito rasgou o ar, penetrante em intensidade.

Ele congelou, chocado com o som ensurdecedor e se afastou, tentando descobrir quem era a mulher que gritava “assassino” embaixo dele.

Luke engatinhou para trás, incapaz de sair de cima dela rápido o bastante. A porta foi escancarada e bateu contra a parede com tanta força que o fez xingar. A luz do corredor além concedia certa visibilidade no quarto. O duque e a duquesa o olharam com horror abjeto e para consternação de Luke, decepção nublou os olhos do amigo.

— Houve um erro. — ele ergueu a mão, interrompendo as passadas de Carlton na direção dele. — Dale. — disse Luke, se abaixando para pegar o colete e a camisa. — Pensava ser Margaret na cama. — ele sussurrou, se encolhendo conforme mais espectadores paravam à porta.

Ele fez uma careta, olhando para trás em direção à cama, franzindo a testa enquanto tentava localizar a mulher que o encarava, os ferozes olhos azuis cheios de fogo. Luke vestiu a camisa, colocando o colete às pressas e fechando os botões.

— Vejam só! — uma voz feminina ronronou da porta. — As calças do Marquês Graham estão abertas. Ora, ora, senhor. Está um tanto indecente enquanto tantos podem vê-lo.

Os dedos de Luke voaram para as calças, e ele amarrou a frente das ceroulas. O buraco em que ele estava ia se alargando, e ele afundando a cada minuto.

Querido Deus, como sairia dessa bagunça?

A duquesa entrou no quarto, caminhando até a mulher.

— Você está bem, Louise? Nós a ouvimos gritar.

A mulher lançou um olhar rancoroso para ele.

— Estou bem, Mary. — ela disse, mexendo-se na cama. — Não sei o que está havendo. Estava dormindo e quando despertei havia um peso tremendo em cima de mim e o cheiro terrível de suor e álcool.

Luke emitiu um som de deboche.

— Eu não sou fedido, senhora.

Alguém limpou a garganta, e Luke encontrou a sobrancelha levantada de seu amigo.

— Creio não ser esse o ponto, Graham.

Maldição.

Luke olhou para o teto, para qualquer lugar, menos para os muitos rostos assistindo o que estava acontecendo da porta.

O duque se aproximou de todos.

— Voltem para o baile. Vamos nos juntar a todos vocês em breve.

Margaret, Lady Scarboro, deu um passo à frente, impedindo o duque de bloqueá-los.

— Espero que o marquês faça o que é certo e peça a garota em casamento. Arruinar alguém de maneira tão insensível, uma inocente com irmãos a considerar. Margaret balançou a cabeça, e Luke cerrou os punhos ao lado do corpo.

Como ela ousou.

Era ela quem ele deveria encontrar, e agora estava jogando a carta da honra e da honestidade. Suntuoso vindo de uma mulher conhecida por trair o marido no casamento.

Os que rodeavam Sua Senhoria resmungaram em acordo, olhando-o como se esperassem que ele fizesse o sugerido, se ajoelhasse e propusesse. Ele não faria isso! Luke olhou para a duquesa que havia colocado um robe para cobrir a mulher ao lado dela. A garota não era uma debutante e, embora ele já a tivesse visto, não conseguia se lembrar de onde.

O duque fechou a porta com um estrondo retumbante, mas não desviou a atenção da duquesa nem de sua companhia, que falava em voz baixa e rápida.

— Lady Scarboro não parecia saber que você a encontraria. Se pudermos confiar no que ela acabou de atestar de você. — o duque caminhou até a lareira e se sentou em uma cadeira de balanço. — No entanto, prefiro acreditar em você a acreditar em Sua Senhoria. O histórico de mentiras e enganos dela me permite tal presunção. Mesmo assim, você e a Srta. Grant foram encontrados juntos na cama, e para piorar, suas calças estavam abertas. Línguas trabalham enquanto nos falamos aqui, e se quisermos limitar os danos à Srta. Grant, só vejo uma solução.

— Não me casarei com ela.

— Não me casarei com ele.

A resposta de ambos se combinou em uma recusa única, e Luke deixou escapar um suspiro de alívio por não estar prestes a ser amarrado a uma mulher que ele não conhecia, ou havia ouvido falarem em seu círculo social.

Ele estremecia ante a ideia de se casar, de ter uma esposa e talvez filhos no futuro. Tendo ficado órfão muito jovem, ele não precisava mais desse apoio e cresceu dependendo apenas de si

para a maioria das coisas. A avó dele sempre estava lá, pairando como um fantasma, porém, ela também morrera, e ele estava sozinho.

Exatamente como ele preferia que fosse. Casamento não se encaixava nos planos dele.

O duque o olhou de maneira fixa, impassível, e pânico percorreu a pele dele.

— Sabe que não planejo me casar, Carlton. Explicaremos que eu apenas entrei no quarto errado, e essa confusão estará terminada.

— No entanto, não termina assim, não é mesmo, Graham? A *Sociedade*, neste exato segundo, está espalhando pela cidade o que viram aqui esta noite. A reputação da amiga da minha esposa estará arruinada.

Luke localizou o paletó, o pegou e o vestiu.

O rosto da jovem estava pálido, os olhos azul-escuros arregalados após o anúncio de que sua reputação estava perdida. Culpa o assaltou, mas ele se forçou a não se importar. Ele jamais deveria ter concordado em subir e se divertir um pouco com Lady Scarboro.

A presunção de Sua Senhoria foi um vislumbre diante dos olhos dele e o cegou. Ela planejara isso para ele? Havia planejado forçá-lo a aceitar uma mulher que estava muito distante dele em posição social?

— Está sugerindo que eu me case com ela. — Luke respirou fundo para se acalmar. Isso não poderia estar acontecendo.

— Se não fizer isso, a Srta. Grant ficará arruinada. — o duque se aproximou do fogo, sustentando o olhar dele. — Você é melhor do que isso, Luke. — ele disse, usando o nome de batismo dele. — Deve fazer a coisa honrada.

Ele engoliu a bile que subiu para a garganta.

O quarto se fechou em torno dele, a pele formigou antes que suor frio corresse pela espinha. Nunca quis se casar. Tal caminho o levaria à dor e ao desespero, e ele não iria passar por tal emoção outra vez.

A duquesa e a Srta. Grant falavam baixinho ao lado da cama, a Srta. Grant o fulminaria se a oportunidade lhe fosse oferecida. Ele olhou para os pés, encolhendo-se. O que ele diria ao primo? Haviam feito uma promessa, um pacto de que o título iria para o parente, herdeiro dele após a morte de Luke. Uma esposa significava a possibilidade de ter filhos, de uma família dele.

Ele passou a mão pelos cabelos. A ideia o deixava com repulsa. Se ele de fato descobrisse que foi enganado por Lady Scarboro, iria garantir que ela fosse condenada ao ostracismo pela *Sociedade*.

— Srta. Grant, parece que meu erro nos levou a iminência de matrimônio. Eu me casarei com você e peço desculpas por qualquer problema que possa ter causado à senhorita. Não era minha intenção.

Ele lançou um olhar para a Srta. Grant, observando enquanto a duquesa falava no ouvido da jovem. A mulher não era infeliz na aparência, os cabelos eram de um castanho-avermelhado muito profundo, e os olhos eram grandes e redondos, sobrancelhas de um arco perfeito acima deles. Os lábios carnudos estavam definidos em uma linha descontente, mas mesmo aquela posição revelava duas covinhas em cada lado das bochechas.

Não, a Srta. Grant não era tão ruim em relação à aparência, mas sim em educação, um dote inexistente. Bem, aí estava um assunto totalmente diferente.

Ele jamais se perdoaria por este erro.

Ela suspirou.

— Muito bem. — disse ela, erguendo o queixo. — Eu me casarei com você, mas apenas porque não me deram outra escolha. Não espere nada de mim.

Luke ergueu uma sobrancelha.

A palavra *espinhosa* flutuando pela cabeça dele.

— Ótimo, pois não deve esperar nada de mim também.

O duque bateu palmas, atraindo a atenção de Luke de volta para ele:

— Combinado então. Estão noivos.

CAPÍTULO 4



UMA SEMANA SE PASSOU, e o marquês ainda não havia voltado para se casar com ela. Deixara uma carta para o duque dizendo ter ido ao *Doctors Commons* em Londres para obter uma licença especial do arcebispo de Canterbury. Um procedimento que pode levar algum tempo e uma boa quantidade de guinéus se o que Mary disse for verdade. Mesmo assim, uma semana parecia excessivo, até para Louise.

Ela estava sentada sozinha na sala de estar do duque e da duquesa. Um livro fechado e não lido no colo, a capacidade de fazer qualquer coisa além de pensar sobre o marquês Graham imprestável.

Neste exato momento, ela deveria estar em York, começando a nova vida e garantindo a segurança dela e dos irmãos. Ela suspirou, colocando o livro em uma mesa próxima e se levantando. As cartas dela para a família já deveriam ter chegado a Sandbach, e saberiam que a situação deles havia mudado.

Ao longo da semana, Louise teve muito tempo para pensar na mudança de circunstâncias e, uma pequena parte dela, a parte do bom senso estava feliz porque o casamento era iminente. O irmão e a irmã voltariam para a cidade para morar com ela, e ela poderia garantir que tivessem um futuro melhor do que poderia até então. Daria a vida que os pais não puderam dar. Uma vida onde nenhum deles precisaria se preocupar se jantaria ou não na noite vindoura. Se conseguiriam encomendar um novo casaco de inverno ou botas.

As perspectivas melhoraram para todos a partir do instante em que a tia conseguiu o cargo para ela junto ao conde de Lancaster,

mas, ainda assim, Louise sempre desejou mais para eles. Eram boas pessoas e mereciam apenas o melhor.

A mente dela vagou para o marquês. Um casamento com um homem tão poderoso na *Sociedade* nunca foi seu objetivo. Um simples cavalheiro do campo teria sido muito bom. Ele era muito bem-visto nos altos escalões da sociedade, mesmo tendo uma reputação perversa quando se tratava de mulheres. Ela estremeceu, sem saber se conseguiria atender aos padrões dele tanto na Sociedade quanto em sua cama.

Como dama de companhia, ela estava sempre presente, mas excluída. Não fazia parte da comunidade, nem era vista, raramente se direcionavam à sua pessoa, e quase sempre era ignorada pela Sociedade em que circulava. Claro, Mary nunca a tratou dessa forma, sempre tentou incluí-la e garantir que ela fosse feliz, mas as amigas de Mary não fizeram o mesmo, e foi mais fácil se fundir aos papéis de parede de seda do que ganhar sobrancelhas levantadas quando ela compartilhava informações ou opinião própria acerca de um assunto que não consideravam adequado que ela tivesse conhecimento.

Um lacaio com libré verde-garrafa bateu e entrou na sala. — Chegou uma carta, Srta. Grant.

Ela pegou a missiva, reconhecendo que o selo era de Sir Daxton. Louise quebrou o selo e leu depressa.

~

SRTA. GRANT,
Recebemos a notícia de que foi encontrada em uma situação comprometedora com o Marquês Graham. Por favor, considere esta carta como rescisão do nosso acordo de viagem para vir trabalhar

para minha família. Como cristão, aproveitarei esta oportunidade para expressar que seus pecados não serão perdoados por Deus e sugiro que se arrependa de tal comportamento e busque perdão antes que sua alma seja condenada à danação eterna.
Sir Daxton

— Bem. — disse ela em voz alta, lendo a nota mais uma vez, para se certificar de que entendeu o que lia.

Havia escrito para Sir Daxton, explicando que a situação havia mudado, mas estava claro que a parte escandalosa do noivado havia chegado aos ouvidos dele. O marquês notificou no jornal que eles iam se casar. Claro que não em breve, se ela fosse receber tais cartas de pessoas em York de todos os lugares. Toda a Inglaterra havia sido informada da queda dela?

Maldito marquês e sua incapacidade de evitar provar a carne feminina por uma noite.

Se Sua Senhoria a tivesse arruinado de verdade, ela poderia entender tais reações das pessoas, mas ser acusada, envergonhada por um evento que ela não tomou parte era inaceitável. Ela ainda era donzela, pelo amor de Deus.

Mary entrou na sala, vozes masculinas a acompanharam. Louise se virou para ver o duque e o marquês Graham entrarem nos calcanhares de Mary. Olhando para além deles, ela avistou um homem idoso de cabelos finos e grisalhos, escovados para trás com a ajuda de algum tipo de pomada para mantê-los no lugar. O rosto enrugado vira muitos anos, e ele cambaleou sala adentro, mancando, mas decidido.

— Prepare-se, Srta. Grant. Estamos prestes a nos casar. — o marquês aproximou-se dela, examinando-a como se fosse um cavalo que inspecionava para o estábulo. — Não é o melhor dos vestidos, mas sob tais circunstâncias, terá que servir.

— Graham. — a duquesa o repreendeu, pegando a mão de Louise e apertando-a um pouco. — Não seja tão rude. Caso tenha se esquecido, a razão para minha amiga estar nessa situação é porque você não conseguiu se comportar por uma noite.

Louise fungou, erguendo o queixo.

— Eu estava pensando a mesma coisa antes de você se juntar a mim.

O marquês segurou a mão dela, colocando-a no braço, e conduziu-a até onde o padre esperava diante da lareira. Louise olhou para a mão dela no braço dele. Os dedos sem luvas, ela não havia pensado que se casaria hoje, em uma sala de visitas. Se a mãe dela estivesse aqui, sofreria um choque terrível por ela estar sem luvas no dia do casamento.

Medo a percorreu com a realização. Este era o casamento dela. Ela estava se casando com o marquês Graham, o que significava que esta noite seria sua noite de núpcias. Ela engoliu em seco, o som dos batimentos cardíacos era alto em seus ouvidos, abafando as palavras do padre.

O padre murmurou durante a cerimônia, e Louise, como se ouvisse de uma distância remota, respondeu quando necessário. Tudo aconteceu muito rápido, e logo o padre os declarou marido e mulher. O marquês a analisou, e ela ergueu o queixo, ignorando o fato de que não era o tipo de mulher com quem ele se casaria em circunstâncias normais.

Ela pode não ser um diamante da Sociedade, rica e de boa linhagem, mas também não era a culpada. Estavam nesta posição

devido ao libertino diante dela, e era culpa dele ser obrigado a se casar com uma mulher sem posição alguma e o que mais fosse.

A respiração dela ficou presa na garganta e, por um segundo, ela pensou que ele poderia se inclinar e beijá-la. Em vez disso, ele se virou, apertando a mão do duque e aceitando um beijo na bochecha de Mary. O sorriso dele não ter nenhuma emoção não deveria doer, mas doeu. Ela mesma disse a ele para não esperar nada dela, e ele não deveria.

Mesmo assim, ser tão indesejável não era o que uma noiva, fossem quais fossem as circunstâncias, desejava sentir no dia do casamento.

— Creio que champanhe seja uma boa pedida para brindar ao novo marquês e marquesa Graham. — disse o duque, voltando-se para um lacaio próximo e pedindo as bebidas.

O lacaio obedeceu, e em poucos minutos, uma taça de cristal foi entregue a cada um deles. Mary ergueu a taça, sorrindo.

— Ao casal feliz. Que tenham boa-venturança e — Mary fixou o marquês com o olhar. — que você saiba que presente recebeu neste dia.

Calor subiu pelas bochechas de Louise, e ela olhou para os sapatos, para qualquer lugar, exceto para o marquês ou o duque que, sem dúvidas, desejava que sua esposa se comportasse. Louise quase bufou com a ideia. Mary não era mulher de receber ordens.

O champanhe era gelado, frutado e refrescante, e a coisa mais agradável dentre os acontecimentos recentes. Ela lançou um olhar furtivo para o marquês. Ele usava um terno azul Royal diurno. O lenço atraía a atenção para o pescoço e para os ombros largos de Sua Senhoria. Ele era um cavalheiro alto, um homem sem defeitos, alguns diriam, mas ele tinha um defeito sim.

E era ela. O casamento dele com ela.

Louise terminou a bebida.

— Devo ficar aqui, Lorde Graham, ou devo me mudar para sua casa hoje?

Não havia sentido em não discutir o elefante na sala. Ela e onde ela dormiria. É claro que ela preferiria viajar para York em vez de se casar com um ogro assim. Este não era o tipo de casamento que ela pensava ter. Mesmo que só viesse a se casar com um homem de poucos recursos, ela sempre esperou que houvesse afeto entre eles. Nenhum dinheiro no mundo, e o marquês possuía bastante dinheiro, todos sabiam, poderia fazer alguém feliz.

Os olhos dele se arregalaram e não foi difícil dizer que ele não pensou tão longe quando decidiu que hoje seria o dia do casamento deles.

Ela ergueu a sobrancelha.

— Devo providenciar que meus baús sejam enviados, ou deseja ter mais uma noite como noivo em vez de marido?

Mary riu e transformou a reação em uma tosse discreta. O duque olhou para a esposa, balançando a cabeça.

— Deve voltar comigo, é claro. Mary logo enviará seus pertences. Já contratei uma criada para você, e ela vai atendê-la ao chegar.

Foi a vez de Louise ficar surpresa, mas ela controlou as feições, não queria que ele soubesse que ela não acreditava que ele pensaria em alguém que não ele mesmo.

— Muito bom.

O marquês olhou para todos, e Louise se sentiu muito pouco inclinada a ajudá-lo a preencher o silêncio constrangedor que havia caído entre eles. A situação não era ideal, e como ninguém estava

feliz com o que aconteceu há menos de meia hora, ninguém estava disposto a comemorar.

— Bem, então, suponho que devemos ir. — disse ele, colocando a taça de champanhe na mesa.

Louise assentiu, voltando-se para Mary e o para o duque.

— Obrigada por tudo que fez por mim ao longo dos anos, Mary. Sempre serei grata.

Mary dispensou o agradecimento com um aceno de mão, puxando-a para um abraço.

— Nada disso. Sempre fomos irmãs e continuaremos sendo, mesmo sendo casadas.

Louise retribuiu o abraço, piscando para conter as lágrimas que ameaçavam cair por deixar a amiga, a casa dela, um lugar onde sempre se sentiu bem-vinda e respeitada. Partir e viajar com Lorde Graham, entrar em uma casa onde os criados, sem dúvida, conheciam o início duvidoso da união deles, seria humilhante. Decerto pensavam que ela havia armado e enganado o marquês.

— Lembre-se, Louise, seja fiel a si, e o marquês logo verá que se casou com uma joia rara entre as bijuterias da *Sociedade*.

Louise deu uma risadinha.

— Veremos, suponho. Contudo, em qualquer caso, aproveitarei ao máximo o casamento e darei o meu melhor.

Mary a soltou, e elas se dirigiram para a porta por onde o duque e o marquês já haviam passado.

— Sei que sim e espero, de todo meu coração, que encontre a felicidade. Sei não ser o que queria e lamento que tenha acontecido, contudo, outro lado meu, um lado egoísta, suponho, não posso deixar de ser grata por tê-la na cidade. Na verdade, uma vizinha do outro lado do parque.

— Tão perto? — Louise disse enquanto chegavam aos degraus da frente.

Mary apontou para a Praça Grosvenor, para a fileira de casas geminadas do outro lado do gramado.

— O marquês mora naquela grande propriedade com porta preta, então nos veremos com frequência, e quero que seja o máximo possível.

Louise sorriu.

— Eu sei e agradeço. Devo visitá-la ainda esta semana e tomaremos chá.



LUKE ESTUDOU a Srta. Louise Grant, agora Louise Ashby, a marquesa Graham, sentada em frente a ele na carruagem, a atenção fixa em algum lugar fora da janela. Ele passou o dia refletindo, no noivado e derradeiro matrimônio a que ele estaria preso até a morte, e ele criou um plano que combinaria com todos os envolvidos. Até com Louise ele tinha certeza.

Ele a levaria para a propriedade rural em Kent, a acomodaria na residência da família Graham e voltaria para a cidade, terminaria a Temporada, os deveres parlamentares e voltaria para a Residência Ashby no outono. A carruagem balançou na esquina, indo para a estrada ao sul de Londres, e ele viu o instante em que ela questionou a direção deles.

— Mary disse que sua casa ficava do outro lado do parque. Não voltaremos para lá, meu senhor?

Ele desviou o olhar dela, não gostando de que ela parecia muito bonita no vestido diurno, os olhos arregalados e brilhantes com a pergunta.

— Viajamos para Kent esta noite, não muito longe de Maidstone, na verdade. Minha propriedade não fica longe de Londres, quatro horas de carruagem. Sua bagagem chegará amanhã.

Ela franziu a testa.

— Mas Mary disse… Quer dizer, pensei que moraria com você. Em Londres.

Ele riu com desdém, e ela se encolheu.

Ele ignorou o aperto de consciência por ferir os sentimentos dela mais uma vez e se esforçou para ignorar as próprias emoções.

O que Louise esperava, afinal?

Ele avisou que daria muito pouco ao casamento, e ela também. Este não era um casamento por amor, ou mesmo um casamento leve de afeto. Eram apenas duas pessoas forçadas a se casar devido ao erro de julgamento dele, e às visões mesquinhas da Sociedade.

Ele passou a mão pelo rosto. Ser forçado a se casar apenas porque entrou no quarto errado era um absurdo. Que ele era casado, um legítimo solteiro da *Sociedade*. Era bem conhecido entre seus amigos que ele nunca desejou se casar ou gerar herdeiros. Ele havia determinado que o primo ocuparia essa posição e as responsabilidades.

O pai dele, que Deus tenha sua alma, não ficaria satisfeito com a decisão de vida dele, mas ele apenas não conseguia encontrar em si o desejo de tais coisas. Não que não gostasse de crianças, vários de seus amigos se casaram e tiveram filhos, mas pensar que poderiam ser levados em uma fração de segundo, devido a uma doença ou um acidente…

Ele tremeu.

Não.

Ele não queria passar por tanta dor de cabeça.

Perder os pais e a irmã foi dor suficiente para uma vida. Ele não queria passar por isso outra vez.

— Ela estava enganada. Viajaremos para a Residência Ashby, e é onde você vai ficar. Claro que não vou me impor a você esta noite, embora a consumação seja recomendada, mas temos tempo para essas questões. Não precisa ter medo de mim nesse ponto.

O olhar dele viajou mais uma vez pelas curvas deliciosas e femininas dela, as mãos delicadas que descansavam, sem luvas, no colo. Ele precisaria garantir que ela estivesse bem-vestida. Mandaria a melhor modista de Londres fazer um novo guarda-roupa para ela. A esposa dele jamais seria miserável e sem senso de moda.

Os olhos dela brilhavam com fogo.

— Não tenho medo de você, meu senhor. Pode dormir comigo ou não, faz pouca diferença para mim.

Ele voltou toda a atenção para ela. Um tom leve e rosado beijava-a nas bochechas. Ele reprimiu um sorriso. Ela pode falar com franqueza e sem ressalvas, mas as palavras a envergonharam um pouco.

— Deseja que eu vá até você esta noite? Irei, é claro, mas não sem sua aprovação. Não seria uma tarefa árdua, posso assegurar, e prometo fazer valer a pena.

Ela se mexeu no lugar, dando uma fungada de dispensa para ele.

— Deixarei passar, meu senhor. Contudo, agradeço a gentil oferta mesmo assim.

Continuaram em silêncio por um tempo, o som das rodas na estrada de cascalho empoeirada e o cocheiro falando com os cavalos de vez em quando, eram os únicos sons a quebrarem o silêncio.

— Bem, me avise se mudar de ideia.

CAPÍTULO 5



A PROPRIEDADE do Marquês Graham era bonita demais para palavras, assim como o dono. Louise estava parada do lado de fora da gigantesca porta da frente. O reflexo do sol da tarde tremeluzia nas janelas e era cegante. Sem falar que o tamanho da casa em si era, na opinião mundana dela, simplesmente ridículo. Quem precisava de casas tão grandes como esta?

Ela pegou o braço do há pouco marido enquanto ele a conduzia para o interior e teve certeza de que, ao entrar no salão, toda a população da vila de Sandbach caberia sob seu teto.

— Sua casa é muito grande, meu senhor. Muito bonita. — os olhos dela dispararam para todos os lados, incapazes de compreender que agora era a senhora de uma propriedade tão grande.

Pinturas forradas de ouro da família do marquês penduradas nas paredes, móveis delicados dispostos nos cantos e diante das janelas. As cortinas pendiam em todo o comprimento das janelas, ondulando no chão de mármore. A opulência estava em todo lugar ao redor dela, trepidação percorrendo-a por cair no papel de esposa e administradora de todas essas coisas boas, trazendo uma quantidade considerável de medo.

A equipe se alinhou diante da escada, e Sua Senhoria a apresentou a todos em questão de minutos. Louise tentou se lembrar de quem era quem, mas com tantos deles demoraria muitas semanas antes que pudesse memorizar cada nome.

— E esta é nossa governanta, Sra. Dunn. Ela garantirá que saiba o que fazer, e o que é exigido de você como Senhora da casa.

Louise apertou a mão da mulher mais velha.

— É um prazer conhecê-la, Sra. Dunn. Após ver a casa do marquês, acredito que precisarei muito da senhora.

Os olhos da governanta se arregalaram e dispararam entre ela e o marquês.

— Vamos subir? Mostrarei os aposentos da marquesa, se assim quiser.

Luke gesticulou para seguirem, antes de se virar e caminhar para a porta.

— Não vem conosco? — Louise perguntou, interrompendo o próprio progresso.

Ele demorou a se virar para encará-la.

— Desculpe, minha querida, mas tenho negócios na cidade. A Sra. Dunn garantirá que esteja bem acomodada e cuidada. Estarei de volta quando puder sair de Londres.

Louise manteve a atenção no marquês enquanto ele se virava e saía, fechando a porta com um estrondo decidido e, ao que parece, pondo um fim ao casamento recém-concluído. Ela rangeu os dentes. Como ele ousa fazer uma coisa dessas com ela? Não era culpa dela que eles estivessem em tal situação. Se ele apenas conseguisse manter o próprio desejo sob controle, os dois estariam vivendo como queriam.

Uma vozinha zombou de que esta vida era muito melhor do que a que ela teria em York. Ser ama e tutora de seis crianças teria sido difícil para qualquer um. Sem mencionar que estar longe de Mary e dos irmãos também seria desafiador. Ao menos, casada com um marquês, ela teria a liberdade para cuidar melhor daqueles que amava.

— Venha, minha senhora. Creio que deveria vir ver seus aposentos. Quando recebemos a notícia de que o marquês se

casaria, ele nos instruiu a preparar os aposentos da marquesa. Ele encomendou novas cortinas e lençóis para a cama. Nenhuma despesa foi poupada e devo admitir que considero aquele o quarto mais bonito de toda a propriedade.

Louise afastou todos os pensamentos em torno do marquês, Luke, e seguiu a governanta. O andar de cima da casa não era menos extravagante do que o de baixo, e os funcionários se movimentavam, acendendo e trocando velas, colocando flores de estufa em vasos, alguns varrendo e espanando os muitos móveis que o marquês possuía. A casa era uma colmeia de atividade, um local de trabalho para muitos, ao que parecia.

— Quantos funcionários o marquês tem nesta propriedade, Sra. Dunn?

— Esta é a maior propriedade do marquês, conta com oitenta e cinco pessoas segundo a última contagem. Contudo, tenha em mente que o número inclui jardineiros, cavalariços, guarda-caça, esses tipos de ofícios. Nem todos são funcionários de casa.

Louise refletiu sobre o número. Se houvesse oitenta e cinco pessoas aqui, Sua Senhoria teria quantas pessoas dependendo dele? Agora, ela também era responsável por esses trabalhadores e, por sua vez, pelas famílias de cada um, que dependiam deles.

— Tenha certeza de que se surgir algum problema com qualquer um dos funcionários, qualquer preocupação, não hesite em me procurar. Sempre estarei disponível para eles.

A Sra. Dunn olhou para ela por um instante, antes de assentir, uma pequena torção nos lábios.

— Agradeço, minha senhora. Eu me esforçarei para isso.

Elas pararam diante de um conjunto de portas duplas. A Sra. Dunn girou a maçaneta e empurrou-as para abrir, revelando o cômodo. Louise arfou, entrando no grande espaço, sem palavras.

Porque não havia palavras para descrever um espaço tão bonito. Como a Sra. Dunn falou, o marquês não poupou despesas com a nova decoração da suíte dela. Tons pastéis cobriam as cadeiras, a roupa de cama e as cortinas. Era como se o verão tivesse beijado o quarto e o deixado florido. Flores da mesma paleta de cores suaves decoravam o mantel, e uma pequena mesa redonda com duas cadeiras pequenas foi posicionada ao lado de uma grande fileira de janelas. Um belo lugar para escrever cartas, talvez.

Louise foi até as janelas e olhou para a vasta propriedade além. Tanto quanto a vista alcançava, gramados se espalhavam diante dela. Um rio, cintilando sob o sol de verão, corria entre as árvores, e ela suspirou. Uma sensação de paz, contentamento e felicidade transbordando dela. Esta casa era dela agora. Ela era uma marquesa.

Ora, as coisas maravilhosas que ela poderia fazer nessa posição.

— Sra. Dunn. Tenho dois irmãos que moram com minha tia em Sandbach, Cheshire. Por favor, providencie para que mais dois quartos sejam limpos e preparados para a chegada deles. Estarão aqui dentro de uma semana.

— Tem irmãos, minha senhora? — a Sra. Dunn sorriu com a notícia. — Ora, já se passaram muitos anos desde que tivemos mais do que Sua Senhoria sob este teto. Ter uma esposa e os irmãos dela. Bem, é maravilhoso, minha senhora.

— Meu irmão e minha irmã, ambos têm quinze, quase dezesseis. Moram com minha tia há alguns anos. Tenho certeza de que já deve ter sabido que eu era a dama de companhia da Duquesa de Carlton antes de me casar com o marquês. — Louise viu pouco sentido em tentar esconder quem era, afinal, não havia nada do que se envergonhar. — Não podia ter meus irmãos comigo

naquela época, mas decerto posso agora. Sei que minha tia gostaria de viajar e não pôde devido ao compromisso com meus irmãos. Contudo, isso pode mudar agora. E se ficarei aqui na Residência Ashby sem o marquês, terei meus irmãos aqui.

— Então, eles virão viver aqui de vez? — a Sra. Dunn perguntou, os olhos brilhantes.

— Sim, vão.

E se o marquês tiver algum problema com a decisão dela de trazer a família para ficar, ele que venha a Kent dizer-lhe, pessoalmente. Louise desamarrou o gorro e o tirou, colocando-o em uma cadeira próxima.

— O que vi da casa até agora é simplesmente lindo. A senhora me mostrará mais antes do jantar?

A Sra. Dunn balançou uma reverência rápida, gesticulando em direção à porta.

— Claro, minha senhora. Por favor, siga-me.

Louise saiu do quarto, não mais Senhorita Louise Grant, a acompanhante de uma Lady. Em vez disso, ela era a Marquesa Graham. E se não pode ter o carinho do marido, ao menos ganharia o carinho da equipe.



LUKE CAVALGOU com intensidade em direção a Londres, precisava se distanciar da noiva. Uma mulher a quem ele tinha todo o direito de reivindicar, de levá-la para a cama e fazê-lo bem. Em vez disso, ele voltava para Londres como se o próprio diabo estivesse atrás dele.

Talvez ele estivesse. Pelo menos pela versão feminina do arcanjo.

A cidade não ficava muito longe e, em poucas horas, os arredores de Londres começaram a passar por ele. Ele sentiu-se grato por isso. Esta noite ele teria o baile de Clinton, e estava ansioso para comparecer. Mesmo que fosse casado há apenas algumas horas, não significava que a vida devesse mudar ou parar, só por uma mulher.

Ele amaldiçoou o erro que o levou a esse caminho. Se encontrasse Lady Scarboro esta noite, exigiria que ela assumisse a culpa pela parte que teve na queda dele. Pois ele havia caído. Ele balançou a cabeça. *Casado.* Não apenas casado, mas casado com uma mulher sem posição ou linhagem. A acompanhante de uma lady.

Não era nada a ser suportado.

Entretanto, ele deveria fazê-lo de alguma forma. Luke incitou a montaria, determinado a continuar com a vida própria como era, e dane-se o peso que agora pendia em suas costas. Com Louise acomodada em Ashby, ela seria bem cuidada e feliz, como ele ficaria na cidade.

Ela não esperava nada, e ele, por sua vez, não queria nada. De todos os casamentos que ele poderia ter, pelo menos nesse aspecto era tolerável.

CAPÍTULO 6



Um mês depois

Louise estava sentada na sala de estar e lia pela segunda vez a última missiva de Mary. A amiga estava, com toda a certeza, irritada e mal-humorada com o marquês, que ela relatou andar pela cidade como se não fosse casado. Mary implorou que ela voltasse, tomasse o lugar como esposa dele na Residência em Londres e colocasse de lado os rumores de que o marquês continuava a vida descuidada, como se ainda fosse solteiro.

— Creio que a duquesa está certa. — a irmã dela, Sophie, disse, olhando-a com um ar irritado. — Quem esse seu novo marido pensa que é? Não pode andar pela cidade como antes. A vida dele mudou. Ele tem uma esposa.

Louise suspirou, dobrando a missiva e colocando-a no pequeno bolso do vestido. Sophie estava certa, é claro, e Mary também. O marquês, segundo todos os relatos, estava tratando o casamento deles como uma farsa. E, por mais pobre que tenha sido, por mais à margem que ela vivesse na esfera social, agora ela era uma marquesa o que, ao menos, lhe dava voz. Voz para se defender, e ao futuro que desejava.

— Deveria marchar para Londres e mostrar ao marquês que não tolerará tal tratamento. — disse o irmão Stephen, entrando na sala.

Ele usava uma jaqueta e calças de montaria recém-compradas, e suas botas de cano alto davam-lhe um ar de cavalheiro do campo.

Uma semana após chegar na Residência Ashby, Louise mandou trazer os irmãos para ficar, e no último mês todos haviam se

transformado, de alguma forma, nas pessoas que o mundo esperava que fossem. Ao menos por fora, se adaptaram às acomodações que agora chamavam de lar, mesmo que Louise se sentisse uma intrusa a cada minuto de cada dia.

Esta era a razão para ela não viajar para a cidade quando Mary escreveu perguntando onde ela havia se escondido. Entrar na *Sociedade*, andar lado a lado com as mesmas pessoas para quem já trabalhou como acompanhante, uma mulher invisível atrás de uma mulher rica, não era nada que Louise pensava que poderia fazer.

Nervosismo a dominava ante a ideia de ser tão ousada, e ela se levantou, vindo se juntar a Sophie no sofá diante da lareira apagada.

— O casamento não existe no sentido mais verdadeiro. Não esperava nada do marquês, e ele, por sua vez, não queria nada de mim.

— E? — Sophie disse, erguendo as sobrancelhas. — As coisas mudam e… Espera-se que caminhe aqui por Kent pelo resto de sua jovem vida, sozinha e sem a perspectiva de filhos porque o marquês não consegue abandonar o estilo de vida rebelde?

— Sophie, baixe a voz, a criadagem vai ouvir você. — ela repreendeu.

— Deixe-os nos ouvir. — o irmão interrompeu. — Devíamos fazer as malas e ir embora. Iremos com você, Louise. O marquês precisa saber que não é mais solteiro. Que ele tem uma esposa, a minha irmã, e não deixarei que ele a trate assim. — o irmão olhou para a lareira escura, os dedos batendo, distraídos, no mantel de mármore. — Pensei que esses ricaços tinham honra. Seu marido parece não ter nenhuma.

Louise deixou que tudo o que os irmãos estavam dizendo fosse absorvido. Nos últimos dias, declararam essa mesma perspectiva

várias vezes. Estavam zangados com o marquês, ela conseguia entender isso, mas viajar para a cidade, se convidar para a casa dele parecia errado de alguma forma.

— E se viajarmos para a cidade, e ele se recusar a nos deixar ficar?

Stephen ergueu as mãos.

— Deixe-o tentar. Você é esposa dele, não uma prostituta da rua, e se ele a tratar com tão pouco respeito, vou desafiá-lo e colocarei uma bala naquele coração de gelo.

Louise se levantou, indo até o irmão e pegando-o pela mão.

— Quando se tornou tão honrado e doce? Você é um bom homem. Nunca mude.

Ele se inclinou e a beijou.

— Nunca vou mudar, mas quanto ao seu marido, ele decerto precisa mudar, antes que perca esse presente maravilhoso que é a nossa irmã.

Sophie se aproximou e a abraçou pela cintura.

— Se for para a cidade, nós iremos também. Devemos apoiá-la em ganhar o respeito da Sociedade e seus preconceitos elevados. O marquês tem esposa e agora precisa agir como marido.

Ela sorriu para os irmãos.

Como ela sentira falta deles e do encorajamento que davam. Embora o casamento fosse um desastre, ao menos a permitiu ter os irmãos de volta sob seu teto. Conseguir alimentá-los e vesti-los sem a preocupação de que uma mudança de circunstâncias pudesse colocar o sustento em risco.

— Não tenho um guarda-roupa para a cidade. Sei que o marquês mandou uma modista até Kent, mas ela só me deu alguns vestidos para andar pela casa e pela propriedade. Não tenho nada

adequado para uma Temporada em Londres. E mais, como vou pagar por tais coisas?

Sophie sorriu, sentando-se de volta no sofá.

— Mandem cobrar tudo do seu marido, é claro, boba. Ele vai pagar por tudo. E se você não fizer você mesma, decerto me certificarei de que tudo o que comprar seja da mais alta qualidade, os itens mais caros da loja. Vamos chacoalhá-lo para sair dessa solteirice fajuta se chegar a esse ponto.

Louise não estava tão certa assim de que tal ideia seria boa. O que o marquês diria quando começasse a receber essas contas? Ele não a queria como esposa, então agora ter que pagar pelos vestidos poderia ser algo difícil de engolir.

— Duvido que o marquês vá gostar disso. — disse Louise.

— Ótimo. — declarou o irmão, tocando a campainha e pedindo chá. — Espero que não goste. Após a maneira como ele a tratou neste último mês, mandando-a embora como se você fosse um segredinho sujo, espero que as contas das melhores modistas, estilistas, botas e chapéus de Londres o forcem a perceber o tratamento terrível e nada cavalheiresco que ele dispensou a você.

Louise apertou o estômago que se revoltava. Ela conseguiria fazer isso? Poderia voltar para a cidade e ser a mulher digna do título de marquesa? Ela era educada, bem versada em como as pessoas deveriam se comportar na Alta Sociedade. A melhor amiga dela era a duquesa de Carlton, pelo amor de Deus.

Ela assentiu enquanto o fogo transformava o nervosismo dela em cinzas.

— Muito bem. Voltaremos à cidade e farei minha entrada na Temporada. Afinal, é meu direito. E se o marquês não gostar, basta pedir a Mary se podemos ficar na casa dela até o final da Temporada.

Sophie bateu palmas, os longos cabelos dourados dando-a o ar de um anjo de Deus, embora sua alma forte e determinada como a de um caído.

— Partiremos assim que pudermos nos organizar, não mais do que dois dias, creio eu. E então, minha senhora, deve mostrar ao seu marido que não é recomendado tratar um Grant de maneira tão baixa.

— Não, não é. — o irmão interrompeu, agradecendo ao lacaio que trouxe uma bandeja de chá. — Ele logo aprenderá que não deve ser jogada de lado como se fosse uma inútil. É culpa dele que precisaram se casar. Os Grant são lutadores, e se quer mais do seu casamento, mesmo que seja apenas filhos, então merece essa felicidade. Não deixe esse pequeno percalço no início arruinar seu futuro.

Louise olhou para os irmãos.

Quando cresceram e se tornaram tão informados e solidários? Ela assentiu, determinação pulsando nas veias.

— Vocês dois estão certos. Vou informar a equipe que viajaremos para a cidade. Veremos se podemos provocar um respingo alto o bastante para sermos notados.

Sophie riu.

— Ora, será na medida certa, e será grande o suficiente para afogar o marquês.

Se ao menos…

No mínimo, Louise tentaria.

~

ELES CHEGARAM à cidade três dias depois e, felizmente, se acomodaram na casa do Marquês Graham em Londres sem

incidentes. Na verdade, ao chegarem, foram informados de que o marquês não estava instalado ali, mas sim nos aposentos privados dele, localizados mais perto do clube de cavalheiros, o White's.

Não deveria ser uma surpresa para Louise ele optar por uma residência menor. Mesmo assim, o medo por ser tão ousada a ponto de vir para Londres foi logo esquecido e substituído pelo aborrecimento de que o marido a tratava daquela maneira.

Os funcionários da moradia londrina pareceram tão satisfeitos quanto os de Ashby por ter alguém para atender. Assim que a governanta, Sra. Ellis, mostrou a casa e apresentou os criados, Louise optou por tomar o chá na sala da frente, querendo um momento sozinha. Ela se sentou à escrivaninha feminina e puxou um pedaço de pergaminho, escrevendo uma missiva rápida para Mary dizendo ter chegado na cidade. Convidou a amiga para um passeio no dia seguinte e implorou por ajuda para ajudá-la nessa primeira incursão na Sociedade como a marquesa Graham.

Ela chamou um lacaio usando o pequeno sino dourado à mesa. Ele entrou em um instante, curvando-se.

— Chamou, minha senhora?

— Por favor, mande esta missiva agora mesmo para a casa da Duquesa de Carlton. Além disso, preciso de uma carruagem amanhã de manhã. Faremos compras e vou precisar de seus serviços na maior parte da manhã e, talvez, à tarde.

— Claro, minha senhora. — o jovem fez uma reverência e saiu, o clique suave da porta soando alto na sala de tamanho considerável.

Louise respirou fundo para se acalmar. Ela conseguiria fazer isso. Não era uma intrusa, uma indesejável aqui. Ela era a marquesa Graham e não importava o que o marido pensasse desse detalhe, mostraria para ele que estava aqui para ficar, e que ninguém a faria de boba.

Ainda mais porque nada daquilo era culpa dela.



A EXPEDIÇÃO DE COMPRAS foi diferente de tudo que Louise já experimentara na vida. Os vendedores e a duquesa foram muito além da simples ajuda na escolha do guarda-roupa completo: vestidos de gala, vestidos diurnos, conjuntos de chá e de montaria. Cores que combinavam com seus cabelos escuros e pele clara. Nada que a deixasse desbotada ou com aparência doentia. Ao usar os vermelhos e verdes profundos, ela quase parecia uma mulher diferente. A dama de companhia havia sumido e, em seu lugar, surgira uma marquesa. Uma mulher que por direito possuía poder na aristocracia, quer a Sociedade que ela agora agraciava gostasse ou não. Ela estava aqui para ficar, e não permitiria que ninguém, nem mesmo o marido, desprezasse-a, e suas origens comuns.

Se não tivesse um começo de vida tão humilde, não seria a mulher generosa e carinhosa que era. O que, na opinião dela, era muito melhor do que aqueles nascidos com riqueza que não se importavam com o homem comum ou suas lutas.

Após todos os vestidos, chapéus, gorros e boinas serem encomendados à modista com entrega prometida para duas semanas, eles passaram para comprar um chapéu de montaria de um fabricante de chapéus para cavalheiros. Visitaram sapateiros e encomendaram sapatilhas diurnas e de gala. Foram encomendadas retículas, luvas, regalos e xales, tudo para combinar com os diferentes eventos e passeios que ela compareceria.

Para comemorar a tarde de compras, de diversão e muitas risadas, foram até a Gunthers e provaram doces, tortas e sorvetes de frutas. O passeio deu a Louise a chance de conversar com a

duquesa, a quem ela não via desde o casamento com o marquês. Permitiu também que a duquesa conhecesse a irmã de Louise, Sophie, que as acompanhava.

— Ficará linda no baile Kirby na próxima semana. — declarou Mary, sorrindo. — Madame Devy garantiu que o vestido safira com bordados será entregue até lá. Por mais que eu goste de Lorde Graham, o tratamento que ele dispensa a você é intolerável, e estou ansiosa para vê-lo engolir a própria atitude.

Louise tomou um gole de chá, apreciando as qualidades rejuvenescedoras da bebida.

— Tenho certeza de que o verei antes do baile. As contas que ele receberá nos próximos dias sem dúvida o alertarão de minha chegada à cidade. O tamanho das contas pode garantir que eu o veja antes do esperado.

Mary e Sophie riram.

— Pode estar subestimando quanto vale agora, minha querida. A propriedade do Marquês Graham é uma das mais ricas do país. Acredito que Cavendish está em pé de igualdade com a riqueza de seu marido. — a amiga deu um sorriso travesso. — As faturas podem alertá-lo de que está na cidade, se a criadagem ainda não o notificou, mas não creio que isso o trará à sua porta. Ele ficará mais interessado em saber por que voltou para Londres quando ele a alocou em Kent com tanta decisão.

Louise mordeu o lábio, a ideia de enfrentar o marido pela primeira vez em um mês fazendo a pele formigar. Ele não ficaria satisfeito por ela ter ignorado o decreto dele ao voltar para Londres. Talvez, ele exigisse que ela voltasse para Ashby e se esquecesse completamente da Temporada.

— Bem, não vou voltar para o interior. Não até o fim da Temporada, pelo menos. — ela disse, determinação permeando as

palavras. — Posso ser a esposa dele, mas não serei enviada de volta para Kent como um segredinho embaraçoso. Não posso deixar de ficar desapontada por ele não fazer nada para interromper as fofocas que viajam a cidade em torno do nosso casamento. Sei que nunca quis se casar comigo, mas agora que o fez, tudo devido às próprias tolices, ele deveria reprimir qualquer mentira sobre nós. Minha chegada à cidade, ao menos, deve servir para acabar com a ideia de que ele me mandou para o campo para nunca mais ser vista. Agora tenho que tentar ganhar algum respeito da *Sociedade*. Não que eu me importe com o que pensam, mas não serei motivo de chacota. Para ninguém.

— Também estarei ao seu lado, assim como o duque. O marquês e a *Sociedade* não terão a menor chance de derrubá-la. — Mary colocou um pedaço de bolo na boca com um aceno de cabeça determinado.

Louise gostava da ideia, e esperava que fosse assim. Esta era a vida dela agora, não importava se havia imaginado algo diferente. Ela estava casada, e a esfera em que agora circulava estava em polvorosa. Não significava que ela se perderia, pois nada poderia mudar seus princípios, mas ela não permitiria que aqueles que buscavam manchar seu nome tivessem sucesso. A Marquesa Graham estava em Londres, e não seria menosprezada por ninguém. Nem mesmo pelo marido. O marquês e a *Sociedade* não teriam chance de a destruir.

CAPÍTULO 7



LUKE OUVIU os rumores na semana anterior. A esposa dele estava de volta a Londres. A garota orgulhosa foi contra as ordens dele e voltou para a cidade. Não que ele tenha exigido com palavras que ela ficasse no interior, mas ele não pensou que ela trocaria a propriedade rural pelo mundo viperino da *Sociedade*.

O que, na verdade, acabou sendo exatamente o que ela fez. E se as contas que ele recebeu na semana anterior servissem de indicação, ela estava gastando o dinheiro dele como água para comprar um guarda-roupa adequado para a Temporada.

Ele se sentou na carruagem e respirou fundo para se acalmar. O Baile Kirby era um evento que ambos compareceriam. O duque e a duquesa de Carlton exigiram a presença dele em apoio ao amigo em comum, o visconde Kirby, que acabara de herdar o título. Claro que ele compareceria de qualquer maneira, a esposa presente ou não, pois jamais deixaria Christopher sozinho para enfrentar a horda de jovens que, sem dúvida alguma, tentariam chamar a atenção dele. O rapaz tinha apenas vinte e um anos, jovem demais para se casar, e ele não queria que o jovem se tornasse uma presa das matronas da *Sociedade*. Não importa o quão perfeito elas julgassem que o jovem lorde seria para suas pupilas.

A esposa dele também estar presente era apenas uma complicação ou aborrecimento, dependendo do humor que ele tivesse. Nas últimas semanas, ele deixou de lado a dor que registrou no rosto dela ao perceber que seria deixada em Kent. Afinal, era culpa dele que estivessem casados, ela não merecia ser

alvo da ira dele. Ele estava mais zangado consigo mesmo do que com ela. Ele os colocou nesta posição. A necessidade egoísta dele de prazer superou o bom senso naquela noite, e agora os dois pagariam pelos pecados dele.

O erro causou repercussão em toda a *Sociedade* e, é claro, no primo dele, a quem Luke havia prometido que o título seria revertido após sua morte. O parente recebeu a notícia do casamento dele até bem, pode-se dizer. Luke garantiu que a união não geraria filhos e que o título seria do primo um dia.

Luke bateu no teto, e a porta da carruagem se abriu. Ele entrou na residência Mayfair de Lorde Kirby e apertou a mão do rapaz na porta do salão de baile. O jovem amigo parecia mais nervoso do que de costume, e ele supôs que assumir a posição de visconde, sendo tão jovem, era passível de ansiedade. Algumas doses de uísque o curariam.

Ele entrou no salão de baile, a aglomeração quase tão opressora quanto o cheiro de perfume e suor. Seu nariz se contraiu, e ele partiu em direção às janelas, de onde um pouco de ar fresco pode se aventurar ao interior da casa e salvar seus sentidos.

Luke avistou Carlton, que parecia ter tido a mesma ideia de estar perto de uma janela e foi até ele.

— Boa noite. Parece que Kirby recebeu um bom público esta noite.

Carlton, felizmente sozinho, a duquesa longe de ser vista, assentiu.

— Um baile de sucesso para dizer que foi o primeiro. — o duque observou a aparência dele, antes de se voltar para observar os dançarinos. — Bom o ver por aqui. Eu me perguntei se ficaria longe.

Luke pegou uma taça de champanhe de cristal de um lacaio que passava, tomando um gole muito necessário.

— Suponho que esteja insinuando que, por minha esposa comparecer, eu não viria. — ele olhou para o amigo. — Prometi a Kirby que estaria aqui esta noite, e estou. Minha esposa não teve nenhuma influência sobre o assunto.

Bem, teve uma ínfima influência.

Ele estava interessado em ver como ela havia passado todo esse tempo sem ele. Como assumiu seu lugar na esfera em que agora circulava. Luke controlou as feições ao estudar os que os rodeavam. Não viu Louise entre os rostos.

— Ela não está aqui ainda. Mary a trará esta noite, mas precisavam comparecer primeiro a um pequeno jantar na propriedade de Lady Scott. Uma mulher que a duquesa e a marquesa conhecem há algum tempo.

Luke ignorou que Carlton presumisse que ele estava procurando por Louise, não queria que ninguém visse que ele estava curioso para revê-la. Em vez disso, ele refletiu acerca de Lady Scott e tentou dar um rosto ao nome familiar.

— Ela não era casada com um visconde escocês? Ele faleceu, não foi?

Carlton sorriu.

— Morreu sob a amante para piorar a situação, embora a família nunca declare tal verdade em público. Pode querer supervisionar o que Lady Scott diz à marquesa. Ela não apoia a infidelidade.

As pessoas presumiriam, com base no comportamento anterior de Luke, que ele *era* a favor da infidelidade. Não podiam estar mais equivocados. Quando alguém está casado, deve levar os votos a sério. Era uma conversa que ele precisava ter com a esposa. Ele não queria filhos, e ela decerto não o quis como marido, então um tipo de acordo precisaria ser feito entre eles. Ele não poderia passar o resto da vida sem dormir com uma mulher, então a esposa

precisaria ser sua parceira de cama, saciar as necessidades dele, mas precisariam ter cuidado. Louise avisara para ele não esperar nada dela, e tal proposta era conveniente até certo ponto.

Luke terminou o champanhe, colocando a taça no parapeito da janela atrás dele.

— Viu a marquesa desde que ela voltou para a cidade? — Carlton perguntou, a atenção fixa em algo perto das portas do salão de baile.

— Não, não a vi. — ele respondeu, incapaz de remover o tom indiferente da voz. — Sei que está gastando uma pequena fortuna com costureiras, mas fora isso, não, não a visitei. — o sorriso de Carlton se aprofundou, e Luke franziu a testa. — O que foi? Há algo que eu deveria saber?

O duque meneou a cabeça para a porta, e Luke olhou através da multidão, e o ar se perdeu a caminho do pulmão. Ele sentiu a boca abrir e fechar com a mesma rapidez, não querendo deixar ninguém saber que a visão da esposa o deixou… atordoado.

O duque pigarreou.

— Quem diria que a Srta. Grant era tão bonita.

Luke franziu a testa, o elogio à esposa não foi tão bem-vindo quanto ele pensava que seria. Ouvir outro homem dizer algo tão elogioso não o agradou, e ele ajustou a postura, controlando as feições.

Como a jovem que ele interrompeu do sono era essa beldade de cabelos escuros, com olhos azuis marcantes e boca tentadora. Dama de companhia ou não, como ele não a viu antes…

Porque não a estava olhando de perto o suficiente.

Luke afastou o pensamento, sorrindo um pouco em boas-vindas quando o duque de Carlton e a esposa vieram ficar diante deles. A duquesa foi direto para o duque, envolvendo o braço no dele. Louise

veio e parou ao lado de Luke. Mesmo dali, ele podia senti-la pulsando de raiva, de aborrecimento com a presença dele. Ele pegou a mão dela e colocou-a no braço dele, virando-se para ela.

— Está linda, minha senhora.

Perante a lei, ela era exatamente isso. A Senhora dele, e ainda, pela expressão dura daqueles lábios, a postura defensiva, ela não ser voluntária nesta farsa de casamento era óbvio.

Com a visão periférica, ele viu o vestido safira, as saias de seda esvoaçantes que pouco faziam para esconder a figura abundante ou cintura fina. Ela não era nada como ele se lembrava, não que mudasse suas circunstâncias ou pensamentos quanto ao casamento, porém, ao menos agora ela parecia uma marquesa. Era algo, ele supôs.

Um lacaio curvou-se diante dela, e ela pegou uma taça de vinho.

— Que sorte o encontrar aqui, meu senhor. Como está, *marido*?

O uso do termo marido o assustou, e ele se voltou para ela, sem perder o sorriso divertido que mantinha nos lábios.

— Creio estar tão bem quanto você, *esposa*.

A resposta dele rendeu apenas uma risada que correu pela pele dele, como penas, atraente e suave.

Lorde Stopford curvou-se diante da marquesa, mal dando uma segunda olhada em Luke.

— Gostaria de dançar, Lady Graham? Vejo que seu marido não fez a coisa certa e a convidou, então pensei em remediar a insatisfação.

Ela soltou o braço dele e saiu com Sua Senhoria.

— Eu adoraria, obrigada.

Luke sorriu ante a separação deles, mas raiva latejava pela espinha. O casamento deles não era desejado por nenhum dos

dois, mas a ideia de que ela pudesse ter um amante, traí-lo, fez o estômago dele embrulhar.

Não deveria.

Há apenas alguns instantes ele reconheceu a necessidade de conversarem acerca do que ocorreria neste casamento. Contudo, a marquesa não poderia ter um filho que não fosse dele, se o pior acontecesse, e ela engravidasse. Ele nunca permitiria que o filho de outro homem herdasse o título dele, então onde isso os deixava?

Ele observou enquanto Louise ria e dançava com o conde extremamente bonito. A contragosto, ele precisava admitir que ela estava linda nos braços do homem, mais do que ele jamais soubera. Como acompanhante de uma dama, ele sempre soube que ela tratava da duquesa, uma amiga ao dispor para quando a dama precisasse, mas ele nunca olhou além do ombro de Mary para ver quem estava nas sombras.

Uma falha à porta dele, mas ele era um marquês. Esperava-se que um homem da estirpe e posição dele na *Sociedade* fizesse um casamento digno do título carregado. No caso dele, a maior parte da Sociedade não sabia das intenções dele de nunca cumprir este requisito.

No entanto, agora que ele o fizera, e vendo a esposa dançando nos braços de outro homem, bem, agora ele não sabia o que diabos estava sentindo.

— Perturbado? — perguntou o duque, aproximando-se para garantir privacidade. — Ele é apenas um dos muitos que notaram sua ausência na vida da marquesa, e que parecem empenhados em remediar a situação.

Ele apertou a mandíbula, os dentes doendo.

— A marquesa tem feito um espetáculo de si?

Não era uma pergunta justa, até ele admitiria, mas forçaria Carlton a contar a verdade da situação sem ele parecer tão desesperado por informações quanto estava.

— A marquesa foi irrepreensível, e nós a escoltamos por toda parte, e a devolvemos para casa no final da noite. — a duquesa inseriu, o olhar frio o dispensando, antes que ela olhasse de volta para a pista de dança.

— Louise não é com quem você deveria se preocupar. Há boatos em toda Londres, como já deve saber, que *você* não pretende ter um casamento verdadeiro. Que o ouviram dizer, no White's, que a união era apenas no papel. — Carlton estreitou os olhos para ele, e Luke se sentiu tão pequeno quanto uma abelha. — Os cavalheiros que não têm interesse em tomar uma esposa entenderam tal afirmação, junto de seu contínuo apego aos seus aposentos de solteiro, como uma confirmação de que não se importa com o que a marquesa faz ou deixa de fazer, nem com quem.

As palavras do duque soaram temerosas, e Luke olhou ao redor do salão, percebendo pela primeira vez nesta noite que os convidados olhavam para ele, pequenos sorrisos secretos nos lábios e risos nos olhos. Era isso que as pessoas estavam pensando?

Ele suspirou, ajustando o lenço. Ele não deve se enganar. A culpa era apenas dele que o casamento e o tipo de vida ele estava disposto a ter com a esposa fossem alvos de fofoca.

Vida alguma.

Luke refletiu a complexidade da situação. A ideia de ter um filho com Louise, embora não fosse de todo horrível, trazia um pavor ao âmago dele.

Maldita seja a *Sociedade* e suas estipulações, regras e censuras.

— Suponho que signifique que terei que mudar essa opinião e logo.

A duquesa ergueu a sobrancelha, dando ao marido um sorriso secreto que Luke não gostou.

— Suponho que sim, e se eu fosse você, faria isso mais cedo do que mais tarde. Amanhã seria ótimo.

Luke acompanhou o progresso da marquesa que saía da pista de dança com Lorde Stopford até que chegaram a outro grupo de cavalheiros e algumas senhoras. Eles a acolheram em seu círculo e conversavam em um tom amigável.

As mãos dele se fecharam em punhos ao lado do corpo quando a mão de Sua Senhoria pousou nas costas dela, muito familiar e muito perto. Lorde Stopford riu de algo que alguém do grupo disse e olhou na direção de Luke. Se registrou que Luke não apreciava as mãos dele na esposa, não demonstrou, apenas manteve as mãos na pessoa dela.

O que diabos Louise estava pensando para permitir tais liberdades? Ela era a dama de companhia de uma Lady, conhecia as regras do que era correto e incorreto. E ainda, pelo que ele sabia do namoro do duque e da duquesa, talvez a mulher soubesse quando ser negligente quanto às regras, e o que era apropriado para uma dama em tal situação. Louise decerto dera à sua encarregada, agora a Duquesa de Carlton, liberdades que não deveria ter tido.

Antes que soubesse o que estava fazendo, os pés dele o levaram para o outro lado do salão. Ele avançou pela área de dança, ignorando os sons *assustados* e *"perdão"* murmurados

enquanto ia direto para onde Louise estava com o grupo de *amigos apalpadores*.

Onde estavam essas pessoas quando ela não era nada além de uma acompanhante? Decerto, em lugar algum que ele pudesse ver. Não queriam ou se preocupavam em saber quem era a acompanhante da duquesa, e Louise não deveria ser tão tola e se deixar enganar por belas palavras e falsas amizades.

Lorde Stopford ergueu a sobrancelha quando ele se aproximou deles, e a recusa em deixar a esposa dele fez com que uma raiva ardente percorresse seu sangue. Ele deu a volta por trás de Louise, pegando a mão de Sua Senhoria e torcendo-a enquanto parava ao lado de sua esposa.

Lorde Stopford recuou, estreitando os olhos, mas sem dizer uma palavra.

Ótimo.

Com sorte, o desgraçado entendeu que não permitia, nem jamais permitiria que Louise tivesse um amante.

— Se puderem nos dar licença agora. Minha esposa me prometeu a próxima dança. — disse ele, sorrindo para as mulheres.

Elas riram e sorriram para ele, como sempre faziam, mas a bajulação foi ignorada por ele. Ele sentia o peito apertado, e um pequeno suor brotou na pele.

Luke respirou fundo para se acalmar, sem saber por que estava reagindo daquela maneira. Ele quase cometeu violência contra um homem por ações que ele mesmo havia praticado há apenas um mês.

O pensamento o envergonhou. Agora, do outro lado da moeda, ver outra pessoa se interessar pelo que era, em essência, dele, não o agradou. E ele fez uma oração silenciosa por todos os maridos a quem ele deu noites sem dormir que o perdoassem.

Louise caminhou ao lado dele como se nada estivesse errado, e ele queria quebrar a casca de gelo que ela ergueu em torno de si. Quando ele a puxou para os braços dele, ele não viu nenhum adorno murcho de parede, nem dor alguma nos olhos dela. Nem raiva ou medo. Nada.

Ele não queria nada. Ele queria saber que tipo de jogo ela estava jogando.

— Está se divertindo com as patas de Lorde Stopford em cima de você? Ou talvez eu deva perguntar há quanto tempo está transando com ele. Está em Londres há um mês, tempo de sobra para ter um cavalheiro da *aristocracia* aquecendo sua cama.

Ela sorriu, e ele praguejou.

Quando diabos ela se tornou tão atraente? Ele sofria de cegueira todas as vezes que esteve com o duque e a duquesa? Supôs que sim. A fixação dele sempre foi Lady Scarboro e a linda e pequenina debutante, Lady Clara, a quem gostava de brincar e provocar. Não que ele tivesse intenção de se casar com ela, mas era divertido e uma forma agradável de passar o tempo.

Esta mulher nos braços dele, sua esposa, era o castigo por todos os erros. Deus o punia por ser um canalha.

Você é um canalha e merece tudo o que recebe.

Ele dispensou a voz, prendendo-a com o olhar.

— Responda.

— Preciso ter alguém para aquecer minha cama. Meu marido deixou bem claro que não o fará.

Ele fechou a boca com um estalo, puxando-a para perto enquanto giravam durante a valsa. A música soava alta nos ouvidos dele, e a nuca formigava com a consciência de que todos os olhos estavam sobre eles. Assistindo e imaginando o que estavam discutindo.

Se eles soubessem…

— É melhor não provocar, senhora. — a voz dele vibrou com um temperamento que ele não reconheceu dentro de si.

Por que ele se importava com quem a esposa flertava? Ele não deveria. Não havia emoção no envolvimento dele com esta mulher. A união deles foi um erro. Um erro dele. Ser tão territorial com ela era confuso, e ele rosnou.

— Caso se aventurasse a morar com sua esposa, saberia. Não pode esperar que eu fique sozinha pelo resto da minha vida. Devo esculpir meu próprio pedaço de felicidade, se não me der você mesmo.

Ele balançou a cabeça, puxando-a para mais perto.

— Disse que eu não deveria esperar nada de você. É uma mentirosa, além de uma prostituta infiel?

As palavras dele romperam um pouco a parede defensiva, e os olhos dela brilharam, raiva tornando o azul profundo daquelas íris como um mar insondável e rodopiante.

— Eu estava nervosa e desconcertada quando disse isso. Você me arruinou perante toda a Sociedade e, em seguida, exigiu casamento como se eu precisasse me sentir grata. Claro que eu disse o que disse. Qualquer uma diria.

A sensação dela nos braços dele, todas as curvas femininas, atraia uma parte dele que ansiava por uma mulher na cama. Não importa o que a *Sociedade* possa pensar, ele não levara mulher alguma para a cama desde a noite que entrou no quarto da Srta. Grant.

Claro que Lady Scarboro tentou, e falhou. Ele estava certo de que Sua Senhoria era a única razão para estar casado, e jamais voltaria a levá-la para a cama.

Então, o que diabos ele iria fazer? Deitar-se com Louise, o que levará a inevitáveis filhos. Uma família. Não importa o quão cuidadoso alguém seja, se uma criança tivesse que nascer, aconteceria.

Dane-se tudo. Não era nada a ser suportado.

— Quer um casamento verdadeiro. Uma família. Comigo.

Ela se concentrou em algo acima do ombro dele, e ele queria que ela o olhasse. Não para algo invisível atrás da cabeça dele.

Ele.

— Não posso ter isso com mais ninguém, posso? Sou casada com você, então com quem mais posso ter esse futuro?

O cheiro de jasmim flutuou da pele dela, e ele respirou fundo, tendo sempre amado aquela fragrância acima de qualquer outra. Ela era muito tentadora, muito doce para ele. Ele era um libertino. Um lorde egoísta e obstinado, acostumado a conseguir o que queria.

No entanto, ele lidaria com ela?

A declaração dela retiniu na cabeça dele como uma colina da morte. De fato, como…

CAPÍTULO 8



NA MANHÃ SEGUINTE, Louise estava no saguão da casa do marquês em Londres, enquanto baú após baú eram carregados escadas acima.

A irmã parou ao lado dela, os olhos cheios de diversão. Louise, por outro lado, sentia-se como se estivesse tendo uma experiência extracorpórea. O marquês estava se mudando, isso era óbvio, mas o que não era tão óbvio era se daria o casamento que ela tanto desejava.

Estiveram sem família por tanto tempo. Com os irmãos separados dela, ela queria que fizessem parte do novo futuro. O marquês estar aqui era pelo menos um pequeno passo para tentar sucesso no casamento deles. Decerto, ele desejava um filho. Um herdeiro. Pelo que Mary disse, os pais dele faleceram há muitos anos. Será que, às vezes, ele se sentia tão sozinho quanto ela?

Ela apertou os dedos diante de si, as mãos frias e úmidas.

— Mal posso esperar para conhecer o marquês. Ele é bonito? — Sophie perguntou, quase saltando de empolgação.

— Ele é muito bonito, mas ainda não chegou. Venha. — disse, puxando a irmã para a sala da frente que costumava usar durante o dia.

Recebia o sol da tarde e era quente, mesmo com o clima inglês.

Elas se sentaram e tomaram chá, o relógio acima da lareira batendo os minutos à distância, deixando Louise mais e mais ansiosa a cada segundo que passava. O marquês seria amável ou mal-humorado? Mostraria a aversão pela situação, tornando a vida dela aqui com ele desconfortável? Louise observou a irmã folhear os

últimos folhetins de moda, embora a atenção de Louise estivesse fixa na porta da frente, e em todos os recém-chegados.

O que pareceram horas se passaram e, por fim, uma voz masculina abafada e os passos cortados de alguém vindo naquela direção soaram do lado de fora da porta.

Louise sentia o estômago afundando em nervosismo e se levantou, ajustando o vestido matinal rosa escuro e garantindo que tudo estava em ordem. A irmã continuou a ler, alheia à turbulência que assolava seu corpo.

A porta se abriu, e o marquês entrou. Ele tirou as luvas e o chapéu, mantendo-os em uma das mãos ao lado do corpo. Ele observou a sala, os olhos azuis parando na irmã dela.

— Amiga sua? — ele perguntou, os olhos estreitos em inspeção.

— Lorde Graham, deixe-me apresentá-lo a minha irmã, Srta. Sophie Grant. Sophie, este é Luke Ashby, Marquês Graham.

Os olhos de Sophie se arregalaram, e ela se levantou, fazendo uma bela reverência.

— Muito prazer em enfim conhecê-lo, meu senhor.

Sua Senhoria colocou as luvas e o chapéu em uma mesa próxima, parando diante do fogo.

— Uma irmã. — ele disse, voltando a atenção para Louise. — Algo mais de que eu deva estar ciente?

Louise cruzou os dedos diante de si, sem saber como dizer que também tinha um irmão, e que ele morava ali. Pela linha de descontentamento da testa e pelos lábios sérios dele, a notícia de uma irmã também não era bem-vinda. Este não era o melhor começo para a vida de casados sob o mesmo teto, mas a união deles jamais foi agradável.

Ela endireitou as costas.

— Sim. Meu irmão também está morando aqui. Também deve saber disso.



LUKE FECHOU A BOCA com um estalo e se perguntou por um instante se ele havia entrado em outro mundo. Quem eram essas pessoas que moravam aqui? Claro que Louise declarou serem seus irmãos, mas como ele nunca soube dessa parte da vida dela, ainda mais agora que eram casados?

— Poderia nos deixar por uns instantes, Srta. Sophie? — ele perguntou, sorrindo para amortecer o aborrecimento que sentia correndo nas veias.

A esposa, exalando uma beleza incomum naquele dia, com seu vestido de musselina rosa-escuro, sentou-se em um sofá próximo e esperou que ele falasse.

Não era mais um adorno de parede murcho, ao que parece.

— Como eu não sabia que você tinha irmãos? Ou que estavam morando aqui?

Sob o teto dele, e por quem sabe quanto tempo. Ele controlou a expressão facial. Estava casado agora, a vida de solteiro de que tanto gostava havia acabado. Ainda assim, irritava que fosse o caso, ou que agora ele parecia ter uma família instantânea.

Uma que ele nunca quis.

— Estavam morando com minha tia devido aos nossos recursos limitados. Após nosso casamento, fiz com que viajassem para a Residência Ashby para ficarem comigo. Quando a duquesa me pediu para voltar à cidade, eu os trouxe comigo.

Sabia…

— Quantos anos têm seus irmãos? — ele perguntou, curioso apesar de tudo.

— Quase dezesseis, meu senhor. Sophie e Stephen são gêmeos, sim.

Ele se virou para encarar o fogo, querendo tirá-la do campo de visão. Após a dança da noite anterior, ele sonhou com ela. O sonho não permitia um refresco indutor do sono. Em vez disso, sonhou que tirava o vestido safira do corpo dela, revelando as joias escondidas sob toda aquela seda e tomando a totalidade dele.

O vestido diurno que usava hoje parecia atraente de uma forma incomum, e não o que ele precisava ver se quisesse manter as mãos longe dela. Certificar-se de que ambos entendiam o casamento que teriam, e o que era esperado deles e o que não.

A imagem de Lorde Stopford dançando com ela na noite anterior, com as mãos nas costas dela, as palavras murmuradas perto do ouvido passaram pela mente dele, e ele cerrou os punhos no mantel de mármore da lareira.

— Suponho que, como são sua família, não posso negar o pedido de que fiquem aqui conosco. Mesmo assim, teria sido bom ser perguntado.

Os olhos dela brilharam, e ela se levantou, indo até ele.

— Eu teria perguntado, é claro, mas não pensei que o veria de novo até o fim da Temporada e bem, eu sabia que minha tia queria viajar, então pedi que viessem até mim. Não tive a intenção de ultrapassar meus limites.

Luke absorveu a imagem dela, altiva e orgulhosa diante dele. Os olhos eram brilhantes e claros, e lindos de uma forma que ele não via ser possível. Se tivesse que escolher uma mulher para se casar, supôs que alguém tão atraente como a Srta. Grant lhe serviria muito bem. Uma figura de proporções perfeitas e curvilíneas, os vestidos

acentuavam todos os lugares corretos que um vestido deveria acentuar. O nariz era pequeno e reto, e os lábios…

A atenção dele se voltou para esta pequena parte da pessoa dela, e ele se retesou quando aquela doce língua rosa saiu para umedecê-los. Luke piscou, trazendo os pensamentos de volta do perigoso território por onde haviam vagado. Ele endireitou a coluna.

— O que está feito, está feito, e se são seus irmãos, não vou negar sua companhia.

Não que ele precisasse ser responsável por mais pessoas, mas supôs que, como os irmãos tinham quase dezesseis anos, não ficariam muito tempo sob o teto dele, antes de buscarem seus próprios caminhos na vida. Ele poderia lidar com isso. Não era pedir muito.

— Agora… — ele disse, esperando que seus olhares se encontrassem. — Quanto ao nosso casamento, e o que espero de você.

Ela assentiu sem palavras, e ele ignorou a esperança que leu nos orbes azuis. Ela esperava um casamento verdadeiro? Decerto que não. Não após a maneira como as núpcias aconteceram em primeiro lugar:

— Ficaremos em nossos quartos, não compartilharemos a cama, ao menos por ora. — ao menos até ele conseguir arrumar um preservativo para usar enquanto navegavam pelos prazeres carnais. — Também espero fidelidade absoluta de você. Não tolerarei que compartilhe a cama com qualquer outro cavalheiro da *Sociedade*. Em especial, Lorde Stopford, a quem parece favorecer tanto. — a esposa fez um som de deboche, e ele se encolheu. — Considera tal pedido absurdo, minha senhora?

Os lábios dela formaram uma linha estreita, e ela o observou como um gênio observa um tolo. Ele não era nem um pouco tola.

— Enquanto eu continuo sendo a donzela intocada, como anda se comportando pela cidade, meu senhor? Fez um juramento de castidade ou devo fechar os olhos e ignorar suas indiscrições?

Luke nunca viu uma mulher falar com ele de maneira tão atrevida e irritá-lo. Embora fosse um pouco divertido ver que a esposa tinha sangue quente. Afinal, um pouco de coragem.

— Como marquês e cavalheiro, o que faço não é da sua conta, senhora.

Ele passou por ela e parou quando ela o agarrou pelo braço, parando-o. Um choque percorreu seu braço, ecoando por todo o corpo, e ele ficou rígido.

Que diabos foi isso?

— Não serei feita de idiota duas vezes, Lorde Graham. Já me envolveu neste casamento devido a uma situação que não foi criação minha. Não ficarei parada olhando enquanto pula de cama em cama com as mulheres a quem devo entreter. — ela soltou o braço dele, tentando empurrá-lo um pouco enquanto o fazia.

Ele não se moveu um centímetro.

— Serei discreto. — a mentira quase o sufocou, e ele engoliu em seco.

Uma mulher não diria a ele o que fazer, decerto não uma mulher que ele não queria. Quem essa garota pensava ser?

Ela ergueu o queixo, um tom rosado perfeito se espalhando pelas bochechas com covinhas. Doce misericórdia, ela era bonita. Mais bonita do que ele jamais percebeu. O corpo dele, tipicamente masculino, teve uma resposta tipicamente masculina. A atenção de Louise vagou por ele, como se sentisse a linha de pensamento dele, e ela deu um passo para trás.

— Não.

Ele a seguiu.

— Não? — ele disse, ameaça em seu tom. — Você não tem escolha.

E não tinha mesmo, por mais injusto que fosse. Uma imagem dos pais passou pela cabeça dele, felizes e amorosos, a irmã brincando aos pés deles diante da lareira enquanto se sentavam juntos, braços entrelaçados, desfrutando de uma noite assistindo os filhos brincarem.

Muito tempo atrás, desde que o deixaram.

— Claro que tenho. Não permitirei que continue com sua vida anterior, meu senhor. Estou aqui, uma marquesa por sua causa, e se eu quiser afeto em minha vida, e meu marido não estiver disposto a me garantir tanto, irei buscá-lo em outro lugar.

Ele a agarrou pela parte de cima dos braços, querendo colocar algum sentido nela. Em vez disso, a mente dele se desviou para o quão pequena ela era, como com muito pouco esforço ele poderia parti-la. Não que fosse fazer isso, mas estando tão perto dela, ele mais uma vez se lembrou de que ela era dele agora. Se quisesse, ele poderia reclamar os direitos de marido esta noite e tê-la.

Querido Deus, era tentador.

Ela o encarou, toda fogo e ira, os olhos brilhando de raiva. Bom, ele a queria com raiva dele. Raiva significava que não iria pressioná-lo, procurá-lo e exigir coisas que ele não estava disposto a dar. Tal estrada levava ao desastre e a corações partidos.

Talvez ele soubesse isso melhor que ninguém.

— Não, você não vai. — os seios dela subiam a cada respiração atribulada, e ele lutou para não olhar para o corpete. — Deve dormir comigo.

O casamento deveria ser consumado, caso contrário, não vejo sentido em continuar com essa farsa. Uma anulação seria melhor.

Os dedos dele deslizaram pelos braços dela, descendo até os cotovelos. O corpo dele endureceu ante a ideia de ir para a cama com ela. Se ela era tão apaixonada na cama como quando discutia com ele, ir para a cama com ela não era uma boa ideia. Ele poderia se acostumar com o calor entre os lençóis. Contudo, ela tinha razão em algo. Precisava consumar o casamento se quisesse mantê-la.

Pensou na demanda dela, sabendo que não havia muitas opções. Ela era a esposa dele. Ele deveria, pelo menos, dormir com ela uma vez. Não haveria repercussões, ele se certificaria disso.

— Muito bem. Irei ao seu quarto esta noite.

Ela abriu a boca em um pequeno suspiro, e ele se afastou, saindo da sala antes de tomar aquela boca deliciosa e reivindicá-la. Haveria um mínimo de beijos, nenhum apelido ou palavras afetuosas. Ele iria mantê-la à distância. Distância significa segurança. Ela não iria adular um caminho para o coração dele. Ela poderia ter tudo o que desejasse: os irmãos, roupas, comida e joias, mas não ele.

Nunca ele.

CAPÍTULO 9



LOUISE SE BANHOU E VESTIU uma das novas camisolas de seda que Mary a ajudou a escolher no dia em que saíram às compras. Ela se sentou na penteadeira, passando uma pequena quantidade de perfume de jasmim na parte de baixo do queixo.

Ela se olhou no espelho, os olhos maiores do que de costume, quase assustados. Pensar que esta noite ela dormiria com Lorde Graham era quase inacreditável para conceber. Ele era o libertino mais cobiçado de Londres. Um flerte imperdoável. E era seu marido.

No entanto, ela seria o suficiente para ele?

A ideia de que após esta noite não haveria mais noites não era aceitável. Depois que os pais dela faleceram, deixando-a para cuidar dos irmãos, ela quis dar a família que eles ansiavam. Ela conseguiria fazer isso? Ajudá-los a encontrar os próprios futuros, seja qual fosse, tornar-se mãe e amar incondicionalmente.

Em seu âmago, ela esperou que a mudança para York se tornasse o trampolim para tal vida. Ser a dona da própria casa, não dever nada a ninguém. De certa forma, era isso que ela se tornara. Embora, antes ansiou por amor e respeito no casamento, e agora estava ligada a um homem que não conseguia ficar no mesmo quarto com ela por mais de dez minutos.

Louise se levantou da cadeira e foi até a cama, olhando para a roupa de cama que havia sido puxada para ela em preparação para dormir. Ela subiu, ajeitando o cobertor na cintura e olhou para a porta que dava para o quarto do marquês. Nenhum som vinha da

câmara, e ela mordeu o lábio, perguntando-se se ele estava se preparando. Se estaria tão nervoso quanto ela.

Nunca na vida ela foi tão íntima de um homem, e embora Mary contasse algumas das coisas que aconteciam entre marido e mulher, muitas vezes a amiga parecia apenas sonhadora e declarava que Louise iria gostar. Em breve ela saberia.

Em momentos assim, dúvidas a atormentavam. Desfrutar de tal ato parecia estranho, porém, mesmo assim, Mary insistiu que tudo ficaria bem.

A porta se abriu, e a respiração dela parou. A pele dele era mais escura do que ela pensava que seria, beijada pelo sol e parecia quente no ambiente à luz de velas. Os olhos dela o devoraram, preencheram-se enquanto ele permanecia parado e imóvel na porta.

Os músculos tensos flexionaram-se quando ele caminhou em direção à cama, as calças eram o único artigo que vestia, e ela se lembrou de respirar para não ofegar.

— Está pronta? — ele perguntou, o tom profissional e frio.

Não era o tom que ela queria ouvir, e Louise se preparou para mudar de ideia acerca deles, do casamento. Embora não tivesse certeza de por que ele a afastou, a ideia de uma família e de uma vida, ela descobriria os motivos dele e lutaria para derrubar as paredes que ele ergueu.

Esta era a vida deles agora, quer quisessem ou não, e ela faria tudo o que pudesse para torná-la a melhor possível. Talvez nunca houvesse amor entre eles, mas haveria respeito e afeto.

Ela não aceitaria nada menos.



LUKE CONTEVE o xingamento ao ver Louise o esperando na cama. Os grandes olhos o percorreram, e ele se retesou, sentindo a inspeção dela, era como se os dedos dela tivessem deslizado pelo corpo dele. Tocando cada grama de sua carne.

Ele caminhou até ela com um passo determinado, mas que era de longe o oposto de como ele estava se sentindo. Louise era uma coisinha bonita e o tentava a ficar com ela, a tocar e beijar, saborear e explorar mais do que ele planejou.

Mas não. Ele não faria isso. Tal caminho só levaria à dor, e ele sofreu o suficiente dessa emoção para durar duas vidas.

A vela ao lado da cama tremeluziu, e ele estendeu a mão, apagando-a com o polegar e o indicador. A luz do fogo banhava a sala com uma luz dourada e, como esta era a primeira vez de Louise com um homem, as sombras podem ajudar a relaxá-la. Sem mencionar que quanto menos ele pudesse vê-la, melhor para ele.

Ele se abaixou e, segurando o rosto dela entre as mãos e a beijou. Afinal, ele não era um bruto, não queria que ela sofresse mais dor do que o necessário. No entanto, assim que os lábios tocaram os dela, ele percebeu o erro que cometera.

Sua boca imitava os movimentos dele, o que fez o sangue dele ferver. As mãos dela, hesitantes no início, mas logo mais ousadas, deslizaram pelo peito dele, para agarrá-lo pelos ombros. Luke se aproximou dela, prendendo-a na cama e beijando-a com ainda mais intensidade. Ele deslizou a língua por aquela boca e se perdeu, por um instante, no doce sabor que era a esposa.

Ele meio que esperava que ela recusasse o toque dele. Atestasse não estar pronta e demandasse que ele fosse embora. A cabeça dele girou com os suspiros suaves e necessitados e os beijos que ela devolvia. Ela queria isto. Louise o queria. Mais do que

ele esperava. A suavidade dos seios dela o roçou no peito nu, e a frustração o dominou.

Ele precisava sentir a pele dela. Provar e saborear por esta noite. Ele agarrou a barra da camisola, deslizando-a corpo acima. Ela se sentou um pouco enquanto ele puxava a peça pela cabeça dela, interrompendo o beijo, apenas por um segundo ao voltar a descer sobre ela.

Não era para acontecer assim, ela não deveria responder a ele.

Ele não deveria responder a ela…

Luke gemeu, desistindo de lutar contra o próprio desejo pela mulher abaixo dele. Uma noite de prazer mútuo satisfaria o dever dele para com ela, de marido. Após esta noite, eles poderiam continuar como marido e mulher apenas no nome.

A reação dele a ela foi a mesma de sempre com todas as mulheres com quem ele se deitou. Uma pequena voz em sua cabeça zombava dele.

Não, não era igual.



LOUISE DEVOLVEU os beijos do marido com tanta paixão quanto conhecia. Os dedos dela cravaram nos ombros dele, deslizando para agarrar a nuca, mantendo-o contra ela enquanto ele continuava a beijá-la como se ela fosse a única mulher no mundo que ele queria.

Era um sonho doce, e ela não era boba o suficiente para acreditar. Pelo menos não ainda. Contudo, ela o faria mudar de ideia sobre eles. Um casamento, mesmo que o casal não tenha se formado da maneira tradicional, ainda tinha uma chance de felicidade.

Ele com certeza via isso.

Decerto estavam se dando bem o suficiente nesta área, se ela pensasse com tanta ousadia. Louise arfou, empurrando-se na direção das mãos dele que moldavam seus seios, um dedo deslizando pelo mamilo e intensificando o calor líquido em seu núcleo.

Ó sim, gostou bastante disso.

Ela jamais pensou que estar com um homem assim pudesse ser inebriante. O toque inteligente dele a fez estremecer e doer em lugares que ela não sabia que podiam estremecer e doer, ele só a deixou querendo mais.

Mesmo a própria nudez não a assustava como pensou que a assustaria. A mão dele deslizou pelas costelas dela, pelo estômago e continuou baixando. Com uma devassidão nascida de anos de anseio pelo que tantos em torno dela possuíam: um marido, um amante, ela abriu as pernas e o deixou tocá-la onde mais doía.

Os dedos dele deslizaram sobre seus lugares mais privados, e ela gemeu, empurrando-se e erguendo-se contra ele. O corpo dela tremia, um caleidoscópio de sensações e nervos super sensibilizados que ansiavam por algo fora de seu alcance. Ele a provocou, levou-a para perto, e então afastou as sensações, e ela as quis de volta. Ansiava como uma abelha anseia por néctar.

— Luke. — ela arfou quando ele deslizou um dedo no corpo dela.

Ela deveria estar chocada com a própria reação a ele, mas como poderia se parecia tão certo. Tão delicioso, quente e tentador.

Os beijos, quentes e úmidos, roçaram-na na bochecha, no pescoço até que ele alcançou o ombro.

— Você é tão apertada, Louise. — ele sussurrou contra o pescoço dela, o calor da respiração dele a provocando ainda mais

até que ela não sabia mais o que fazer consigo.

— Eu quero você. — ela admitiu.

Por anos ela observou os cavalheiros da alta sociedade de longe, desejando ser a mulher que convidariam para dançar, namorar e flertar. Em vez disso, ela foi a companhia invisível de uma dama, um adorno floral de parede que nunca seria tocado.

Não mais.

Claro que se casar com ele não foi o ideal, a antipatia dele por ela chegava a ser palpável, mas agora que estava casada com ele, iria aproveitar a oportunidade para, por fim, o fazer enxergá-la.

Ver além do próprio título elevado, enxergar a mulher com quem se casou. Fazê-lo ver que, embora ela fosse comum, sem nenhum valor monetário para a família dele; ela não tinha preço, assim como qualquer pessoa, não importava sua origem.

A segurança que vinha com casar-se com um marquês, tanto para ela quanto para a família, não era um presente que ela pensou que receberia um dia. E ela não o desperdiçaria. Ela o alimentaria e protegeria tanto quanto pudesse. Tentaria reaver suas vidas sem a possibilidade de pobreza se algo desastroso acontecesse. Dar aos irmãos o futuro estável que sempre mereceram.

Luke se moveu e se acomodou entre as pernas dela, erguendo uma para descansar no quadril dele. Ele se mexeu em direção a ela, ao núcleo, que para sua vergonha, estava molhado e latejante. Ela choramingou em protesto quando ele tirou a mão de lá e a substituiu pelo corpo. A massa rígida do pênis dele, pressionando-se contra ela, trouxe outra nova e deliciosa necessidade que espiralava pelo sangue dela.

Louise levantou a outra perna, enganchando as duas nas costas dele. Ele gemeu e lançou a boca em um beijo punitivo, as mãos dele tateando entre eles, abrindo as calças.

Em seguida, ele se empurrou nela. Rompendo a barreira e conquistando-a como era direito. Como era desejo dela. Uma dor pungente, rápida e aguda, ocorreu quando ele se moveu para dentro dela, e então houve apenas prazer. Um prazer delicioso, maravilhoso.

Ele se balançou dentro dela, enchendo-a e empurrando-a em direção a mais do que ela desejava. A cada golpe, ele batia em alguma pequena protuberância especial dentro dela que doía e ansiava por mais. Louise se apertou contra ele, querendo mais, mais rápido, mais profundo, mais rápido.

— Droga, Louise. — ele rosnou contra seus lábios. — Tão bom. — ele se engasgou.

Ela se agarrou a ele, os movimentos dele eram frenéticos e duros. Os dedos dela deixando marcas nas costas dele, ajudando-o a tomá-la, querendo que ele terminasse o que quer que estivesse fazendo com ela.

E então, aconteceu. Seu núcleo convulsionou, espasmo após espasmo de prazer. Louise gritou, jogando a cabeça para trás contra a cama e arqueando as costas, permitindo que os sentimentos maravilhosos que ele evocava nela superassem quaisquer sentidos, enchendo-a e inflamando-a.

Luke ficou rígido acima dela, seu nome deixando os lábios dele antes que ele se puxasse para fora. Ele bombeou seu eixo no estômago dela, e ela observou, em transe, a reação do corpo dele a ela.

Louise deitou-se na cama, exausta e satisfeita, os ossos como um líquido sob a pele.

Ele veio se deitar ao lado dela, o rosto voltado para o dela, e ela estendeu a mão, incapaz de não o tocar. Seria sempre assim entre eles? Ela nunca soube que casais poderiam encontrar tanto prazer,

e agora que provou o que Luke poderia fazer com ela, bem, isso a deixou querendo mais.

A mão dele veio sobre a dela, segurando-a contra a bochecha, antes que ele franzisse a testa, removendo-a. Ele se sentou e deslizou pela cama, logo vestindo as calças e caminhando de volta para o próprio quarto.

— Está indo embora? — ela perguntou, sentando-se, sem se importar com a nudez.

Após o que ele acabou de fazer com ela, de como a fez se sentir, ela andaria nua todos os dias, desde que ele fizesse algo tão delicioso outras vezes.

Fazer amor com ela.

— Boa noite. — disse ele, parando na porta.

Ela o observou, esperando que ele se virasse e olhasse para ela. Mudasse de ideia, voltasse e fizesse mais do mesmo. Afinal, eles se casaram. Não havia nada de errado em marido e mulher terem prazer um com o outro.

Dar e receber.

Ele abriu a porta com força e entrou no quarto dele com rapidez, fechou-a com força, o som da chave girando a fechadura bem alto na noite silenciosa.

Louise suspirou, um arrepio de decepção invadindo a pele. O que fizeram era um começo, ela se lembrou. O primeiro passo para viverem como marido e mulher. Luke não queria se casar, e levaria tempo e paciência para ela conquistá-lo.

No entanto, ela o ganharia. Não fugiria para o campo para desaparecer da vista dele. Não. Estar em Londres lhe daria a oportunidade de mostrar que ele poderia ser feliz com ela. Se ao menos ele se permitisse ser.

E ele seria. Um dia.

CAPÍTULO 10



NA SEMANA SEGUINTE, Luke se esforçou para evitar Louise. A esposa dele. A recatada dama de companhia que se transformou em um diabinho no instante em que ele a tocou. Ele se sentou à escrivaninha do quarto dele, torcendo a pena entre os dedos e se perguntando como diabos ele perdeu todo o controle na noite em que consumaram o casamento.

A memória do corpo acolhedor, do beijo ousado e das reações dela ao toque dele dispararam calor para seu pênis. Ele se contorceu, ansiou e carregou um grande incômodo na última semana. Sempre que sentia o aroma de jasmim, ele olhava para ver se ela estava por perto.

Se ele ouvisse a risada dela nos corredores de casa, ele queria procurá-la e ver o que era tão engraçado.

Poderia até dizer estar se transformando em um idiota guiado por uma mulher. As noites na cidade foram agradáveis, ao menos para ela. Ele apenas a acompanhara, fazendo tudo que podia para se enterrar nos jogos de cartas dos cavalheiros, e ficar bem longe do toque dela.

A última coisa que ele precisava era dançar com ela. Se ele a tocasse de novo, de jeito nenhum acabaria em um simples abraço. Ele ficaria tentado a carregá-la do salão, em cima do ombro, como um viking, e tomá-la contra uma parede em algum lugar da casa.

A ideia de fazer isso o fez se ajustar na cadeira.

Ele praguejou e se levantou, caminhando até a janela. Agarrou a moldura de madeira e olhou para os jardins bem cuidados, os

canteiros de flores em plena floração e para as árvores verdes e frondosas. Desejou que o próprio corpo se controlasse.

Uma figura deliciosa em um verde profundo apareceu, e o corpo dele retesou. Louise chutou as sapatilhas para longe e deu alguns passos para fora do terraço, para o gramado. Ela caminhou pelo quintal, inclinando-se para sentir o cheiro de lavanda e alecrim. Ele a observou por um instante e saltou quando uma batida leve soou na porta.

— Entre. — disse ele.

A porta se abriu, e as mechas loiras de Stephen apareceram na porta.

— Meu senhor. — ele disse, um tom ansioso nas palavras. — Posso entrar?

Luke gesticulou para ele entrar.

— Claro, entre, Stephen. — Luke se recostou na escrivaninha e meneou a cabeça para o jovem se sentar na cadeira vazia em frente a ele.

O irmão de Louise olhou ao redor do cômodo, observando a mobília antes de olhar para ele. Ele parecia com a irmã, mais do que Sophie. Luke sorriu, tendo pena do rapaz que torcia as mãos no colo como se estivesse em algum tipo de problema.

— Em que posso ajudá-lo? — Luke perguntou.

Stephen se acomodou e voltou a atenção para Luke.

— Esperava, meu senhor, que me ensinasse a andar a cavalo. Nunca aprendi, sabe. Não tínhamos os meios para esses animais. Embora minha tia tivesse um gato, mas, bem, sabe o que quero dizer.

Luke riu das divagações do rapaz.

— Eu entendo. — ele se recostou na cadeira, contemplando o pedido. — Já montou algum cavalo?

O jovem rapaz balançou a cabeça em negativa.

— Não, nunca. Eu estive em carruagens e carroças, claro, mas jamais montei um cavalo. Como está casado com Louise, não quero jamais decepcioná-la ou envergonhá-la, entende, e que irmão de uma marquesa não sabe manejar uma montaria?

— Ama sua irmã?

O rosto do jovem se encheu de afeto ou adoração, Luke não soube dizer, talvez dos dois. A imagem da própria irmã, um doce de menina, apareceu em sua mente, e ele sabia serem as duas emoções.

— Sophie e eu devemos tudo a ela. Ela foi mandada para longe de nós com apenas oito anos. Se não fosse o dinheiro que ela mandava para nossa tia, teríamos acabado em um asilo. É a mulher mais gentil e trabalhadora que conheço.

Luke esfregou o queixo, pensando em Louise e na lealdade inabalável dela para aqueles que ela amava. Ela decerto amava os irmãos, e a duquesa de Carlton. Mesmo estando em um casamento que não importava para ela, ela estava fazendo o possível para agradá-lo. Tentando o fazer feliz embora soubesse que ele não quis a união tanto quanto ela não quis.

— Chega de títulos entre nós. Pode me chamar de Luke, e eu ficaria honrado em ensiná-lo a andar a cavalo.

O jovem se animou e se endireitou.

— Obrigada, meu senhor. Quero dizer… — ele fez uma pausa. — Luke. Obrigado, Luke.

Luke levantou-se, feliz por ser distraído da irmã de Stephen, que ainda caminhava pelos jardins. — Então, vamos. Não há tempo como o presente para aprender. Desceremos ao Hyde Park e começaremos hoje.

Stephen levantou-se, seguindo-o de perto.

— Sério? Seria maravilhoso. Obrigado. Estou ansioso para me tornar o cavalheiro que Louise sempre pensou que eu fosse.

Luke deu um tapinha nas costas dele, uma sensação de orgulho o enchendo de ter os meios de ajudar o jovem.

— Tem quinze anos, correto? — ele perguntou.

— Sim, dezesseis em um mês mais ou menos. — respondeu ele, ansioso.

— Bem, então, temos muito tempo para ajudá-lo a estar em total velocidade e competência antes de sua primeira Temporada.

Luke não estava certo de onde veio o pensamento, mas ao conhecer o jovem, a ânsia de aprender com ele, a gratidão pela ajuda de Luke, o deixou com um sentimento de humildade.

Ele não teve a chance de guiar e ajudar a irmã, tendo-a perdido tão jovem. Inferno, ele nunca teve pais. Apenas uma avó que o criou, mas logo faleceu quando ele tinha idade suficiente para cuidar de si. Ter esse jovem para guiar e ajudar era parecido com o que ele imaginava que seria ter um irmão.

Ele não teve uma família por vinte anos, nem desejava ter uma, a opinião dele quanto isso não mudara, mas ele conseguia ver a vantagem disso, com certeza. Cuidar de outras pessoas, além dele mesmo, era uma ocorrência nova e a ser contemplada. O que ele poderia dizer do assunto é que não o assustava tanto quanto ele pensava.

Tal contemplação por si só era assustadora.

~

VOLTARAM DA CAVALGADA algumas horas depois, e Luke não conseguia se lembrar de uma época em que se divertiu tanto. O jantar seria servido em breve, e eles deveriam partir para uma noite

musical na casa de Lorde e Lady Elliot, mas Luke não sentia a menor vontade de ir.

Stephen foi o melhor aluno. Ele ouviu, aceitou os conselhos, cuidou da montaria. Algumas vezes Luke o pegou acariciando a égua como se ela fosse quebrar, falando em tons suaves para conquistar o afeto do cavalo.

Luke assistiu, divertindo-se com toda a experiência e envergonhado por ficar aborrecido quando soube da chegada deles na cidade. Às vezes, ele conseguia ser um verdadeiro idiota.

— Vocês voltaram.

Louise se levantou do sofá diante da lareira na sala de estar assim que eles chegaram, vindo inspecionar seu irmão. Sem dúvida, assegurando-se de que Luke não o havia machucado de forma alguma:

— Aprendeu algo, Stephen? A Sra. Ellis disse que pediu ajuda com equitação. Espero que tenha assimilado bem hoje.

— Stephen foi um aluno excepcional, e assimilou tudo o que foi exigido na primeira lição. — Luke sorriu para o menino, acenando em aprovação.

Os olhos de Stephen brilharam de entusiasmo.

— Me ensinará mais, meu senhor?

— Luke, lembra-se? — perguntou ele.

O olhar de Louise disparou para o dele, e ele soube que ela estava se perguntando por que ele estava agindo com tanta familiaridade com o irmão dela. Luke não saberia responder a essa pergunta, mas o que sabia é que não tivera uma tarde tão agradável em anos.

Stephen não era um menino tolo e teimoso, muito pelo contrário, na verdade. Por ter sido criado em tese como pobre, ele era grato

pelo que viesse em seu caminho. De fato, as oportunidades seriam limitadas em Sandbach.

— Claro que vou. Vamos cavalgar amanhã de novo, se quiser. — disse ele, já ansioso para o passeio.

— Eu adoraria. Obrigado.

Louise olhou para ele, e ele sentiu o estômago se revirar. Quanto mais tempo passava na presença dela, mais gostava do que via. Ela também tinha a cabeça no lugar, não maculada pela ganância e pelo privilégio. Foi uma mudança bem-vinda em relação ao que estava acostumado.

— Posso aprender também, meu senhor? — Sophie perguntou, virando-se na cadeira para participar da conversa.

Louise olhou para ele, incerteza de repente passando pelos orbes azuis. Ele não gostava que ela estivesse insegura dessa forma em relação a ele. Pode não ter desejado um casamento, mas ele não era um ogro total. E após essa tarde com o irmão dela, ele precisava admitir que gostou de ensinar Stephen a andar a cavalo. Se Sophie também quisesse aprender, ele também a ensinaria.

— Claro que é mais que bem-vinda para se juntar a nós. Iremos após ao almoço amanhã.

Louise o observou por um instante, e ele não conseguiu ler o que ela estava pensando, embora, se fosse palpitar, ela pensava no que acontecera ao homem com quem ela se casou e que não queria fazer parte da vida de nenhum deles. Que se mostrara mais que feliz em afugentá-los para Kent, deixá-los lá para sempre.



NA TARDE SEGUINTE, Louise decidiu se juntar a Luke e aos irmãos no passeio ao parque. Havia algumas semanas que ela não

montava a cavalo, e ela e Mary sempre gostavam dessas saídas antes de Mary se casar com o duque.

Ela se encaminhou para o estábulo, seu vestido de montaria verde-garrafa, recém-entregue por Madame Devy ontem, servindo como uma luva. Era tudo que um vestido bem-feito e confortável deveria ser. Louise não conseguia parar de sentir o tecido de veludo macio e não conseguia se lembrar da última vez que realmente se sentiu atraente.

A excursão de hoje para ensinar os irmãos a cavalgar era algo que ela não pudera pagar quando trabalhava como dama de companhia. Apesar de todos os luxos que eram proporcionados na casa de Mary, antes e depois do casamento, não dava a ela os meios financeiros para presentear Stephen e Sophie com aulas de equitação.

Todos perderam muito devido à situação financeira. A tia fez tudo o que podia para garantir que os fundos de Louise cobrissem o máximo possível, mas ela precisava admitir que ao ser casada com um marquês, ter recursos ilimitados era uma mudança agradável.

Se ela garantisse que os irmãos nunca tivessem que se preocupar com dinheiro, ou como manter um teto sobre suas cabeças, ela ficaria ao menos grata pela noite em que o marquês tropeçou em seu quarto e quase a arruinou.

Usando um bloco de montagem, ela subiu na montaria, antes de seguirem em direção ao Hyde Park. Louise teve tempo para observar Luke com o irmão e a irmã. Ele cavalgava entre eles, um cavalariço de cada lado também, mantendo uma vigilância acirrada nos cavalos de ambos os irmãos, para que nenhum dano acontecesse a eles.

Ele se sentava bem em cima do cavalo, as costas retas e o conforto que sentia era óbvio para qualquer um que olhasse para

ele. A sela parecia um segundo lar para Sua Senhoria. Os irmãos o bombardearam com várias perguntas, e nenhuma vez ele suspirou de exasperação ou aborrecimento. Em vez disso, ele respondia a cada pergunta com uma resposta inteligente e paciente, e ela não pôde deixar de gostar dele um pouco mais.

O parque era uma colmeia de atividade, e eles desceram em direção a Rotten Row para se manter longe das carruagens e das pessoas que passeavam pelos caminhos do parque.

Luke parou a montaria um pouco antes da entrada da pista, instruindo os irmãos dela a tentar trotar ali, explicando como levantar da sela usando as pernas e estribos, para entrar em sincronia com o passo do cavalo. O tempo todo mantendo um aperto firme, mas não duro, nas rédeas.

— Obrigada por dedicar tempo para ensiná-los. Creio que fez do meu irmão um admirador seu por toda a vida.

O marquês riu, os olhos brilhavam com diversão enquanto observava os irmãos dela cavalgando na trilha arenosa.

— Não me importo. Na verdade, gostei bastante dos últimos dois dias instruindo-o. Ele é um trunfo para você.

Ela desviou o olhar do rosto muito bonito dele, que só aumentava a boa aparência quando ele sorria. Ele não voltou à cama dela desde a consumação do casamento, e quando ela o viu dessa forma: despreocupado, relaxado e em aparente diversão, ela não pôde deixar de desejar que ele fosse seu marido no sentido mais verdadeiro.

— Ambos são muito bons. Tenho sorte em tê-los como meus irmãos.

Ele assentiu, os olhos turvando um pouco com as palavras dela. Ela sustentou o olhar inspecionador dele, desejando que ele pensasse que ela também poderia ser um trunfo para ele, se ao

menos ele desse uma chance. Que a deixasse mostrar que o casamento não precisava ser uma sentença de tortura e desespero perpétua.

— Boa tarde, Lorde Graham. Que providencial encontrá-lo aqui.

Louise se retesou ao som da voz de Lady Clara e se virou um pouco para ver a jovem cavalgando na direção deles, um cavalariço seguindo de perto nos cascos de seu cavalo.

Luke curvou-se um pouco no assento, e Louise sorriu em boas-vindas, não importava que não gostasse da mulher, não seria rude. Ela viu o vestido de montaria da jovem debutante, de veludo azul e botões dourados, uma pequena cartola acima dos cachos dourados. Ela era muito bonita, rica e de uma família nobre. Tudo que Lorde Graham deveria ter ao se casar, e aqui estava ela, uma acompanhante que ganhou o título por meios nefastos.

Inquietação percorreu a espinha, e ela ergueu o queixo para tentar dissipar a dúvida que a percorria.

— Olá, Lady Clara. Está gostando do parque hoje? — ela perguntou.

Lady Clara a olhou e dispensou-a com a mesma rapidez.

— Ora, Lady Graham. — ela disse, observando o marquês e não poupando um minuto a mais de seu tempo para Louise. — Não a vi aí.

Louise ergueu a sobrancelha, calor marcando suas bochechas com o comentário.

— Sua visão está falhando, Lady Clara? — o irmão dela perguntou, uma inclinação contemplativa de cabeça quando parou seu cavalo diante do pequeno grupo.

— Não. — disse Sua Senhoria, olhando fixo para o rapaz.

Ele apenas franziu os lábios em pensamento.

— Ora, pensei que você não ter visto minha irmã significava que poderia estar ficando cega. Ela está sentada praticamente na sua frente.

A boca de Lady Clara se abriu antes que ela erguesse o queixo. Ela riu, um som tilintante que ecoou com condescendência.

— Ora, então você é o irmão da Srta. Grant, eu ouvi falarem pela cidade. Creio que nunca conheci o irmão de uma dama de companhia antes. Decerto não gostaria de conhecer a família de meus próprios servos. Seria rebaixar demais de posição.

O irmão de Louise a fulminou.

— Falta de cortesia também é uma forma de grosseria, e muitas vezes pode mostrar o verdadeiro caráter de uma pessoa, não a face que ela retrata para o público.

Sophie riu, cobrindo a boca com a luva para esconder a diversão. Louise desviou o olhar para o marquês, que parecia tão chocado quanto ela.

Lady Clara olhou para o irmão dela, antes de se virar para Luke toda sorrisos e doçura outra vez.

— Diga-me, meu senhor. De onde vem sua nova esposa, antes de trabalhar para a Duquesa de Carlton, é claro?

Louise fez menção de responder, antes que Luke pudesse ter a chance, mas seu irmão foi mais rápido.

— Sandbach, em Cheshire. Morávamos em uma cabana com nossa tia, se quer saber, Lady Clara. Está satisfeita agora? Já insultou minha família e minha irmã o suficiente por uma tarde, ou gostaria de continuar sua visita zombeteira enquanto cavalgamos?

A jovem arfou, virando o cavalo de maneira brusca, mas não antes de chamar a atenção de Lorde Graham.

— Vai deixar esse pequeno zé-ninguém falar comigo dessa maneira?

Todos os olhos se voltaram para o marquês, e ele olhou para Louise e depois para o irmão dela.

— Peça desculpas a Lady Clara, Stephen. O que você disse foi cruel.

Louise empurrou o cavalo para ficar entre o irmão e Lady Clara.

— Stephen não se desculpará por nada do que disse aqui hoje. Ele estava apenas respondendo à grosseria de Sua Senhoria para com nossa família. Venham, Stephen e Sophie, vamos deixar Lorde Graham e Lady Clara para se atualizarem sozinhos. Decerto não gostaríamos de manchar a posição deles na Sociedade com nossa linha de sangue humilde.

Louise se virou, e os irmãos vieram para perto dela. Ela respirou fundo, acalmando-se e usou a raiva que latejava nas veias para conter as lágrimas que ameaçavam. Ela mordeu o lábio, recusando-se a ceder à emoção. Recusava-se a desmoronar pelo fato de que o marido não os defendia. Apenas se sentou e permitiu que Lady Clara zombasse e ridicularizasse sua família.

A família dele.

Contudo, ele não queria uma família, então não deveria surpreendê-la que ele ficasse de braços cruzados e permitisse que tais palavras fossem ditas.

Ela praguejou e o irmão estendeu a mão para apertar a dela.

— Sinto muito, Louise, mas não podia permitir que aquela mulher a tratasse dessa maneira. Suponho que minhas aulas com o marquês estão encerradas.

Ela deu um tapinha na mão dele, a raiva não dele, mas do marido. De si por permitir que Lady Clara a criticasse como se ela ainda fosse uma dama de companhia. Ela era uma marquesa agora, e não era culpa dela que a jovem debutante tivesse perdido a chance com Lorde Graham. Se a pequena idiota soubesse que na

noite em que entrou no quarto dela, ele deveria, na verdade, se encontrar com Lady Scarboro, uma viúva com quem ele, ao que tudo indica, estava dormindo.

O pensamento a fez sentir nauseada, e ela mal podia esperar por estar em casa logo. Para um dia que começou tão bem, o término era terrível. E esta noite ela compareceria à festa de Lorde e Lady Conyngham.

A tortura parecia não querer acabar.

CAPÍTULO 11



O TRAJETO ATÉ A FESTA de Lorde e Lady Conyngham foi tranquilo. Luke se sentou em frente a ela, olhando pela janela, a mandíbula travada em uma linha dura, os olhos estreitos em contemplação. Ele estava com raiva, quase vibrava com a emoção, e ela sentiu o estômago embrulhar ante a ideia de que ele iria gritar com ela. Ela odiava confrontos, mas também não permitiria que ele ou os amigos nobres a degradassem sem ela ter feito nada para merecê-lo. Em primeiro lugar, se alguém merecia censura, era Luke por colocá-la nesta posição.

Agradecida ao chegar ao sarau, ela logo encontrou Mary, o duque longe de ser visto. Era perfeito para Louise, pois se ela não falasse com alguém logo sobre o que acontecera no parque esta tarde, ela poderia gritar.

Gritar com o marido covarde que ficou do lado de uma aranha venenosa em vez da esposa.

O que havia de errado com o homem?

Mary beijou suas bochechas em boas-vindas, e Louise respirou aliviada pela primeira vez no dia.

— Estou tão feliz em vê-la, Mary. Preciso da sua opinião e não faço ideia do que fazer.

A amiga franziu a testa, pegando-a pelo braço e levando-a até um par de cadeiras próximas. Elas se sentaram, e Mary pegou sua mão, preocupação gravada em suas feições.

— Claro que pode confiar em mim. Estou sempre aqui. Sabe disso.

Ela assentiu, engolindo o nó na garganta. Estava preso ali desde que Luke manteve-se em silêncio, imóvel em seu cavalo, calado quando deveria ter dito algo.

— Não creio que meu casamento com o marquês vá funcionar. Ele nos odeia, tenho certeza. Acredita que estamos abaixo dele, o que até eu admito que estamos quando se trata dos padrões da sociedade… Mesmo assim, as ações dele hoje tornaram quase impossível de o perdoar.

Os olhos da duquesa se arregalaram, e ela apertou a mão de Louise com mais força.

— O que ele fez, Louise? — ela perguntou. — Decerto, não pode ser tão ruim quanto parece.

Louise balançou a cabeça, desejando que não fosse.

— É ruim e não sei o que posso fazer.

Louise explicou à duquesa o que se passou entre eles e Lady Clara. A reprimenda do irmão dela para com Sua Senhoria, pelo que Mary bateu palmas e o felicitou, e a resposta do marquês. Quanto à incapacidade do marido dela de falar, exceto para censurar seu irmão, bem, a duquesa teve uma reação completamente diferente.

— Bem, Lorde Graham também precisa de uma boa censura, e deve vir de você. Você é uma marquesa agora. A esposa dele. Como ele ousa ficar do lado de Lady Clara?

Como se falar da debutante a trouxesse à tona, ela parou diante das duas, sorrindo como um cordeirinho, em vez de uma loba traiçoeira.

— Vossa Graça, Lady Graham, é um prazer vê-la aqui esta noite. Deve estar satisfeita em rever Sua Senhoria, Sua Graça. Se tiver problemas com seu vestido ou precisar de ajuda durante a noite, ao menos tem sua serva por perto.

As damas que acompanhavam Lady Clara riram do insulto, e a duquesa se levantou. Mais alta do que Lady Clara, a jovem teve que dar um passo para trás e erguer os olhos para Sua Graça.

A duquesa riu.

— Ó, querida, você é tão engraçada, mas sabe quem está realmente rindo, não é, minha querida? — a voz dela gotejava sarcasmo.

A jovem que não estava disposta a perder uma discussão apenas levantou uma sobrancelha interrogativa.

— Tenho certeza de que está mais do que disposta em me dizer, Sua Graça.

Louise também se levantou e ficou feliz ao ver que também era mais alta do que Lady Clara. Pelo menos nisso ela foi a vencedora.

— Ó, eu rio. — a duquesa sorriu. — Sabe que Lorde Graham nunca iria se casar com você, não sabe?

A jovem empalideceu, e os olhos das amigas se arregalaram, as duas se entreolharam, de repente sem saber para onde estava indo aquele pequeno tête-à-tête.

— Não saberia dessas coisas. Não quando ela… — Lady Clara disse, apontando para Louise. — o enganou para ir ao quarto dela, então ele foi forçado a agir como um cavalheiro e se casar.

A duquesa sorriu para Louise antes de se voltar para a jovem, que, como as amigas, parecia bastante interessada em saber a resposta.

— Ora, não. Louise foi nada além de inocente naquela situação, mas o marquês não tanto. Não passa de uma pequena debutante, uma menina aos olhos dele. Ele pode ter brincado com você diante da Sociedade, mas nunca se casaria com você. Nunca. — a duquesa estendeu a mão, dando um tapinha condescendente no ombro da jovem. — Guarde seu coração no futuro. Eu odiaria ouvir

boatos de que você está muito entristecida com o casamento do marquês. Um comportamento muito crasso se eu fosse dar uma opinião sobre o assunto.

O estômago de Louise se revirou com as palavras da duquesa. Ela sabia que a amiga estava apenas tentando colocar a garota em seu lugar, mas ao fazer isso a deixou vulnerável a fofocas, mais do que ela já estava. Os olhos de Lady Clara dispararam entre elas, mas não havia medo neles, apenas raiva, e Louise rezou para que este pequeno incidente não ocorresse outras vezes.

— Zomba de mim, Sua Graça. Não é muito mais velha do que eu, e não passou despercebido que seu casamento também ocorreu por meios nefastos. E fica aí me dando conselhos. Como você é divertida.

— Creio que deveria ir. — Louise disse, segurando o braço de Mary ao parar ao lado dela. — Disse o suficiente para mim e minhas amigas por hoje.

Lady Clara ergueu a sobrancelha.

— Onde está seu marido, Lady Graham? — ela olhou ao redor do cômodo. — Não o vejo perto da sua pessoa. Talvez eu deva procurá-lo e exigir outro pedido de desculpas. Diga a seu irmão que seu marido e eu estamos esperando um.

Com isso, ela saiu a passos rápidos, o bando de amigas logo atrás dela.

A duquesa se virou para Louise, os olhos ardendo de raiva.

— Como ela se atreve, como Lorde Graham se atreve? Só há uma coisa a fazer para esse comportamento horrível.

— Há? — Louise perguntou, perplexa.

Ela jamais tivera tantas discussões na vida como teve desde que se casou com o marquês. E nunca pensou que as mulheres da *alta*

sociedade se voltariam contra ela, culpando-a pelo comportamento de Sua Senhoria.

— Se ele não vai defendê-la contra aqueles que procuram feri-la, então você deve feri-lo. A partir desta noite, deve flertar, rir e se divertir tanto quanto puder em nossa esfera social. Vou ajudá-la com isso. Se o marquês não a quer para ele, então ele verá que outros a querem, que não são tão críticos. Então veremos o que ele fará.

Louise mordeu o lábio, sem saber se tinha forças para fazer tal coisa. Claro que a tia dizia que sua aparência era tolerável, mas ela não era tola em pensar ser uma beleza rara, um diamante da *Sociedade* como Lady Clara era.

Mas se o marquês não estava interessado nela, talvez ela devesse mostrar haver cavalheiros que estavam. Ele merecia uma pequena vingança após o tratamento que dispensou à família dela esta tarde.

— Muito bem, vamos tentar por uma semana ou mais e ver o que acontece.

— Bom. — a duquesa disse, levando-a para a guerra. — Vamos começar.

~

LUKE NÃO SABIA DIZER o que estava acontecendo, mas tudo o que sabia era que a esposa havia se tornado a mulher mais elegante e mais procurada de Londres. Após a briga no parque com Lady Clara, Louise se afastou por completo dele.

Ela não o acompanhava mais com os irmãos nas aulas de equitação. Ele ficou surpreso quando o irmão se mostrou disposto a continuar as aulas, e o humilhou um pouco ao se mostrar capaz de perdoar o lapso dele em defender a família do menino.

Ele olhou através do salão, para aqueles que ouviam a famosa soprano, Elizabeth Billington. A esposa dele estava sentada mais à frente, com a duquesa de Carlton, que ele também notou estar se mantendo bem longe dele nos últimos tempos. A amizade havia esfriado, e ele odiava que o erro dele tivesse causado uma cisão entre todos eles.

O que era pior, agora a esposa comparecia a eventos sem ele, chegando a nem mesmo avisá-lo de que sairia, e as conversas no clube diziam que os canalhas e libertinos haviam notado a desatenção dele e voltaram a rodeá-la.

Os olhos dele se estreitaram na esposa quando ela se inclinou para a duquesa, dizendo algo que fez as duas rirem. Lorde Stopford sentou-se ao lado dela e, ao que parece, começava a colocar as manguinhas de fora de novo. O braço do cavalheiro apoiava-se nas costas da cadeira de sua esposa e fez o sangue ferver nas veias de Luke.

O que ele pensava estar fazendo, sentando-se tão perto da esposa de outro homem? Ele tinha uma esposa em casa, por que não dava atenção àquela?

O visconde Anson aproximou-se dele com uma taça de vinho na mão. Graham assentiu em boas-vindas, antes de voltar a atenção para a esposa.

— Devo felicitá-lo pelas recentes núpcias com a adorável Srta. Grant. Admito que fui tomado de uma cegueira extraordinária em relação à beleza dela até que se casaram. É um homem de sorte, Graham.

Luke olhou de supetão para ele.

O homem desenvolveu um desejo de morte? Não que ele tivesse dito algo muito grosseiro, mas a implicação era de que ele a via agora, que seu interesse foi despertado.

— Obrigado. — disse ele, mantendo a resposta o mais curta possível. — E como está Lady Anson, se posso perguntar?

Um sorriso torceu os lábios de Sua Senhoria, mas a atenção dele não se moveu de Louise.

Canalha.

— Ela está bem, e Lady Graham também é muito bonita, dona de uma perspicácia que gosto. No entanto, suponho que já saiba disso.

Luke rangeu os dentes.

Não, ele não sabia disso, e devia ser chicoteado por não conhecer melhor a esposa. Contudo, conhecê-la significava se importar mais do que ele queria. Mostrar interesse quando ele não queria se interessar nela de forma alguma. Ele não queria uma família, uma que pudesse ser arrancada dele a qualquer momento. Se ele mantivesse todos à distância, quando o desastre acontecesse, como sempre acontecia em sua estimativa, ele não ficaria tão arrasado quanto ao perder a mãe, pai e irmã caçula.

— Claro. — ele mentiu.

Não falou por um instante, irritado com Lorde Anson e consigo mesmo pela falta de atenção quando se tratava de Louise. Ele deveria saber que ela era engraçada, o que a fazia rir. No que ela estava interessada. Em vez disso, o medo dele de se apegar a ela a tornara uma estranha para ele.

Ele tentaria, sem deixar de proteger o coração. Não era nada impossível de fazer. Ele nunca foi homem de perder a cabeça por uma garota, havia poucos motivos para que ele perdesse a cabeça pela esposa. Pode-se estar presente, conhecer todas as facetas do cônjuge, mas mantendo as emoções fora da equação. Decerto era possível.

Luke voltou-se para a esposa e parou quando o polegar de Lorde Stopford roçou o ombro nu dela. Uma névoa vermelha caiu sobre sua visão quando ela não fez nenhum esforço para remover a mão dele, apenas se virou para ele, falando como se nada estivesse errado.

Ao inferno que não havia nada de errado.

A cantora de ópera chegou ao fim da canção, e a multidão aplaudiu, levantando-se e se dispersando pelo salão. Luke não se moveu, e Lorde Anson se afastou, felizmente, para um grupo de pessoas que queriam conversar de verdade com ele.

Sua esposa se virou na direção dele, sorrindo, e ele notou quando aquele lindo sorriso desapareceu assim que ela o avistou. A duquesa olhou para ele também, dispensando-o assim que o viu. Quanto a Lorde Stopford, ele apenas sorriu, a diversão nos olhos dizendo a Luke tudo o que ele precisava saber do demônio e do que ele estava tramando. Não seria a primeira vez que Sua Senhoria seduzia a esposa de um par, mas o inferno congelaria antes que ele permitisse que Louise fosse uma delas.

Ele não se moveu, apenas observou para ver o que Louise faria e uma emoção muito semelhante a alívio se derramou por ele quando ela se desculpou e foi até ele.

Quando ela se aproximou, ele se inclinou e a beijou na bochecha, sem saber de onde vinha a demonstração de afeto, mas não lamentou a decisão de fazê-lo. Ela era esposa dele, estava sob sua proteção. Ele deveria se lembrar disso com mais frequência quando debutantes problemáticas tentavam insultá-la na frente dele e da *Sociedade*.

Ela o olhou com surpresa antes de pegar no braço dele e se posicionar ao seu lado.

— Não sabia que viria esta noite. Poderíamos ter compartilhado uma carruagem se fosse esse o caso.

Ele colocou a mão sobre a dela no braço dele, mantendo-a lá.

— Sua criada me contou de seus planos para esta noite, e sempre gostei de uma soprano, pensei em comparecer também. Voltaremos para casa juntos se estiver de acordo.

Ela assentiu, contemplando-o, e ele só podia palpitar acerca do que se passava na mente dela. O que ele estava tramando? O que não era muito diferente dos pensamentos confusos dele. Não era segredo que ele não queria se casar com a mulher ao lado dele, ou com qualquer outra mulher, mas agora que ele estava casado, bem… ela era muito adorável, em temperamento e aparência, e quem não teria ao menos um pouco de orgulho de ter uma mulher assim em seu braço?

— Eu gostaria disso.

Eles ficaram em silêncio por um instante, antes de Luke abordar o assunto que o atormentava há dias.

— Devo desculpas a você, Louise.

— Mesmo?

Ele não sabia dizer se era uma pergunta mesmo ou uma resposta. Ele a olhou, os lábios se contraindo com a mesma diversão que ele leu nos olhos azuis cintilantes dela.

— Sim. Por não ter mandado Lady Clara ao inferno naquele dia no parque. Eu nunca deveria ter demandado que seu irmão pedisse desculpas, e deveria ter exigido que Sua Senhoria se retirasse. Não voltará a acontecer.

E não aconteceria.

Ele jamais deixaria que outra pessoa insultasse sua esposa. Agiu como um desgraçado desde o início por ter permitido. Ela sorriu, e ele sentiu algo no peito se apertar.

— Obrigada, Luke. E devo dizer que, a partir deste instante, recomeçaremos.

— Eu também gostaria disso.

A noite passou de maneira agradável após essa troca, e até mesmo a Duquesa de Carlton foi mais afetuosa com ele, como costumava ser antes de ele se casar com a amiga dela. Os anfitriões ofereceram ceia para aqueles que desejassem ficar.

Luke sentou-se com Louise, o duque e a duquesa de Carlton e ouviu as escapadas durante a infância. O fato de Louise ter sido enviada para fazer companhia à duquesa tão jovem não agradou a Luke. Ela era apenas uma criança. Fora jogada em um mundo desconhecido para ela, e sem o apoio da família. Muito parecido com ele. Um marquês antes dos oito anos, lançado em um mundo que não abrigava mais os pais ou a irmã.

— Sentiu falta de Sandbach quando saiu? Oito anos é muito jovem para ser tirada de quem ama.

Louise o olhou, encolhendo os ombros um pouco, mas nos olhos dela ele podia ver a dor daquele dia persistente nas sombras. Ela pode ter sido bem aceita e amada no lar de infância da duquesa, mas não era a família dela. Não importa o quanto possa ter tentado torná-la isso.

— Claro. Fui mandada embora poucas semanas após o falecimento de mamãe e papai. Sophie e Stephen eram apenas bebês, e admito que me senti muito perdida e indesejada por minha tia por um tempo. Pensei ter feito algo errado. No entanto, Mary… — disse ela, pegando a mão da amiga. — me ajudou a rir de novo e serei eternamente grata por isso. Eu ia para casa quando podia, para visitar meus irmãos, e lhes escrevia todas as semanas. Queria que eles me conhecessem, entende? Que não se esquecessem de mim. Não posso dizer o quão agradável, quão satisfatório é que eles

estejam comigo agora. Suponho que devo agradecê-lo por isso. — disse ela, rindo um pouco.

— A mim? — ele perguntou. — Como assim?

Louise tomou um gole do vinho, sorrindo.

— Bem, se não tivesse entrado no meu quarto, eu estaria em York e meus irmãos ainda estariam em Cheshire.

Calor subiu pelas bochechas de Luke, mas apesar disso, ele se viu rindo.

— Suponho que devo desculpas por esse lapso também.

— Desculpas aceitas. — ela envolveu o braço no dele, e ele não se afastou do contato.

Na verdade, percebeu sem nenhum choque que gostava que ela fosse tátil com ele.

Ele gostava dela.

Luke observou enquanto o pequeno grupo continuava a conversar e rir. Ela possuía a risada e o sorriso mais doces quando animada e feliz. Queria ver mais dela desta forma. Semanas atrás tal pensamento teria sido absurdo, assustador até, mas tudo o que sentia naquele momento era felicidade.

~

LOUISE PEGOU A MÃO oferecida por Luke para entrar na carruagem. As persianas da carruagem estavam fechadas devido à noite fria. Tijolos térmicos foram colocados no chão para eles e, assim que estavam em movimento, tornou-se um lugar aconchegante para passar os próximos minutos antes de chegarem em casa.

Ela puxou a capa sobre os ombros, o calor suave do tijolo quente sob as sapatilhas, assim como a noite também foi. Esta noite Luke

se mostrou atencioso, divertido e disposto a estar ao lado dela, agindo como o marido que era agora. Após a terrível situação no parque, ela não pensava que haveria muita esperança para o casamento deles, contudo, nessa noite ela não estava mais tão certa de ser esse o caso.

Ele havia tentado, melhor do que nada.

Ele a observava do assento em frente ao dela, os joelhos deles se tocando de vez em quando, com o movimento da carruagem. A mente dela flutuou para as lembranças da única noite em que ele a visitou na cama. De como, pelo menos lá, eles se encaixavam muito bem.

Outras partes dela se aqueceram ante o pensamento e, ao olhar para ele: a mandíbula incisiva, o nariz perfeito e o olhar escuro e faminto a deixaram sem fôlego. O que ele estava pensando neste segundo? Se fosse algo parecido com os próprios pensamentos rebeldes dela, tudo o que ela podia imaginar era como seria ser pega nos braços dele de novo.

A semana, brincando de aceitar a atenção que os cavalheiros de sua esfera a dispensavam, parecia ter funcionado. Esta noite, com certeza, Luke parecia pronto para matar Lorde Stopford quando a viu com ele. Que Sua Senhoria tenha contribuído para o pequeno plano de deixar o marido com ciúmes, de fazê-lo notar a esposa, não poderia ter sido mais perfeito nem se ela tivesse pedido que ele o fizesse.

— Lorde Stopford mostrou-se muito familiarizado com você esta noite. — a voz profunda dele vibrou através dela, e ela encontrou os olhos escuros de Luke.

Lorde Stopford era a última pessoa de quem ela desejava falar.

— Foi? Nem percebi.

Os olhos dele a percorreram, e Louise estremeceu como se ele tivesse passado mesmo as mãos por ela. Seu corpo ansiava pelo toque dele mais uma vez, por ter aquelas mãos inteligentes traçando seus seios, sentir sua boca e língua.

Ela se mexeu no assento, incapaz de desviar o olhar dele.

— Não quero ninguém mais a tocando de novo. Você é minha, e eu não compartilho, minha senhora.

Louise mordeu o lábio, perguntando-se de onde vinha essa mudança de opinião. Apenas algumas semanas atrás, ele não queria um casamento. Decerto não a queria nem mesmo sob o mesmo teto que ele. E agora, estava sendo todo possessivo. Ela só podia esperar que significasse que ele estava disposto a fazer o casamento funcionar.

— Não pensei que se importaria com uma carícia aqui ou ali. Não havia nada de sinistro.

Ela o estava provocando, ela sabia, mas não conseguia se conter. Ele manteve distância dela por tanto tempo, que se ele não demonstrasse algum tipo de emoção, ela gritaria. Ele guardava o próprio coração como se ele fosse fundido em ferro, uma fortaleza impossível de ser violada.

— Ninguém toca em você.

Ela zombou, olhando pela janela.

— Alguém tem que fazer. Com certeza, você não o faz.

O marquês estendeu a mão e a agarrou pelo braço, colocando-a no colo dele. Ela se sentou nas pernas dele, e o braço dele envolveu-a pelas costas, segurando-a pela cintura e prendendo-a contra ele.

— Quer ser tocada, Louise?

Calor se acumulou em seu núcleo ante as palavras dele. Ela percebeu que balançou a cabeça em resposta, incapaz de formar

palavras naquele instante. Os orbes escuros dele brilharam com a promessa de algo perverso, e ela mordeu o lábio, querendo, mais do que tudo, que ele a tocasse como disse que faria.

Ele manteve os olhos fixos nos dela, e uma das mãos deslizou pela perna dela, agarrando a bainha do vestido e deslizando-o em direção à cintura. Ar beijou as pernas dela, vestidas com as meias, e ela suspirou quando ele afastou um pouco seus joelhos. Ainda assim, a mão dele deslizou mais para cima na coxa, até que ele a tocou, *lá…*

Ó, sim, era o que ela queria.

Ela queria amor, se sentir desejada e necessária. Não só na vida, mas nesses momentos também. Momentos privados entre um casal. O dedo dele deslizou em seu monte, sacudindo a pequena protuberância com o polegar, enquanto os dedos mergulhavam mais longe, acariciando e provocando. Louise estendeu a mão e segurou-o nos ombros, virando-se um pouco nos braços dele.

— Eu quero você. — ela arfou quando ele circulou um seio. — Por favor.

~

LUKE GEMEU E A BEIJOU. Com vontade. Aquela doce boca se abriu para ele, assim como as pernas. Ficaram abertas, expondo o doce calor. Ele empurrou dois dedos para dentro dela, querendo vê-la desmoronar em seus braços. Entretanto, ele não queria tomá-la aqui, encontraria o próprio prazer quando estivessem em casa, na cama onde poderia saborear tais instantes sozinho.

Ele a pegou e a colocou no assento que ela acabara de desocupar. Ela fez um pequeno som de protesto que deixou o pênis

dele duro como pedra. Maldição, quando ela se tornou tão deliciosa?

Ele puxou as saias dela, precisando prová-la. Fazê-la desmoronar em seu rosto. Ela não se esquivou das ações dele, o que só fez o desejo dele tornar-se mais forte. Ele trilhou beijos até a parte de cima da perna dela, mordendo a coxa por cima da meia. As pernas dela escorregaram nos ombros dele, e abrindo as *pantalettes* dela, ele parou ante a visão deleitável do monte diante dele.

Ela estava molhada e pronta, e ele a beijou lá. Os dedos dela cravaram em seus cabelos quando ela relaxou diante das atenções dele. Maldição, ela tinha um sabor doce, e ele a lambeu, sacudindo a pequena protuberância com perfeição praticada.

Ela choramingou, empurrando-se contra ele e alcançando prazer contra a língua dele. Ele ardia de necessidade por ela, e ele contemplou transar com ela. Tomá-la aqui, bem como na cama, mais tarde esta noite.

Luke empurrou dois dedos em seu calor, e ela se engasgou, balançando na mão dele, em uma mímica do ato sexual. Era demais, e ele se afastou, abrindo as próprias calças. Ele a puxou para a borda do assento e se embainhou dentro dela em um impulso.

Um meio suspiro, meio gemido escapou de ambos. Ele a apertou na parte inferior das costas e no topo do assento, segurando-a enquanto bombeava no núcleo tenso.

— Maldição, Louise. Você vai me desfazer.

Ela gemeu, um pequeno sorriso satisfeito nos lábios.

— Não pare.

Havia pouca chance disso.

Ele empurrou mais fundo, a necessidade superando o fato de que ele estava tomando a esposa na parte de trás de uma carruagem, como uma prostituta comum, e ainda assim nunca pareceu tão certo. Ele queria dar prazer para ela, ser o único a fazê-lo, hoje e todos os dias daqui para frente.

Ela agarrou-o pelos quadris, os olhos brilhando de necessidade. Ele conhecia bem a sensação.

— Solte. — ele disse, levantando-a um pouco para ir mais fundo, para acariciá-la bem.

Os olhos dela se arregalaram, e ela jogou a cabeça para trás quando se desfez nos braços dele. Espasmo após espasmo agarrou e puxou o pênis dele, e ele se viu impotente para não a seguir em êxtase. Ele gozou forte, deixou que ela o ordenhasse até a última gota de semente. Ele respirou fundo para se acalmar, enquanto deslizava para longe dela, sentando-se ao lado dela nas almofadas.

Ela se enrolou ao lado dele, e ele a abraçou. A respiração dela estava tão irregular quanto a dele, e ele olhou para o teto da carruagem, perguntando-se de onde diabos vinha aquela necessidade irresistível de torná-la dele, de garantir que ela era dele e de mais ninguém.

Essa complexidade, ele pensaria em outra hora. Agora, ele não conseguia pensar direito, mesmo se tentasse. Ele olhou para o rosto corado dela, um sorriso satisfeito nos lábios, e ele não conseguiu se arrepender de estar com ela. Não podia se arrepender de ter se casado com ela.

O que aquilo significava?

Ele se abaixou e ajustou o vestido dela, colocando as saias de volta sobre suas pernas, antes de abotoar suas próprias calças. A carruagem parou diante de casa, e ele a ajudou a descer, seguindo-a para dentro.

Ele precisava pensar, mas não conseguia fazer isso direito quando estava perto de Louise. Havia algo nela que o desarmava. A natureza compassiva era de longe uma das melhores coisas nela, sem mencionar que se davam bem quando sozinhos. Contudo, ele não queria uma esposa, certo? Ou talvez ele apenas não conhecesse a mulher certa. Até agora.

Ele a seguiu escada acima e, em vez de deixá-la entrar no quarto, puxou-a para o dele e fechou a porta para o mundo. Fechou a porta para os pensamentos confusos e apenas se permitiu estar com ela. Desfrutar dela e afastar o medo de que, caso ele se permitisse nutrir apego à esposa, iria arrancar seu coração. Que ela sempre estaria segura.

Viva.

Ele a beijou com força e jogou os dois na cama. Não há tempo como o presente para se perder nela e ignorar os próprios medos. Começava a ser um medo de perder.

De perdê-la.

CAPÍTULO 12



NA MANHÃ SEGUINTE, Louise desceu as escadas até a mesa de café-da-manhã quase que flutuando. Ela entrou na sala, esperando encontrar Luke fazendo o desjejum. Em vez disso, ela a encontrou vazia. Ela se virou para um lacaio próximo.

— Onde estão todos nesta manhã?

Ela se sentou à mesa e pediu chá, torradas e bacon.

— Sua Senhoria, junto à Srta. Sophie e ao Sr. Stephen, foram dar um passeio, Vossa Senhoria. Disseram que voltariam para se juntar a você no café-da-manhã.

Louise bebeu um gole de chá, suspirando ante a doçura assim que a porta se abriu, e o marquês entrou com seus irmãos. Todos estavam corados, os cabelos bagunçados pela cavalgada. Pareciam revigorados e felizes, e o coração dela retorceu ao saber que os irmãos estavam seguros e contentes.

Ela encontrou o olhar do marquês, e sentiu-se apertar de necessidade. Ele era tão bonito, e era dela. Dela quando ela quisesse. O pensamento fez suas bochechas queimarem, e ela se voltou para a torrada e para o bacon, esperando que ele não adivinhasse os pensamentos rebeldes dela. Ela estava se transformando em uma devassa.

— Está de pé? — disse ele, vindo se sentar à mesa à direita dela. — Está bem hoje, minha senhora.

O olhar dela se desviou para ele.

Ele sorriu, pedindo um café antes de pegar o *The Times* ao lado dele.

— Sophie e Stephen estão se tornando ótimos cavaleiros, Louise. Ficaria orgulhosa deles.

— Somos mesmo, Louise. Até tentei galopar hoje. Não caí, então pode-se supor que, por si só, já seria uma grande conquista.

Stephen riu.

— No entanto, você titubeou, Sophie. Pensei que partiria as costas do seu pobre pônei uma ou duas vezes.

Sophie bateu no braço do irmão, rindo.

— Confesso que preciso aprender a me sentar na sela com maior eficiência, mas Sua Senhoria disse que virá com a prática. E estou determinada a ser uma grande amazona.

— Tenho certeza de que será. — Luke disse, virando a página do jornal e jogando um sorriso para Louise. — Vamos dar uma volta pelo parque esta tarde na carruagem. Todos nós. — ele declarou.

Sophie bateu palmas, quase saltando na cadeira ante a notícia.

— Vamos? — Louise perguntou, se indagando pela mudança de opinião.

Ele mudou de ideia acerca de ter uma esposa e estava disposto a fazer coisas com ela? Se dedicar ao casamento como ela esperava? Após a noite passada, esperança floresceu nela, de que poderia haver mais entre eles do que ela pensava. Havia poucas dúvidas de que, quando estavam sozinhos, o ar vibrava com uma tensão deliciosa. Decerto poderiam construir algo a partir daí, trabalhar para tornar o casamento satisfatório para ambos.

— Você é minha esposa. Seus irmãos agora são minha responsabilidade. Um passeio no parque em família não é ultrajante.

Louise estudou Luke por um instante, já que jamais o ouvira usar tal termo. Ela estendeu a mão e pegou a mão dele, apertando-a um pouco.

— Um passeio no parque seria ótimo.

Nas semanas seguintes, eles fizeram várias viagens ao parque, o museu, Vauxhall e Richmond Park. Aos poucos, ela aprendeu mais sobre o marido, o que ele gostava e não gostava. Riram das fofocas, e nos bailes e festas, ele sempre estava ao seu lado, protetor e marido.

A noite em que ele colocou a pequena Lady Clara no lugar, diante de Louise, foi um ponto excepcionalmente alto no relacionamento dos dois.

Louise ficou ao lado de Luke no baile Cavendish, esperando a valsa que ela havia prometido ao marido. Ela segurou-o pelo braço, apreciando o calor que a pessoa dele proporcionava, estando tão perto. Ele a olhou, e ela suspirou, engolindo o nó preso na garganta.

Em algum lugar nas últimas semanas, ela se apaixonou completamente pelo homem. Eles riram e brincaram ao longo dos dias, aproveitando a família recém-formada, saindo em excursões, e Luke os levara para visitar muitos pontos turísticos de Londres que ela não conhecia. À noite, eles se reuniam, as paixões eram liberadas. Nenhuma noite, desde que ele a puxou para o quarto dele após a deliciosa viagem de carruagem para casa, ela dormiu na própria cama. Sempre na dele, sempre acordou em um emaranhado de braços e pernas.

Foi celestial, e ela foi impotente para impedir o próprio coração de cair de cabeça por ele. Ela o amava mais do que jamais pensou que uma pessoa pudesse ser amada. Ele era tudo para ela.

A questão era: ele a amava também?

— Está linda esta noite, minha senhora. — disse ele, inclinando-se, as palavras sussurradas contra o ouvido dela enviando um arrepio de prazer pela espinha.

— Parece bom o suficiente para comer, meu senhor. — ela brincou.

Os olhos dele ardiam de desejo, e ela agarrou o braço dele com mais força, gostando de que a ação empurrava o seio, o mamilo, contra ele e a provocava.

— E você deseja me comer aqui, minha senhora? — ele começou a guiá-los em direção a uma porta próxima.

Louise sorriu, seguindo sem questionar.

— Não vai dançar comigo? — ela perguntou, quando os primeiros acordes da valsa soaram.

— Não, temos outras danças para participar. Luke a puxou por vários cômodos, todos desertos e fechados para o baile.

— Conhece esta casa muito bem. — ela afirmou, não de todo à vontade com o fato.

Ele riu.

— Conheço a família toda a minha vida, portanto, a casa também. Não há mais nada nisso. — ele a puxou para uma pequena sala, de mobília moderada.

As cortinas estavam fechadas, mas com a noite de luar, o brilho infiltrava-se pelo tecido e banhava o cômodo com luz suficiente para conseguirem enxergar.

Luke apertou a mão dela, conduzindo-a devagar até um sofá próximo. Ele se sentou, olhando-a, e ela não se mexeu. Estava muito bonito, com seu terno superfino, os cabelos bem cuidados, e o lenço amarrado à perfeição. Ela queria bagunçar todo o corpo dele. Enviá-lo a uma espiral de caos tanto quanto ele sempre fazia com ela.

Louise se ajoelhou diante dele, e os olhos dele se arregalaram.

— O que está fazendo? — ele perguntou, embora nem um pouco tentado a levantá-la da posição ajoelhada.

Ela estendeu a mão e, sustentando o olhar dele, soltou cada botão das calças. Os olhos dele queimavam de desejo, e calor se

acumulou no núcleo dela. Quem diria que dar prazer, o que ela estava prestes a vivenciar, poderia gerar prazer também?

— Há algum tempo que quero tentar. Deixe-me. — ela disse, alcançando entre a aba das calças dele e apertando o membro rígido.

Ele se recostou no sofá, um participante disposto, e perversidade pulsou em suas veias. Louise afastou os joelhos dele e se aproximou do sofá. Ela passou a mão pelas coxas dele, os músculos fortes e tensos sob as palmas flexionando ao toque dela.

— É muito cruel da sua parte, minha senhora.

— Hm. — disse ela, puxando-o para fora.

Ela mordeu o lábio, nunca tendo visto o pênis dele de tão perto. Ela se perguntou por um instante como diabos ela o tomava dentro dela com facilidade. Ele era tão grande, tão sólido e duro, porém, a pele ao redor do falo era a coisa mais suave que ela já sentiu. Totalmente incrível.

Ele gemeu, empurrando-se na mão dela, e ela olhou para cima, cruzando os olhares. A respiração dele estava irregular, e ela intensificou o aperto, bombeando o pênis algumas vezes para provocá-lo mais.

— Você é uma raposa.

Louise se inclinou e beijou a ponta do pênis. Ele estremeceu ante o toque, e ela sorriu, mostrando a língua um pouco para lamber a gota de umidade que estava lá. Ele arfou o nome dela, segurando-a pela nuca, mas sem a puxar para baixo, apenas aceitando o que ela queria fazer com ele. E ela queria fazer muito.

Lambendo os lábios, ela os colocou sobre a masculinidade dele, deslizando para baixo no pênis inchado, correndo a língua ao longo da base do falo, provocando a veia que corria lá. Ela chupou,

aumentando a velocidade ao perceber que fazê-lo parecia dar ainda mais prazer a ele.

Ele era delicioso como ela sempre pensou que seria.



LUKE TINHA CERTEZA de que viu estrelas. Ter Louise de joelhos diante dele, tomando-o com a boca e chupando com uma precisão de especialista o deixou sem palavras. O corpo dele vibrou com o desejo, suas bolas incharam e doeram pela necessidade de liberação. O lado primitivo dele queria se derramar nessa boca, mas ele não o faria. Aqui não. Não esta noite.

Ele se recostou no sofá, segurando-a pela nuca, enquanto ela deslizava para cima e para baixo no pênis dele. Ele queria gozar, queria fodê-la de todas as maneiras que pudesse. Nas últimas semanas, ela enfraqueceu as defesas dele, e as paredes que ele ergueu ao redor do próprio coração foram se rompendo aos poucos.

O peito dele doía quando a vislumbrava pela casa, quando ela ria, ele sorria. Coisas tolas e estranhas como essas aconteciam o tempo todo, e pela primeira vez desde que era um menino, ele gostou do som de pessoas em sua casa.

De alguma forma, Louise havia mostrado o que significava ter uma família de novo. Ela o havia trazido para esse trio, transformando-o em um quarteto. Comovendo o coração dele.

Incapaz de aguentar mais um segundo sequer das ministrações dela, ele a puxou para o colo, agarrando-se à saia para levantá-la até a cintura e se embainhou por inteiro naquele núcleo apertado.

Eles gemeram em uníssono antes de ela se levantar sobre ele, beijando-o enquanto ela sentia o próprio prazer surgir do pênis dele.

— É uma sensação tão boa. — disse ele, beijando-a de volta e saboreando-se nos lábios dela.

Ela resmungou uma concordância ao aumentar o ritmo, os pequenos gritos de satisfação impedindo-o de gozar muito cedo. O núcleo dela sugou o pênis dele, quente e tentador como o pecado. Ela tremia nos braços dele, e ele sabia que ela estava perto. Ela o montou, sabendo como se dar prazer quando em cima dele assim, e ele se sentou lá, segurando-a e deixando-a ser preenchida.

— Você é tão linda. — ele arfou.

Louise murmurou o nome dele contra seus lábios enquanto as primeiras contrações do clímax a percorriam. Luke relaxou, permitindo que o núcleo o arrastasse junto, e ele gemeu o nome ao disparar sua semente, uma e outra vez.

Ele a beijou profunda e longamente, e a última pedra em seu coração se desfez, e a aceitou pelo que era.

Ele se apaixonou pela esposa.

CAPÍTULO 13



CHEGOU UMA CARTA, dois dias depois, de uma mulher alegando estar cuidando da tia dela, que adoecera durante sua visita a Bath. A mulher pedia que Louise e os irmãos viessem para Sandbach o mais rápido possível.

Louise colocou a carta no colo, olhando para Luke, que estava sentado à mesa, observando-a.

— Algum problema? — ele perguntou ao se levantar, aproximando-se dela. — De quem é a carta?

Louise a entregou para ele, antes de se levantar e tocar a campainha.

— Teremos que ir imediatamente. Mandarei as criadas embalarem uma valise para cada um de nós.

Luke ergueu os olhos da missiva, compreensão clara nos olhos.

— Claro. Mandarei preparar uma carruagem para vocês. Parto em um ou dois dias. Tenho uma sessão parlamentar amanhã que não posso perder. — ele se levantou, e a puxou para seus braços.

Ela colocou as mãos nas costas dele quando as lágrimas pinicaram seus olhos. A tia sempre esteve por perto, para todos eles, por todos esses anos. Após o casamento, ela enviou parte do dinheiro que guardara para ajudá-la com as viagens, e a tia não perdeu tempo viajando pela Inglaterra e Escócia.

Ter ficado doente em Bath, e soasse tão sério, era tão injusto.

— Bem quando ela estava se divertindo, enfim tendo tempo para si, isso acontece.

Luke esfregou as costas dela, beijando-a na têmpora nos cabelos.

— Talvez seja apenas um vírus passageiro, e ela logo ficará boa. Antes de entrar em pânico, espere para vê-la quando você chegar lá.

Louise assentiu.

Ele estava certo, é claro, mas o estômago dela se revirava ante a ideia de perdê-la. Ela era a última pessoa que tinham no mundo. O único parente de sangue vivo.

— Tentarei. — disse ela, assim que a porta se abriu, e um lacaio entrou.

— Prepare a carruagem de viagem e peça à criada de Sua Senhoria que prepare a bagagem para ela e seus irmãos. Agora. — Luke disse.

O jovem lacaio fez uma reverência.

— Claro, meu senhor. — disse ele, fechando a porta com cuidado atrás de si.

Ele se inclinou e beijou-a.

— Ficará tudo bem. Prometo.

Ela o abraçou de novo, esperando que sim.

~

A VIAGEM DE CARRUAGEM até Sandbach foi longa e árdua. Haviam renunciado a pernoitar na hospedaria de Northampton, apenas mudaram os cavalos, jantaram e continuaram em direção a Cheshire. Louise olhou pela janela, a noite se fechando depressa. A pousada havia dado tijolos aquecidos para eles, e nesta parte da Inglaterra parecia ter havido algumas tempestades de verão, a estrada lamacenta com água, empoçando em alguns lugares.

Ela olhou para os irmãos, ambos em sono profundo, cada um encostado em uma das laterais da carruagem. Observou as roupas

de qualidade deles, as bochechas mais cheias e sorriu, por enfim ter conseguido dar segurança a eles. A oportunidade de uma vida um pouco mais fácil do que as perspectivas anteriores.

Um grande estalo soou, e Louise agarrou as almofadas quando a carruagem tombou de forma alarmante para um lado. O som dos gritos dos cavalos, e dos irmãos, se fundiu com o dela enquanto saíam da estrada e desciam por um barranco.

Grama e pedra invadiram a carruagem, madeira lascada, e Louise arfou quando algo sólido se quebrou em sua testa. O mundo borrou diante dela, todos voando como bonecas sendo jogadas no ar, antes que tudo ficasse quieto, e felizmente, na paz, preto.



UMA SEMANA DEPOIS, Luke sentava-se ao lado da cama onde Louise estava deitada, imóvel e ferida após o acidente. Ao saber do acidente de carruagem, ele ordenou que ela e os irmãos fossem transferidos para a propriedade de Lorde Buxton, um amigo dele há anos, e que estava mais do que disposto a ajudar. Luke exigiu que o médico pessoal dele em Londres fosse até lá para os atender com urgência.

Infelizmente, Louise nunca chegaria a se despedir da tia, que faleceu no dia do acidente na carruagem. O coração dele doeu por ela acordar e descobrir tais notícias, notícias que partiriam seu coração.

Ele passou a mão pelo rosto dela, afastando uma mecha de cabelos que escorregara nos olhos. A testa exibia um corte grande e profundo que o médico suturou, mas deixaria uma cicatriz. Talvez a deixaria com uma cicatriz muito mais profunda do que a pele.

O médico os avisou que ela talvez nunca mais voltasse a ficar sã.

Ela não ter acordado de jeito nenhum, nem mesmo quando colocaram sais aromáticos sob o nariz não era um sinal favorável, pelo menos foi o que o médico afirmou. Luke falava com ela todos os dias, assim como lhe disseram para fazer. Contudo, ela continuou imóvel, nem mesmo um piscar de pálpebra ou contração de dedo.

Nada.

Ele se recostou, passando a mão pelo queixo enquanto a visão dela trazia um dilúvio de memórias. Da mãe, do pai e da irmã caçula deitados em suas camas, frios e mortos. Para jamais voltarem a sorrir ou rir.

Ele não poderia passar por isso de novo. Nunca deveria ter se permitido gostar. Nada de bom jamais saiu de gostar dos outros. Louise, deitada nesta cama, sem vida e pálida. A imobilidade dela era o que assombrava seus sonhos, um pesadelo que se tornou realidade. Um pesadelo que ele jamais quis tomar parte de novo.

A porta do quarto se abriu, e o irmão dela entrou mancando, a bengala ajudando-o. Também havia se machucado, uma torção grave no tornozelo, vários cortes e hematomas. De forma surpreendente, Sophie foi quem se saiu melhor dos três. Sofreu cortes e hematomas, mas conseguiu evitar a maioria dos objetos que a machucariam, e foi quem acenou para ajudar os irmãos quando escalou o dique e procurou ajuda.

O condutor foi encontrado morto, e o médico chegou à conclusão de que tivera algum problema médico antes de perder o controle da carruagem. Ambos os cavalos tiveram que ser abatidos. Quando Luke inspecionou a carruagem na cidade próxima, ele ficou surpreso que alguém tivesse sobrevivido a tal acidente.

Graças a Deus que sim, mas havia uma lição nisso para ele. Ele baixou a guarda, permitiu-se sentir e gostar de alguém de novo, apenas para flertar com a possibilidade de a ter arrancada dele. Se a vida ensinou algo para ele, deveria ter sido que talvez ele não fosse feito para amar. Talvez, ele não fosse digno da emoção.

— Alguma mudança, meu senhor? — Stephen perguntou, sentando-se do outro lado da cama.

— Não. — Luke se levantou e caminhou até a janela, precisando ver qualquer coisa além da esposa em tal condição. — Preciso voltar para Londres. Não tenho certeza de quando voltarei.

Stephen o encarou, seu rosto pálido.

— Não pode partir. Não com Louise em tal estado.

As palavras rasgaram a consciência dele, e ele as afastou. Quase perdeu esse jovem também. Um menino à beira da idade adulta de quem ele aprendeu a gostar. E pensar que todos poderiam ter sido arrancados, assim como a doce irmã dele. Seu estômago se revirou ante o pensamento. Ele não conseguiria.

O pânico se apoderou dele, e ele se encostou na vidraça para se apoiar, respirando fundo para não vomitar bem no tapete Aubusson aos seus pés. Se ele fosse embora agora, antes que ela piorasse, ele poderia se distanciar da situação. Permitir que outros lidem com o problema, que acabem com ele. Ficar, ver Louise piorar, murchar e morrer diante dele era algo inaceitável. Ele vira cadáveres o suficiente para uma vida inteira, não iria ficar e ver outro. Não se ele pudesse evitar.

— Preciso ir. — ele disse, incapaz de encontrar os olhos desaprovadores do irmão de Louise.

No entanto, ele não precisava olhar para o jovem para sentir a aversão dirigida para suas costas.

— Caso se importe com minha irmã, mesmo que seja um mínimo, vai ficar. Ajude-nos a trazê-la de volta.

Luke se encolheu.

Maldição, o desejo de disparar o percorreu, mas os pés permaneceram grudados no chão. A mente gritava para ele ir embora, e outra parte dele, uma parte que ele não pensava usar nunca mais desejava ficar. Ser forte e enfrentar o pior de frente.



— LUKE? — Louise lutou com a névoa que nublava a mente.

A mente foi inundada com imagens dela rolando, voando na carruagem, enquanto eles caíam no aterro. O som ecoava em seus ouvidos, e ela abriu os olhos, querendo se livrar de tudo.

Concentrou-se no teto que exibia imagens de querubins nas nuvens. Tentou se lembrar de onde estava indo e por quê. Olhou para a cama de dossel e não conseguiu identificá-la.

Onde ela estava?

— Luke? — uma mão quente e reconfortante apertou a dela, e ela fechou os olhos.

— Estou aqui, Louise.

— Stephen. Sophie? Onde estão…

— Nós dois estamos bem, irmã. — o irmão disse, pegando a outra mão dela e apertando-a com força. Ele se inclinou, e ela ouviu o soluço que quebrou a compostura dele. — Estamos um pouco machucados e doloridos, assim como você, mas vamos nos curar.

Alívio a invadiu como um bálsamo, e ela não conseguiu conter as lágrimas que escorreram pelo rosto. Eles sobreviveram. É tudo o que importa.

— O que aconteceu? — ela perguntou, olhando para Luke, sentado ao lado dela.

Ela estendeu a mão e tocou-o na bochecha. Ficou rígida quando ele se afastou dela.

— O condutor teve um episódio, o médico acredita que ele pode ter sofrido um espasmo cardíaco que o matou. Perdeu o controle da carruagem que tombou em um barranco, levando os cavalos com ela. É um milagre que qualquer um de vocês tenha sobrevivido.

A cabeça dela doeu, e ela estendeu a mão, ofegando quando sentiu o curativo na testa.

— O que aconteceu com meu rosto? — ela tentou sentir o ferimento, mas não conseguiu devido a tantas bandagens.

— Algo a acertou na testa. Talvez um tijolo de aquecimento da carruagem quando ela tombou. Foi um corte feio, vai ficar uma cicatriz. — Luke respondeu, todo sério e frio.

O irmão sorriu para ela.

— Ainda será tão bonita como sempre.

Louise riu, e então se encolheu quando a ação fez a cabeça latejar. Ela arfou.

— Titia. Precisamos ir. Devíamos estar ao lado da cama dela.

— Sinto muito, Louise. — o marido a interrompeu, empurrando-a de volta na cama. — Sua tia faleceu no dia do seu acidente — remorso tingia o tom dele. — Dormiu por uma semana. Não havia nada que pudesse ser feito.

Ela agarrou a mão de Stephen, e o irmão a abraçou com força.

— Nunca pudemos dizer adeus a ela. Após tudo o que fez por nós.

— Sabe que nossa tia estava feliz por todos nós, em especial por você. Não está mais com dor, Louise. O médico disse que já

suspeitava que ela estivesse doente há algum tempo, mas nunca disse a nenhum de nós. Ela está em um lugar melhor agora.

Louise tentou permitir que as palavras do irmão a acalmassem, mas não o fizeram. Eles deveriam ter estado lá. Deveriam ter segurado a mão dela quando faleceu.

— Pode me dar um minuto com Sua Senhoria, por favor, Stephen?

Ele assentiu, levantando-se.

— Claro. Direi a Sophie que está acordada, que ela pode visitá-la em breve.

— Obrigada. — disse ela.

Luke se virou para a porta.

— Stephen, mande uma carta ao médico dizendo que Sua Senhoria está acordada, que ele deve vir de imediato.

— Claro, meu senhor. — disse ele, fechando a porta atrás de si.

Louise se inclinou, precisando se sentar melhor.

— Pode, por favor, colocar algumas almofadas atrás de mim? Estou cansada de ficar deitada.

Luke a ajudou a se sentar, e ela suspirou de prazer com a nova posição. Precisava disso mais que tudo.

— Como está se sentindo? — ele se recostou na cadeira, observando-a, e ela franziu a testa, avaliando-se por dentro.

— Estou dolorida e com dor de cabeça, mas, fora isso, me sinto bem. Adoraria uma xícara de chá.

O marquês levantou-se e tocou a campainha.

— Se o médico aprovar, voltaremos para Londres assim que você puder.

Ela assentiu, sem saber como se sentia em voltar para a cidade. Neste exato instante, tudo o que desejava era um ambiente tranquilo no campo, longe da agitação da Temporada, onde ela

pudesse ler o quanto quisesse e explorar o novo lar um pouco mais. Ter tempo para lamentar pela tia.

— Sinto muito pela carruagem. Por todo esse problema. — ela olhou ao redor do cômodo.

Era muito bonito e bem cuidado, mas não era tão bom quanto seu quarto na cidade, ou a suíte na casa de campo deles.

Ele dispensou as preocupações dela com a mão.

— Não há nada para se desculpar. Só lamento que tudo tenha acontecido. Pensei que talvez nunca mais fosse acordar.

As palavras eram as de um homem que se preocupou e se importou nos últimos dias, mas o tom permaneceu frio e indiferente. Um arrepio a percorreu na espinha, e ela não conseguiu se livrar dele.

— Esteve aqui todo esse tempo?

Ela esperava que sim. Pensar que ele se importava o suficiente para estar ao lado dela até que acordasse decerto mostraria que ele se importava.

— Estive sim, mas devo partir hoje, infelizmente. Tenho negócios a tratar na cidade que não podem esperar. Agora que acordou, não sinto mais razão para perder tempo.

— Não pode esperar? — ela esticou a mão para a dele e, desta vez, ele a puxou, ligando as duas no colo.

Ele olhou para os próprios dedos, qualquer lugar que parecesse, menos ela. O que estava acontecendo? Antes de partir para encontrar a tia, eles estavam se dando muito bem. Estavam se aproximando, ou assim ela pensava. Então, o que mudou?

— Não é possível. Sinto muito, mas devo partir para Londres esta noite.

Louise se sentou, agarrando-se à cama enquanto o quarto girava.

— Por favor, não vá, Luke.

Ele a observou, apenas por um instante, antes de se levantar e partir para a porta.

— Sinto muito, Louise, mas devo.

— Luke. — ela disse outra vez quando ele se afastou do quarto.

Ficou olhando para o espaço vazio por longos segundos. Mesmo quando a irmã entrou correndo e agradeceu ao Senhor por ela estar acordada, ela ainda não conseguia se concentrar no que o irmão estava dizendo.

Por que Luke foi embora?

O que poderia ser mais importante do que estar juntos nessa hora? Ela caiu de volta na cama, permitindo que a irmã cuidasse dela enquanto a mente girava em pensamentos.

Ela melhoria e voltaria para casa. Talvez, tenha sido o choque de ela acordar ou, talvez, ele precisasse mesmo voltar para a cidade e não houvesse nenhuma maneira gentil de dizer que teria que deixá-la. De qualquer forma, ela estaria de volta a Londres em breve, e conversariam. Tudo ficaria bem.

Ela esperava que sim.

CAPÍTULO 14



LOUISE VOLTOU à cidade um mês antes de estar bem o suficiente para comparecer a um pequeno sarau que a Duquesa de Carlton promoveria. O marido, nas últimas semanas, havia se esforçado para evitá-la. Ele não ia mais a bailes e festas com ela, e parou de ir ao quarto dela, afirmando que ela não estava bem o suficiente. Que ela precisava descansar, não ele.

Quão pouco ele sabia.

Ela precisava dele, e era Luke quem ela queria. Esta noite era um deleite raro, e ele a acompanhou, e ela estava determinada a chegar nele. Fazer com que voltassem a ser como eram, que ele deixasse de ser este homem frio e indiferente que se tornou desde o acidente dela.

Louise o estudou na carruagem, enquanto ele olhava pela janela.

— Estou tão feliz por ter vindo para a festa de Mary. Obrigada por sair comigo.

Ele abriu um pequeno sorriso, mas foi tudo.

— Claro. — disse ele, ainda olhando pela janela. — Não podíamos decepcioná-los.

Louise torceu as mãos no colo, sem saber o que dizer para alcançá-lo.

— Está tudo bem, Luke? Desde o meu acidente, quase não o vejo.

Ele ergueu a sobrancelha, mas ainda se recusou a olhar na direção dela.

O que estava acontecendo?

— Lamento que esteja se sentindo ignorada, mas como esposa de um marquês, às vezes, faz parte do acordo, temo eu.

Ela franziu a testa, raiva substituindo a confusão em suas veias.

— Não me ignorava antes do acidente, na verdade, estávamos juntos na maioria dos dias. O que mudou?

Ele foi tão atencioso, amoroso com ela e os irmãos. Comprou um novo cavalo para cada um dos irmãos dela, e presenteou Louise com as joias da família. O homem sentado à sua frente, desdenhoso e cortante, não era o homem por quem ela se apaixonou.

Ele encolheu os ombros, o semblante de desinteresse.

— Nada mudou.

Ela balançou a cabeça, tendo ouvido o suficiente.

— Isso, meu senhor, é puro esterco de vaca. — disse ela, ajeitando-se para frente. — Você tem me evitado. Só recebo respostas monossilábicas de você. Nunca mais foi ao meu quarto. Criei cobras na cabeça desde o acidente? Você se transformará em pedra se ousar olhar na minha direção?

Ele a olhou então, e as sombras que permaneceram no olhar dele a fizeram sentir calafrios na espinha.

— Estou olhando para você agora.

Ela balançou a cabeça, incapaz de aguentar mais do tratamento dele. Se era assim que ele seria, quente em um dia e frio como gelo no outro, ela não queria fazer parte dessa farsa. Não era o que ela queria. Ela queria que ele a amasse tanto quanto ela o amava. Ele não ter estado lá durante as semanas de recuperação deveria tê-la alertado a esperar menos dele.

Tola, ela esperou que tivesse sido apenas um susto para ele, e logo estaria de volta ao normal. Exatamente como ela estava. As esperanças foram frustradas durante as semanas desde que voltara

à cidade, e ele devagar, aos poucos, desapareceu da vida dela por completo.

— É esse o tipo de casamento que quer? Quer que sejamos estranhos? Marido e mulher apenas no nome? Diga-me agora, porque se for assim, não quero tomar parte nisso.

Ele fez um som de deboche, e ela se encolheu.

— É um pouco tarde para isso, minha senhora. Casou-se comigo, não foi? Sabendo muito bem que nunca desejei ser amarrado a uma esposa. Este é o preço que tem que pagar para ter meu nome. Lamento que esteja desapontada, mas é o que é. Sugiro que vá em frente e tire o melhor proveito da situação ruim.

Louise assentiu, os olhos queimando com lágrimas não derramadas.

— Suponho que esteja certo. Farei o que pede.

O músculo do queixo dele se flexionou, e ele a olhou por um longo segundo, antes de se mover em direção à porta enquanto a carruagem diminuía a velocidade.

— Aqui estamos. Venha. — ele disse esticando a mão para ela quando chegou à calçada.

Louise não se mexeu.

— Estou com uma dor de cabeça repentina. Por favor, dê minhas desculpas a Mary e ao duque.

Ele gesticulou para que ela o seguisse.

— Venha, Louise. Deve comparecer.

Ela balançou a cabeça, envolvendo a capa nos ombros, precisando daquele calor após o frio repentino que sentiu percorrer as veias.

— Não. Por favor, avise ao condutor que deve me levar de volta para casa. Obrigada.

Ele fechou a porta da carruagem, os músculos da mandíbula flexionando, antes de dizer.

— Leve Lady Graham para casa, obrigado. — ele disse ao condutor e, sem olhar para trás, partiu para as portas da casa.

Louise se recostou nas almofadas, esfregando a testa palpitante.

— Adeus, Luke. — ela sussurrou enquanto ele desaparecia de vista assim que a carruagem balançou para frente, e eles seguiram em direções diferentes.

Para começar vidas diferentes.

CAPÍTULO 15



LOUISE SENTAVA-SE em uma cadeira reclinável ao ar livre, um cobertor de lã sobre os joelhos, enquanto olhava para o terreno de sua casa. Ou da propriedade de Lorde Graham em Kent, pelo menos.

Ela já estava aqui há várias semanas, e ele ainda não viera vê-la. Ela esperava que, ao perceber que ela deixara a casa em Londres, após o soirée do duque e da duquesa, ele tivesse caído em si e a seguido.

Não o fizera, e agora, por pura teimosia, ela não voltaria à cidade para procurá-lo. Ela pediu que ele explicasse o que estava errado. Pediu que voltassem a ser como eram, e em vez de explicar suas ações, ele a envolveu em frieza, indiferença. Dispensou os desejos e necessidades dela, e em troca, exigiu um casamento como o que desejou antes de se aproximar dela.

No entanto, e o que ela queria em um casamento? Ele não ligava para os sentimentos dela?

Sophie se sentava na cadeira ao lado dela, um livro no colo enquanto olhava para o gramado.

— Vi que o correio chegou hoje. Algo do marquês? — a irmã perguntou, abrindo o livro na página em que havia parado.

Louise balançou a cabeça.

— Apenas uma carta de Mary e do advogado da titia. A casa de campo em Sandbach foi vendida, e os fundos estão sendo direcionados para investimentos que darão a você e a Stephen fundos para seus casamentos.

Sophie estendeu a mão, apertando a dela.

— É sempre tão boa para nós. Obrigada por se importar tanto conosco. É a melhor irmã que alguém poderia desejar.

Louise deu um tapinha na mão dela, lutando contra as lágrimas. Ela andou chorando bastante, e pelas coisas mais estranhas. Sem mencionar que seu estômago estava muito instável. Os dois fatos deveriam lhe trazer alegria, pois ela sabia o que significavam, mas não era assim. Em qualquer caso, não como deveriam ser.

Ela queria compartilhar as novidades com o marido, com os irmãos, mas não podia. Pelo menos não ainda. Quando voltasse a ter controle das emoções e trancasse o coração para o homem com quem se casou, um que deixou bem claro que se importava muito pouco com ela, então ela contaria para ele e a família.

Ela agarrou a barriga. Não importava o que acontecesse entre ela e o marquês, ela amaria esta criança de todo o coração. Nunca permitiria que a criança se sentisse indesejada ou não amada como ela se sentia nesse instante. Estúpido da parte dela ser tão apegada a um homem que disse que nunca quis se casar com ela, mas o coração teve suas próprias ideias, e ela ficou impotente para evitar a negligência e se apaixonar por ele.

Não a ajudava muito.

— Vai contar ao marquês?

Louise olhou de supetão para a irmã, franzindo a testa.

— Como assim? — ela perguntou, esperando que quisesse dizer algo bem diferente.

Sophie gesticulou em direção à barriga da irmã.

— O bebê? Falará do bebê com ele?

Louise respirou fundo para se acalmar, o estômago embrulhando de pavor.

— Como sabe disso?

A irmã fez um som de deboche, pegando o livro.

— Vomita todas as manhãs, dorme ao meio do dia e chora quando perde no xadrez. Creio ser bastante óbvio que está grávida.

Ante as palavras da irmã, ela riu, pela primeira vez em uma era, e não podia se arrepender da diversão. Ela não considerou muitas coisas engraçadas nas últimas semanas, mas de alguma forma, o irmão e a irmã sempre conseguiam animá-la.

— Ele merece saber? — ela disse, arrependendo-se das palavras assim que as disse.

Claro que ele merecia saber, mas queria? A ideia de que ele desprezaria um filho tanto quanto a havia desprezado a encheu de pânico e, talvez, uma pequena quantidade de raiva. Ela não permitiria que ele tratasse essa criança assim. Ele teria que passar por cima do cadáver dela, antes de desprezar um filho deles.

— Precisa dizer a ele, Louise. — a irmã suspirou, balançando a cabeça. — As últimas ações dele não fazem sentido. Quando você se machucou, ele ficava ao lado de sua cama todos os dias e todas as noites. Recusava-se a sair do quarto a menos que fosse forçado. Então, ele se levantar e sair, quase entrar em pânico quando você acordou, não faz sentido.

Louise franziu a testa, pensando nas observações da irmã.

— Perguntei em Londres o que o estava incomodando, e ele não me contou. Foi tão frio e indiferente, muito desinteressado por mim e muito diferente de como era antes do acidente.

O irmão delas saiu para o terraço, apenas um pequeno mancar remanescente do tornozelo machucado.

— Acredito saber o que aconteceu com o marquês.

— Mesmo? — Louise e Sophie disseram em uníssono.

— O quê? — Louise perguntou.

— Ele nunca me contou o que aconteceu com exatidão, mas ele perdeu a família quando era jovem, certo?

Louise assentiu.

— Isso mesmo. Não estava com eles quando o acidente ocorreu e ficou órfão.

O irmão assentiu, um olhar contemplativo no rosto.

— Foi um acidente de carruagem, não foi? Tenho certeza de que ouvi os funcionários da propriedade de Lorde Buxton falando disso. Mencionaram como o marquês teve o azar de quase perder a esposa, e a família dela, da mesma forma que perdera a dele.

Louise olhou para os irmãos em choque. Como ela mesma não percebeu esse fato? Ela pensou em tudo o que sabia do marquês, antes e depois do casamento e, embora soubesse da morte da família dele, nunca perguntou como ocorreu.

Um acidente de carruagem.

Pobre Luke.

O acidente dela, sem dúvidas, trouxe memórias terríveis e medos de que ele jamais se esqueceria, então, em vez de abraçá-la, ser grato pela sobrevivência dela, ele a afastou.

Ele protegia o próprio coração.

— Preciso voltar para Londres. — ao ouvir as palavras dela, um lacaio saiu para o terraço. — Minha senhora, o marquês Graham chegou.

CAPÍTULO 16



UM MÊS APÓS LOUISE deixar Londres, Luke desmoronou e foi para os White's, não querendo ficar em casa mais um dia. Recusou todos os convites para eventos na cidade e, em vez disso, se dedicou a negócios imobiliários, indo tão longe a ponto de visitar suas propriedades de Sussex e da Cornualha. O tempo todo ele sabia que Louise estava na Residência Ashby em Kent. Ele lutou consigo mesmo para não ir até ela. Implorar perdão. Tentar a fazer entender.

Contudo, o que ele diria? Não havia muito que pudesse dizer para consertar o erro que cometeu, mas como?

A cadeira de couro estalou em frente a ele, e ele olhou para cima para ver Carlton sentado diante dele. Um copo de conhaque girando nas mãos do amigo.

— Agora passamos a beber, não é?

Luke fingiu ignorância e tomou outro gole, a cabeça girando um pouco, já que ele havia bebido muitos copos antes deste.

— Não sei do que está falando.

O duque ergueu uma sobrancelha incrédula.

— Por que não apenas admite que sente falta dela, seu idiota teimoso?

Ele se recostou mais na cadeira, sentindo-se menos inclinado a ouvir a razão quando falado dessa maneira. Porém, o que ele esperava? Agiu como um asno, e o duque sabia disso. Inferno, toda Londres sabia.

— Duvido que ela vá querer falar comigo, mesmo se eu a procurasse. Ela me deixou, lembra?

O duque zombou.

— Você a forçou a agir. O que esperava? Vi a maneira como você a observava em bailes e festas após o acidente. Você a ama e, ainda assim, a afastou. Precisa ir a Kent consertar este problema que você mesmo criou. Precisa dizer que a ama e que sente muito por estar com medo.

Luke colocou o copo vazio na mesa diante dele, passando a mão pelo queixo, surpreso ao sentir a barba por fazer ali. Inferno, ele cometeu vários deslizes nas últimas semanas. Até a própria aparência.

Carlton estava certo. Ele estava com medo. Morrendo de medo de amar Louise com tanta ferocidade que a ideia de a perder gelou sua alma. Entretanto, não podia mais viver com esse medo. Ele o deixou controlá-lo por tempo suficiente, permear sua vida e assombrar seus sonhos.

Ele praguejou e se levantou.

— Parto amanhã de manhã.

A decisão tirou um peso que o vinha pressionando nos ombros há anos, e com isso, ele se sentiu livre. Não viveria mais meia vida. A hora de viver era o agora. Seria o que seus pais desejariam. O que a pequena Isabella desejaria para o irmão mais velho.

O duque se levantou, passando o braço nos ombros dele e conduzindo-o em direção às portas da sala de fumantes do andar de cima.

— Bom rapaz. Dê lembranças a Louise e boa sorte, meu amigo, embora eu tenha certeza de que não precisará.

Ele apenas assentiu, esperando que fosse verdade.

— Até a próxima Temporada.

Luke deixou o White's e voltou para casa, logo dando ordens acerca de sua partida para a Residência Ashby ao amanhecer.

Todos os funcionários se puseram a preparar a partida dele. Luke subiu as escadas, precisando cuidar da própria higiene, antes de ver Louise de novo. O mundo dele havia virado um desastre, assim como sua aparência, mas ele não precisava que ela visse também. Esconderia isso dela, pelo menos por fora, pois os céus sabiam, ele era uma bagunça por dentro, e a única cura para o mal dele era a esposa.

Louise.

CAPÍTULO 17



LUKE ENTREGOU a missiva ao lacaio, para entregar à marquesa, e se dirigiu ao velho olmo que dava para o vale no lado oeste da propriedade. Olhou para os túmulos dos pais e da irmã caçula. Sempre jovem com apenas seis anos.

Ele fechou os olhos por um instante, contendo as lágrimas antes de olhar para as três lápides, sentindo sempre a mesma emoção atravessá-lo quando as visitava.

Culpa.

Culpa por ter se recusado a sair naquele dia. Queria ficar na propriedade, brincar com seus soldados de brinquedo. Sempre se perguntou se ele estivesse lá, talvez pudesse tê-la salvado. Talvez ele estar na carruagem poderia ter mudado os destinos de todos.

Um galho se quebrou atrás dele, e ele se virou para encontrar Louise parada diante dele. Ela era a coisa mais doce que já havia entrado na vida dele. Uma mulher tão cheia de um amor que queria dar a ele também, mesmo quando ele não queria nem um grama disso. Mesmo assim, ela persistiu e acabou vencendo-o. Ganhou o coração dele.

Apenas para ele mandá-la embora ao primeiro sinal de dificuldade. Ele era um idiota, mas com sorte, ela o perdoaria pela estupidez.

— Louise, esta é minha família. — ele disse, dando um passo para o lado e mostrando os túmulos além.

Ela passou por ele, ajoelhando-se para ler cada uma das lápides, antes de se levantar, os olhos azul-escuros cheios de perguntas e mágoa. Maldição. Ele colocou tal emoção lá, e deveria

ser chicoteado por tal atitude. Nunca quis machucá-la. Não de propósito.

— Morreram quando eu tinha oito anos. Indo para um piquenique do qual me recusei a participar. Eu não queria deixar meus brinquedos, sabe, e sendo o idiota egoísta que eu era, pude brincar enquanto eles morriam a menos de três quilômetros daqui.

— Ó, não, Luke. — ela estendeu a mão para ele, pegando a dele.

Ele balançou a cabeça ante a habilidade dela de se importar, mesmo após tudo o que fez. Ele brincou com os dedos dela por um instante, precisando de tempo para se recompor, o nó na garganta ameaçador de grande.

— Os cavalos ficaram assustados, e a carruagem rodou. Todos morreram, nunca mais voltaram para casa naquela noite. A casa foi fechada, e eu fui mandado para Sussex, para morar com minha avó. Uma mulher que me tolerava, me ensinou como ser marquês, mas pouco mais. Eu me esqueci, entende.

Os olhos dela sustentaram os dele, e ele pôde ver as lágrimas não derramadas nos olhos dela.

— O que você se esqueceu, Luke? — ela perguntou.

— Eu me esqueci de como era ter uma família. Uma família carinhosa e alegre para voltar para casa. Esqueci-me do que era ser responsável pelos outros e cuidar deles. Querer o melhor para a família, agora e no futuro. — ele se aproximou dela, pegando-a pelas mãos. — Quando você se feriu, não conseguia ver direito. O medo de que nunca mais acordasse, assim como minha família nunca acordou… eu não conseguiria passar por essa situação de novo, e entrei em pânico porque já tinha ido longe demais.

— Longe demais? — ela franziu a testa, se aproximando. — Como?

Ele olhou para o céu, rezando por forças, para não perder toda a compostura.

— Veja, eu amo você. Só de pensar que eu a perderia, que poderia ser tirada de mim em uma fração de segundo. Não consegui suportar a ideia.

Ela estendeu a mão, segurando-o pela mandíbula.

— Sendo assim, me afastou para se proteger. — Louise se ergueu e colocou os braços em volta do pescoço dele, segurando-o perto. — Estou aqui, Luke. Não morri. Sobrevivi. Desta vez, você não perdeu tudo.

Ele passou os braços em volta das costas dela, sentindo o calor da pele, o aroma de jasmim, a expansão do peito a cada respiração que dava. Tão diferente da família dele, que era fria, cinzenta e imóvel como a morte.

Ele se agarrou a ela, a memória o bombardeando, e ele arfou; e, pela primeira vez desde que era uma criança, ele chorou. Chorou pela perda dos pais, pela perda da irmã que tanto tinha a dar ao mundo e nunca teve a chance. Pela perda da infância e da capacidade de amar. Mas não mais. Louise havia derrubado as paredes defensivas dele, mostrado que amar é viver, e ele não queria nada mais do que amar e estar com ela para sempre e todo dia.

— Sinto muito, minha querida. — ele disse, beijando-a no pescoço. — Jamais a afastarei de novo. Nunca.

Louise esfregou as costas dele, um gesto reconfortante que o lembrou da própria mãe.

— Também sinto muito. Eu não sabia, Luke. Deveria ter perguntado. Quando perdemos nossos pais, fomos jogados na casa de nossa tia e, embora ela nos amasse, éramos muito pobres. Também fui mandada embora aos oito anos, mas ter meus irmãos

para amar e cuidar me fez querer apenas protegê-los, mantê-los sempre seguros. — ela fez uma pausa, recuando para olhar para ele:

— Eu pretendia viajar para York a trabalho, mas esperava um dia me casar com um homem que eu amasse, que pudesse sustentar a mim e aos meus irmãos. Quando entrou no meu quarto naquela noite, pensei que todos os meus sonhos haviam sido destruídos. Que havia arrancado aquele futuro de mim, mas não o fez. Só fez meus sonhos se tornarem realidade.

Ela estendeu a mão, enxugando as lágrimas que secavam no rosto dele.

— Tornei?

Ela assentiu.

— Sim. — ela sorriu, inclinando-se para beijá-lo. — Também o amo muito e prometo, será preciso muito mais do que um acidente de carruagem para me separar de você. Tem minha palavra nisso.

Ele tentou sorrir, mas os lábios apenas vacilaram.

— Promete?

Ela o envolveu com os braços de novo.

— Prometo.

EPILOGUE



Sete meses depois

LOUISE EMPURROU quando dor rasgou seu corpo, ameaçando parti-la em duas. A parteira ajoelhava-se entre suas pernas, dizendo para empurrar, que ela podia ver a cabeça do bebê, mas Louise estava farta. Só queria que tudo acabasse. Que a dor parasse.

Tentou fechar as pernas, e a parteira fez *tsc tsc* para ela, afastando os joelhos.

— Vamos, minha senhora. Empurre com força. — Estamos quase lá.

Luke a ergueu mais alto no peito e segurou as mãos dela.

— Vamos, meu amor. Tão forte quanto possível. Estamos quase lá.

Um bebê chorava nos braços de Sophie, que estava ao lado da cama, as lágrimas da irmã escorrendo para o recém-nascido, e Louise queria dizer que parasse de babar no bebê, antes que outra contração a atingisse, e ela se abatesse. Ela só sentia um pouco de alívio quando empurrava.

— Isso, minha senhora. — Louise se deixou cair em Luke, ofegante. — A cabeça está fora agora, minha senhora. Mais um empurrão para os ombros e pronto.

— É melhor que seja assim. — Louise disse, ignorando a risada de Luke em seu ouvido.

A contração veio rápida e forte, e ela empurrou com todas as forças, querendo que a criança saísse, e a dor acabasse.

Por favor, Deus, que isso acabe.

Ela gritou enquanto o bebê avançava e saía para o mundo. Um grito estridente e alto no quarto partindo do outro bebê, que a irmã segurava.

— É um menino, meu senhor, minha senhora. Os senhores têm uma menina e um menino.

Luke se sacudiu atrás dela, e ela afagou os braços dele, sabendo que o marido estava emocionado com a notícia. A parteira entregou a criança para uma criada, e Louise olhou para Luke, sorrindo. Ele se inclinou, um beijo suave.

— Obrigado, minha querida, por me dar um presente tão maravilhoso. — ele olhou para os bebês, orgulho transbordando dele e fazendo-a sorrir. — Não acredito. Gêmeos.

— Bem, correm na família, preciso lembrá-lo, Luke. — a irmã dela disse, apontando para si.

Louise riu, e a parteira declarou que ela estava bem o suficiente para se recostar na cama. Luke saiu de trás dela e ajudou a acomodá-la em uma parede de travesseiros nas costas. E, em seguida, ela fez um gesto para que os bebês fossem entregues para eles.

Sophie colocou a menina nos braços de Louise, e Luke, tendo tirado o filho da criada, veio se sentar na cama ao lado dela. Eles olharam e brincaram com os bebês por um tempo, enquanto a parteira limpava o quarto e dava instruções à criadagem.

— Estarei de volta após o jantar e dormirei aqui esta noite, apenas para ter certeza de que tudo está bem durante a noite.

Luke ergueu os olhos e assentiu.

— Obrigado, Sra. Turner. Agradeço bastante.

Sophie acompanhou a parteira até a porta.

— Vamos deixá-los a sós por um instante. Trarei Stephen para conhecer os novos sobrinhos mais tarde.

— Obrigada, Sophie, por hoje. Você foi maravilhosa.

A irmã assentiu e saiu, fechando a porta atrás dela com cuidado.

Louise olhou entre os bebês, doces e inocentes, e seu coração se encheu ainda mais do que jamais imaginou ser possível.

— Temos uma pequena família. — disse ela, passando o dedo pelos cabelos dourados da filha, que só eram visíveis no alto da cabeça.

Luke se inclinou e beijou Louise na têmpora.

— Já éramos uma família, só que agora somos uma família maior.

Ela riu, supondo que fosse verdade.

O filho se agitava nos braços do pai, e Luke murmurou algo e o bebê logo se acalmou.

— Ele gosta de você. — Louise estendeu a mão e tocou a bochecha do filho, tão suave e nova. Tão perfeito.

— Posso perguntar algo a você, querida? — Luke encontrou o olhar dela, antes de olhar para a filha.

— Claro, o que quiser.

Ele respirou fundo e ficou quieto por um instante antes de dizer:

— Eu gostaria de dar o nome da minha irmã para ela. Creio que Isabella combina com esse rostinho bonito.

Louise olhou para a filha, balançando a cabeça.

— Concordo que ela se parece com Isabella também. — ela ergueu a filha, beijando sua bochecha. — Olá, Isabella. Prazer em conhecê-la.

Luke ergueu o filho e o beijou também.

— E quanto a este jovem robusto? Como devemos chamá-lo?

— Que tal darmos o nome do pai dele. Sempre tive um amor por esse nome.

Luke olhou para ela depressa.

— Meu nome?

Louise assentiu, voltando-se para o filho, sem acreditar que acabara de dar à luz dois bebês, e vivera para dar um nome a eles. Decerto, durante toda a provação, houve instantes em que ela pensou que morreria com toda a certeza.

— Sim, o seu nome. Luke, Visconde Tomlinson, futuro Marquês Graham. Acredito que combina muito bem com ele.

Luke sustentou o olhar dela, e ela leu todo o amor que ele tinha por eles ali, pois, sem dúvida, refletiam os dela. Ele se inclinou e beijou-a de novo, demorando-se um pouco dessa vez.

— Obrigado, querida. Já disse hoje o quanto a amo?

Ela sorriu, assentindo.

— Disse. Várias vezes, mas pode repetir se quiser. Gosto de ouvir.

— Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. — ele repetiu.

Ela riu.

— E eu também te adoro.

Para sempre.

QUERIDO(A) LEITOR(A)

Obrigada por reservar um tempo para ler *Um Beijo de Verão*! Espero que tenha gostado do primeiro livro da minha série Beijos Inesperados. Louise e Luke não tiveram uma estrada perfeita para chegarem ao felizes para sempre deles, mas no final, eles conseguiram, felizmente. Espero que tenha gostado da jornada de Luke e Louise em direção ao amor.

Sou eternamente grato aos meus leitores, então, se puderem, gostaria de receber uma crítica honesta de *Um Beijo de Verão.* Como se costuma dizer, alimente um autor, deixe um comentário! Pode entrar em contato comigo em tamaragillauthor@gmail.com ou assinar meu boletim informativo para ficar por dentro de minhas notícias.

TAMBÉM POR TAMARA GILL

Traduções portuguesas

Liga dos Cavalheiros Incasáveis

Tente-me, Sua Graça

Travessa de Coração

Ouse Ser Escandalosa

Pecaminosa com você

Beije-Me, Duque

O Marquês é Meu

Para se casar com um patife

Só se for um conde

Só se for um duque

Só se for um visconde

Só se for um Marquês

Só se for uma Lady

Beijos Inesperados

Um Beijo de Verão

Lordes de Londres

Como Atormentar um Duque

Como Enlouquecer um Marquês

Como Tentar Um Conde

Como Confundir um Visconde

Como Desafiar uma Duquesa

Como se Casar Com uma Marquesa

Viagem no tempo

Uma Temporada Roubada

SOBRE A AUTORA

Tamara é uma autora australiana que cresceu em uma antiga cidade mineira no sul da Austrália, onde seu amor pela história surgiu. Tanto que ela fez seu querido marido viajar para o Reino Unido em sua lua de mel, e o arrastou por diversos monumentos históricos castelos.

Seus três filhos, dois cavalheiros em formação e uma futura lady (ela espera), e um emprego de meio período a mantêm ocupada no mundo real, mas sempre que consegue um momento de paz ela adora escrever romances em uma gama de gêneros, incluindo o período regencial, medieval e livros do gênero paranormal.

Tamara adora saber de seus leitores e outros escritores. Você pode contatá-la através de seu site, e se inscrever para receber o feed de seu blog ou newsletter.

www.tamaragill.com
tamaragillauthor@gmail.com

